

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

NATÁLIA ALEXANDRE BARROS

**RECURSOS COGNITIVOS MOBILIZADOS NA PRÁTICA DO DEBATE CRÍTICO E
DO MODELO TRADICIONAL: UM ESTUDO COMPARATIVO**

RECIFE
2014

NATÁLIA ALEXANDRE BARROS

**RECURSOS COGNITIVOS MOBILIZADOS NA PRÁTICA DO DEBATE CRÍTICO E
DO MODELO TRADICIONAL: UM ESTUDO COMPARATIVO**

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de mestre em Psicologia Cognitiva.

Área de Concentração: Psicologia Cognitiva.

Orientadora: PhD. Selma Leitão Santos.

RECIFE
2014

Catálogo na fonte
Bibliotecária: Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

B277r Barros, Natália Alexandre.
Recursos cognitivos mobilizados na prática do debate crítico e do Modelo Tradicional : um estudo comparativo / Natália Alexandre Barros. – 2014.
207 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Selma Leitão Santos.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Recife, 2014.
Inclui referências e apêndices.

1. Psicologia cognitiva. 2. Discussões e debates. 3. Raciocínio. 4. Pensamento crítico. 5. Pensamento reflexivo. 6. Argumentação. 7. Debate regrado. I. Santos, Selma Leitão (Orientadora). II. Título.

153 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2017-207)

NATÁLIA ALEXANDRE BARROS

Recursos Cognitivos Mobilizados na Prática do Debate Crítico e do Modelo

Tradicional: Um Estudo Comparativo

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de mestre em Psicologia Cognitiva.

Aprovada em: 28 / 02 / 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dra. Selma Leitão Santos (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^o. Dra. Kátia Calligaris Rodrigues (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^o. Dr. Clécio dos Santos Bunzen Junior (Examinador Externo)
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo investigar as competências cognitivas mobilizadas nos participantes de dois modelos de debates, a saber, o modelo nomeado de “Tradicional”, que faz referência aos modelos políticos utilizados em sala de aula, e o modelo de Debate Crítico – (MDC). Assumimos neste trabalho a argumentação como uma atividade discursiva, social e de natureza dialógica/dialética, que leva o indivíduo a justificar pontos de vista, considerar perspectivas opostas, alternativas e responder a oposição com o fim último de aumentar a aceitabilidade do seu ponto de vista e diminuir a aceitabilidade do ponto de vista do oponente. O estudo da argumentação no campo da ciência psicológica é relevante por compreendermos que os movimentos discursivos, que são próprios da argumentação, possibilitam o desenvolvimento do pensamento metacognitivo/reflexivo. Apesar do grande impacto do uso do discurso argumentativo na cognição, quando se propõe o uso da argumentação na sala de aula se tem como foco o desenvolvimento da retórica e a aprendizagem de um gênero específico como por exemplo, o debate regrado. O objetivo é permitir ao estudante o desenvolvimento das habilidades necessárias para a apresentação e defesa públicas das ideias, ou seja, é dada especial ênfase nos aspectos retóricos da argumentação. Com o objetivo de utilizar o debate como ferramenta para o desenvolvimento da cognição, Fuentes (2011) propõe uma nova forma de organizar um debate regrado, denominando-o de Debate Crítico. Este modelo surge como uma crítica aos modelos que tem o foco apenas nos aspectos retóricos, e busca evidenciar os aspectos dialéticos e dialógicos do discurso argumentativo, e favorecer o desenvolvimento do pensamento reflexivo. Tendo em vista os aspectos acima mencionados, o presente trabalho se propôs a comparar os dois modelos de debate em termos das competências cognitivas mobilizadas, com o foco principal no aspecto reflexivo possibilitado na e pela argumentação. O estudo proposto teve uma amostra intencional composta de alunos de duas turmas do ensino médio de uma escola pública da região metropolitana da cidade do Recife. Em uma turma foi executado o modelo de debate crítico (adaptado para sala de aula) e em outra turma o modelo de debate regrado apresentado pelo livro didático como orientado no livro didático adotado pela escola. Foram executados três debates para cada modelo. Os debates foram videogravados. A análise dos dados foi feita em dois níveis: microanalítico e macroanalítico. No nível microanalítico buscou-se identificar o discurso argumentativo dos participante utilizando a unidade de análise proposta por Leitão (2000) composta de argumento, contra-argumento e resposta, e foi dada especial atenção à resposta, já que na unidade de análise é o indicador empírico do movimento

reflexivo. No nível macroanalítico buscou-se comparar os dois grupos de debates em relação à produção argumentativa usando também a unidade de análise. Os resultados obtidos demonstraram que os movimentos cognitivos mobilizados pelo modelo de debate tradicional foi, em sua maioria, a formulação de um ponto de vista e, quando solicitado, a sua justificativa. Já as competências mobilizadas pelo modelo de debate crítico foram de explicitar pontos de vista, justificar, formular e responder contra-argumentos.

Palavras chave: Argumentação. Debate. Pensamento Reflexivo.

RESUMEN

Este trabajo tuvo como objetivo investigar las competencias cognitivas movilizadas en los participantes de dos modelos de debates, a saber, el modelo denominado "tradicional", que hace referencia a los modelos políticos utilizados en el salón de clase y el modelo de Debate Crítico - (MDC). En este trabajo se asume la argumentación como una actividad discursiva, social y de naturaleza dialógica/dialéctica, que lleva al individuo a justificar puntos de vista, considerar perspectivas opuestas, alternativas y responder a la oposición con el fin último de aumentar la aceptabilidad de su punto de vista y disminuir la aceptabilidad desde el punto de vista del oponente. El estudio de la argumentación en el campo de la ciencia psicológica es relevante por comprender que los movimientos discursivos, que son propios de la argumentación, posibilitan el desarrollo del pensamiento metacognitivo/reflexivo. A pesar del gran impacto del uso del discurso argumentativo en la cognición, cuando se propone el uso de la argumentación en el salón de clase se tiene como foco el desarrollo de la retórica y el aprendizaje de un género específico como por ejemplo el debate reglado. El objetivo es permitir al estudiante el desarrollo de las habilidades necesarias para la presentación y defensa pública de las ideas, es decir, se hace especial énfasis en los aspectos retóricos de la argumentación. Con el objetivo de utilizar el debate como herramienta para el desarrollo de la cognición, Fuentes (2011) propone una nueva forma de organizar un debate reglado, denominándolo Debate Crítico. Este modelo surge como una crítica a los modelos que tienen énfasis sólo en los aspectos retóricos y busca evidenciar los aspectos dialécticos y dialógicos del discurso argumentativo, así como favorecer el desarrollo del pensamiento reflexivo. Considerando los aspectos arriba mencionados, el presente trabajo se propuso comparar los dos modelos de debate en términos de las competencias cognitivas movilizadas, enfatizando, principalmente, en el aspecto reflexivo posibilitado por la argumentación. El estudio propuesto contó con una muestra intencional compuesta por estudiantes de dos grupos de enseñanza media de una escuela pública de la región metropolitana de la ciudad de Recife. En un grupo se realizó el modelo de debate crítico (adaptado para el aula) y en otro grupo el modelo de debate reglado tal como especificado en el libro didáctico adoptado por la escuela. Se realizaron tres debates para cada modelo. Los debates se grabaron. El análisis de los datos se realizó en dos niveles: microanalítico y macroanalítico. En el nivel microanalítico se buscó identificar el discurso argumentativo de los participantes utilizando la unidad de análisis propuesta por Leitão (2000) compuesta de argumento, contra-argumento y respuesta, y se prestó especial atención a la

respuesta, ya que en la unidad de análisis es el indicador empírico del movimiento reflexivo. En el nivel macroanalítico se buscó comparar los dos grupos de debates en relación a la producción argumentativa usando también la unidad de análisis. Los resultados obtenidos demostraron que los movimientos cognitivos movilizados por el modelo de debate tradicional fueron, en su mayoría, la formulación de un punto de vista y, cuando solicitado, su justificación. Las competencias movilizadas por el modelo de debate crítico fueron explicitar puntos de vista, justificar, formular y responder contra-argumentos.

Palabras clave: Argumentación. Debate. Pensamiento Reflexivo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 OBJETIVOS	13
3 REVISÃO DA LITERATURA	14
3.1 A Concepção Dialógica da Linguagem.	14
3.2 O desenvolvimento das funções humanas superiores e o papel da linguagem	17
3.3 A Argumentação: Um Tipo de Discurso Privilegiado	19
3.4 A Argumentação na Sala de Aula e o Gênero Debate	21
4 MÉTODO	30
4.1 Amostra	30
4.2 Procedimento de Construção dos Dados e Seleção do Corpus.	31
4.3 Procedimento de Análise dos Dados	37
4.4 Fases da Análise:	38
5 ANÁLISE DOS DADOS	39
5.1 Protocolo 1 – Modelo de Debate “Tradicional”	40
5.2 Protocolo 2 – Modelo de Debate Crítico – 1	67
6 CONCLUSÃO	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83
APÊNDICE A - Protocolo 3 - 2º Modelo de Debate Tradicional	86
APÊNDICE B- Protocolo 4 – 3º Modelo de Debate Tradicional	143
APÊNDICE C - Protocolo 5 - 2º Debate Crítico	184
APÊNDICE D - Protocolo 6 - 3º Debate Crítico	196

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo se insere no campo da Psicologia Cognitiva, e tem como objetivo investigar as competências cognitivas mobilizadas nos participantes de dois modelos de debates regrados em duas turmas do primeiro ano do Ensino Médio. Os debates utilizados serão o modelo que denominamos “tradicional” por remeter ao que é mais utilizado nos ambientes de ensino-aprendizagem e possuir o foco maior nos aspectos retóricos da argumentação, e o modelo de debate crítico – (MDC) que tem como principal objetivo desenvolver habilidades de pensamento crítico.

Esta investigação torna-se relevante para o campo da psicologia cognitiva por ter como principal objeto de estudo as habilidades de pensamento que são geradas a partir do engajamento em atividades sócio-discursivas, e neste trabalho de modo mais específico o debate. Os principais referenciais teóricos para esta investigação são as ideias propostas por Vygotsky (2008) que afirma que existe uma relação indissociável entre o pensamento e a linguagem de forma que um vai interferir no desenvolvimento do outro, as ideias propostas por Leitão (2007) de que as especificidades do discurso argumentativo possibilitarão o desenvolvimento de um tipo específico de processo cognitivo denominado de pensamento reflexivo, e as ideias propostas por Fuentes (2011) de que os modelos de debates tradicionais não potencializam o desenvolvimento da criticidade.

Assumimos neste trabalho que a argumentação é uma forma específica de discurso que permite ao indivíduo, em uma situação de impasse, posicionar-se diante de um ponto de vista, defendendo-o – com o objetivo de aumentar a aceitabilidade – ou colocando uma ideia contrária ao ponto de vista inicial do proponente com o objetivo de diminuir a aceitabilidade da ideia perante uma audiência. (BERNARD e HUNTER, (2008) PLATIN (2008); GOVIER (2010); LEITÃO (2007)).

Para Leitão (2007), a estrutura inerente ao discurso argumentativo de justificar pontos de vista, considerar ideias alternativas e responder à oposição, torna-o um recurso privilegiado de mediação para a formação do pensamento reflexivo. Isso se dá porque no momento em que o indivíduo leva em consideração as objeções feitas (contra-argumentos) e tem a necessidade de responder, ele desloca o foco da atenção e do pensamento das suas considerações sobre o mundo (ponto de vista) e coloca nas bases que os fundamentam suas ideias. Dessa forma, o indivíduo no momento que argumenta tem como foco de pensamento, não mais o objeto sobre o qual ele

argumenta, mas sim, a ideia que ele tem sobre o objeto, realizando assim um movimento metacognitivo.

Outro aspecto importante é a possibilidade de construção de conhecimento. No momento em que se argumenta, perspectivas diferentes são colocadas em diálogo e uma negociação entre os conhecimentos apresentados ocorre. Essa negociação abre a possibilidade para a revisão do próprio ponto de vista, como também para a revisão do conteúdo sobre o qual se argumenta, dando a possibilidade de que ocorra mudanças conceituais.

A partir das informações acima sobre as implicações da argumentação no pensamento fizemos uma breve revisão da literatura sobre a argumentação no campo psicológico e educacional e foi possível perceber que, nos últimos anos, ocorreu um aumento significativo nas publicações com foco no ensino da argumentação, nas competências cognitivas mobilizadas pela mesma, e no uso na educação. Constatamos que esse aumento se deu principalmente (i) porque os professores, das diversas disciplinas curriculares e dos diversos ciclos escolares, estão utilizando muito mais esse discurso em sala de aula, ora como objeto de ensino, ora como estratégia de ensino do conteúdo curricular e (ii) por entender, professores e pesquisadores, que a argumentação é uma organização discursiva que contribui para o desenvolvimento da capacidade crítica/reflexiva do indivíduo. (CRISTOVAO, DURÃO e NASCIMENTO, (2003); ALTARUGIO, DINIZ e LOCATELLI, (2010); LARRAÍN e FREIRE (2011), HENAO, (2011), LEAL, BRANDÃO, CORREIA *et al* (2010)

No Brasil, a preocupação com o ensino da argumentação, com o desenvolvimento das competências básicas para um posicionamento mais crítico e o exercício pleno da cidadania para os estudantes do ensino médio, aparecem em um documento elaborado pelo ministério da educação intitulado: Parâmetros Curriculares Nacional do Ensino Médio (Brasil, 2000). Esse documento tem como finalidade circunscrever as diversas áreas do conhecimento e orientar as escolas sobre quais conteúdos devem ser trabalhados. Nele é proposto, em seus aspectos mais gerais, que o aluno deve ter uma formação ética, desenvolver a autonomia intelectual e o pensamento crítico, ter um preparo básico para integrar-se ao mundo do trabalho com condições de acompanhar as mudanças que acontecem no nosso tempo e o desenvolvimento das competências necessárias para continuar aprendendo de maneira autônoma e crítica nos níveis mais complexos e elevados de estudos.

Neste mesmo documento, a disciplina de Língua Portuguesa é apresentada como carro-chefe para o desenvolvimento das competências acima citadas, já que é por meio da linguagem que

o indivíduo pode posicionar-se no mundo social em que ele está inserido. Para o Governo, que é o órgão que propõe esse documento, é por meio do diálogo, tanto entre essas vozes, como pessoalmente, que o aluno poderá confrontar, defender e explicar as suas ideias de forma organizada nos diversos contextos permeados pela linguagem. É proposto também, que o professor incentive a autonomia do aluno dando a possibilidade de que o mesmo se posicione de forma que possa formar de maneira equilibrada e por meio do diálogo o seu ponto de vista sobre o objeto de estudo em questão.

Enquanto que o PCN orienta a construção do currículo no território nacional, os parâmetros curriculares do Estado de Pernambuco organizam em que momento os conteúdos serão apresentados aos alunos. O trabalho com o discurso argumentativo no primeiro ano do ensino médio, e mais especificadamente com debate regrado, está localizado no quarto semestre, como uma modalidade de aprendizagem do gênero oral.

O debate pode ser definido segundo Freeley e Steinberg *apud* Fuentes, (2011 :225) como “um processo de questionamento e defesa, uma forma de chegar a julgamentos fundamentados sobre uma proposição”. Já o debate regrado, pode ser definido como aquele que possui regras pré-estabelecidas de funcionamento. Nas escolas, os modelos de debates regrados que prevalecem são os orientados pelos livros didáticos e a forma como ele é organizado tem como principal objetivo fazer com que o aluno aprenda como o gênero debate funciona e que o estudante aprenda a apresentar bem as suas ideias.

Críticas têm sido feitas a modelos de debate que possuem o foco apenas na persuasão e que deixam de lado os aspectos que potencializam os aspectos críticos/reflexivos da argumentação. Fuentes (2011 :227) propõe um modelo de debate nomeado de Modelo de Debate Crítico (MDC) que tem como objetivo “resgatar os elementos dialógicos do debate que foram atenuados pela tradição competitiva. ”, e com isso o foco não estaria exclusivamente nos aspectos retóricos da argumentação, mas sim, na possibilidade de que, por meio do debate, os participantes desenvolvam competências metacognitivas.

Ao constatar que o gênero debate regrado é trabalhado em sala de aula, ao nos depararmos com a proposta do Modelo de Debate Crítico tivemos o interesse de comparar os dois modelos de debate regrado – a saber, o Modelo de debate Crítico (foco na reflexão crítica) e o modelo ‘tradicional’ de debate (foco persuasivo, na prevalência do próprio ponto de vista), com o objetivo de observar as competências cognitivas mobilizadas em cada um deles, principalmente com ênfase

nos aspectos reflexivos do pensamento. Diante disso, objetivamos contribuir na expansão dos estudos psicológicos sobre as relações entre argumentação e metacognição, bem como com o desenvolvimento de práticas pedagógicas efetivas de argumentação em sala de aula que possibilitem o desenvolvimento de competências metacognitivas nos indivíduos.

Tendo como ideias principais as apresentadas até o presente momento, na primeira seção faz-se uma apresentação dos pressupostos teóricos que fundamentaram a presente investigação, a saber: (i) a concepção de linguagem adotada por este trabalho a partir dos pressupostos teóricos proposto por Bakhtin, (ii) as ideias propostas por Vygotsky sobre o desenvolvimento da cognição humana mediados pela linguagem em um contexto sócio-histórico, (iii) a argumentação como um discurso privilegiado para o desenvolvimento do pensamento reflexivo apoiando-nos nos estudos realizados por Leitão, e (iv) o ensino da argumentação nas escolas brasileiras e mais especificamente o uso do debate regrado “tradicional” e a estrutura de debate crítico proposta por Fuentes. Na segunda seção serão apresentados os objetivos que nortearam o presente trabalho, na terceira seção o procedimento de construção e análise dos dados, na quarta os resultados e a discussão, e por fim, na quinta seção a conclusão do estudo.

2 OBJETIVOS

Como indicado anteriormente, o objetivo deste trabalho foi investigar as competências cognitivas de argumentação mobilizadas nos participantes de dois modelos de debates regrados praticados em sala de aula, a saber, o modelo nomeado de “Tradicional”, que faz referência aos modelos utilizados com mais frequência em sala de aula e que possuem o foco na prevalência do próprio ponto de vista, e o Modelo de Debate Crítico – (MDC).

3 REVISÃO DA LITERATURA

Tomaremos, no campo da Psicologia, como principal referencial teórico as ideias de Vygotsky. Ele propõe que o desenvolvimento da cognição humana é indissociável da linguagem e de um contexto sócio-histórico (VYGOTSKY, 2008). Decidimos fazer aproximações com os estudos da Linguagem e assumir um referencial teórico dentro desse campo para melhor entender e refletir quais são as propriedades da Linguagem que constituem a cognição humana e, nesse campo de conhecimento, assumiremos as ideias propostas por Bakhtin por encontrarmos coerência teórica com a perspectiva sócio-histórica.

As propostas de Vygotsky e de Bakhtin, apesar de estarem em domínios de estudos diferentes, têm em comum a ênfase aos aspectos de natureza social tanto dos processos psicológicos que são tipicamente humanos, como do entendimento da Linguagem. Isso se dá, principalmente, pelo contexto histórico-cultural em que foram geradas as ideias, teorias e perspectivas metodológicas. Ambos produziram na Rússia do século XX, influenciados pela teoria e prática da filosofia marxista, o materialismo histórico-dialético.

Segundo Freitas (1994) não fica evidente uma interlocução entre os autores, mesmo estando no mesmo país e produzindo na mesma época, mas é possível perceber e fazer aproximações entre as teorias dos dois autores. Entre as interlocuções que podem ser feitas, a principal delas é considerar na “linguagem a chave da compreensão para as principais questões epistemológicas que atravessavam as ciências humanas e sociais” (:157). A seguir serão explanados os pontos mais relevantes das duas perspectivas para este trabalho e como o diálogo entre elas pode proporcionar um melhor entendimento sobre a constituição da cognição humana mediada pela linguagem.

3.1 A Concepção Dialógica da Linguagem.

Bakhtin (2003) tinha interesse em construir uma teoria marxista da chamada criação ideológica, entendendo-se aqui ideologia ou criação ideológica segundo VOLOSHINOV *apud* MIOTELLO (2005:169) como “todo conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras [...] ou outras fontes sógnicas.”. Pode-se notar na definição acima que na construção da ideologia, o signo assume um papel central, porque é por meio dele que a realidade social ou natural pode ser percebida, interpretada e expressa pelo indivíduo. O signo seria todo o conjunto de materiais que surgem de um grupo organizado e que recebem uma função na vida social e que passam a ter um significado que vai além das suas características particulares. (BAKHTIN *apud* MIOTELLO, 2005).

Todo conjunto de signos produzido por um determinado grupo social é denominado de universo de signos, podendo assumir duas formas: uma verbal e outra não verbal. A forma verbal materializada na palavra, assume um papel fundamental em sua concepção de linguagem. Para ele, “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência” (BAKHTIN, 2006: 34). Ao ressaltar a importância do signo verbal e dar ênfase de que ela é ideológica por excelência, ele quer dizer que ela funciona em qualquer situação social, e que é resultado da interação entre o locutor e o interlocutor relacionando-se com a vida, com a realidade. A palavra é resultado da ideologia, e se torna um “signo ideológico” por carregar as entoações e valores dos interlocutores com os valores que estão atribuídos/ou agregados pela sociedade. (STELLA, 2005)

Não devemos pensar que a palavra vai substituir os signos não verbais, colocando um superpoder na palavra, principalmente porque algumas coisas não são exprimíveis em palavras, mas podemos pensar que todos os outros signos que não são verbais se apoiam ou são acompanhados pela palavra. Isso pode ser visto, por exemplo, em uma peça musical, no momento em que o canto, que é palavra, acompanha a melodia. (BAKHTIN, 2006).

Os signos, sejam eles verbais ou não verbais, compõem e são compostos pela ideologia que pode ser definido como todo conjunto de produção de um grupo social organizado que passa a significar além das suas características particulares. Os signos carregam uma carga axiológica (valorativa) que é moldada pelo campo ideológico em que eles estão inseridos, passando pela apreensão e interpretação da realidade, pelo indivíduo situado em um determinado contexto ideológico, esses movimentos são conceituados por Bakhtin (2006) de reflexão e refração. Para ele, os signos refletem e refratam a realidade.

Refletir é a possibilidade que o signo dá de mostrar uma realidade que é externa ao sujeito, a realidade material, e a refração é a dinâmica de construção do mundo no contexto histórico e relacionado com a dinâmica de cada indivíduo, sendo também uma dinâmica múltipla e heterogênea onde são expressas as experiências concretas de cada grupo humano, ou seja, as possíveis interpretações que podem ser dadas à realidade. (FARACO, 2003). Não existe uma realidade refletida que não é refratada. BAKHTIN *apud* FARACO (2003) traz, “não é possível significar sem refratar”, já que a significação não está dada no signo, mas é construída na história e é marcada pelas diversidades dos grupos humanos.

Para Bakhtin não se pode pensar em uma única forma de construir, de refratar a realidade, mas pode-se pensar na multiplicidade da refração. Isso se dá porque o signo é plurívoco, por ter uma

neutralidade e uma pureza semiótica. A possibilidade de percorrer os mais variados campos semânticos-axiológicos é o que faz com que o signo funcione na sociedade.

Segundo MEDVEDEV *apud* FARACO (2003) as diversas refrações que o signo permite é o que faz com que os signos sejam vivos e móveis e que originem as vozes sociais. As mesmas são influenciadas pelo momento histórico que cada grupo social está inserido, dando origem as mais variadas verdades e os inúmeros discursos axiológicos que permeiam a sociedade.

As muitas vozes sociais são denominadas de heteroglossia e, no contexto sociocultural, elas se encontram estabelecendo uma dinâmica que pode ser de um possível apoio, de total ou parcial desacordo, podem se aglutinar, entre tantos outros movimentos possíveis. Esse encontro de vozes que se inter cruzam frequentemente e de muitas maneiras dará origem a outras vozes sociais, e esse movimento Bakhtin vai chamar de heteroglossia dialogizada ou plurilinguismo dialogizado. (FARACO,2003)

A metáfora do diálogo, utilizada por BAKHTIN *apud* FARACO (2003) é um dos conceitos mais caros desta concepção de linguagem. Para ele, o movimento de diálogo entre as vozes é próprio da ideologia e é o que faz com que o universo de signos seja vivo, móvel e dinâmico, sendo formado por um encadeamento de enunciados em que um enunciado responde a outro enunciado e provoca resposta de outro enunciado.

Propor uma concepção de linguagem que seja dialógica tem algumas implicações, e uma delas é a consciência de que existe um interlocutor. Esse interlocutor é um “outro eu” que se revela livremente e que é independente podendo ser uma pessoa real em uma interação face a face ou até uma relação entre enunciados. (FARACO, 2003, FREITAS 1994) “O dialogismo propõe um tipo especial de relação entre sentidos das quais só podem participar enunciados plenos, “através dos quais” ou nos quais se autoexprimem sujeitos reais ou potenciais do discurso” (BEZERRA, 2006: 197).

Estas são algumas das construções teóricas que Bakhtin propõe. Esta concepção de linguagem nos parece coerente com a perspectiva de desenvolvimento que apresentaremos a seguir: a concepção Sócio-Histórica de desenvolvimento da cognição humana proposto por Vygotsky é relevante para este estudo principalmente por entendermos que a atividade de debater permite claramente o encontro das diversas vozes que são carregadas de valor axiológico, que refletem a realidade e que são refratadas pelos envolvidos na atividade, e é essa linguagem, com suas propriedades dialógicas que vão ser mediadoras do desenvolvimento cognitivo.

3.2 O desenvolvimento das funções humanas superiores e o papel da linguagem

Vygotsky tinha como objetivo caracterizar os aspectos do comportamento que são exclusivamente humanos e levantar hipóteses de como essas características se desenvolveram, tanto na história da humanidade como na história de vida do indivíduo. (REGO, 2001). Ele propõe que o desenvolvimento de comportamentos que são exclusivamente humanos ocorre em duas etapas, passando de um nível mais elementar para um nível superior, tendo como principal mediador do desenvolvimento, a linguagem compartilhada no grupo social.

Para Vygotsky (2008), a forma como uma criança experimenta e interage com o ambiente externo antes da apropriação da linguagem são bem próximas da forma como outros animais também o fazem. A maneira como essas experiências acontecem estão relacionadas com o comportamento inato, com o instinto de sobrevivência, no plano das ações mecânicas, e podem ser aprendidas a partir da repetição. Todos esses comportamentos e respostas aos estímulos estão completamente desassociados de algum significado, já que a construção de um significado é intermediado pela linguagem e compartilhada em um ambiente social. Para Vygotsky (2008), esta organização do pensamento é elementar e não seria suficiente para afirmarmos que existe um indivíduo, portanto faz-se necessário o desenvolvimento das funções que ele denomina de funções psicológicas superiores, que são exclusivamente humanas. No entanto, para que ela se desenvolva é fundamental que inteligência prática, ações mentais desprovidas de significado, e a inteligência abstrata, que ocorre quando o indivíduo se apropria da linguagem, convirjam no curso do seu desenvolvimento.

Dessa forma, para que as características que são exclusivamente humanas se desenvolvam faz-se necessário que o indivíduo esteja inserido em um contexto linguístico e sócio-cultural. Rego (2001: 58) ressalta: “Quando isolado, privado do contato com outros seres, entregue apenas a suas próprias condições e a favor dos recursos da natureza, o homem é fraco e insuficiente. ”

As funções cognitivas superiores permitem ao indivíduo realizar atividades como, memorizar, fazer relações, abstrair, interpretar, tomar decisões, imaginar, etc. Permitem ao indivíduo significar as suas experiências no mundo.

Para que as atividades que são partes das funções cognitivas superiores ocorram é necessário que a criança esteja em constante interação com o meio social “já que as formas psicológicas mais sofisticadas emergem da vida social” (REGO, 2001:61). Inicialmente o adulto é quem apresenta o mundo para a criança, ele que interpreta, dá sentido, atribui significado tanto do mundo para a criança como das ações da criança no mundo, e é por meio da linguagem que essa apresentação é feita. “É

pela mediação dos signos que a criança se incorpora progressivamente à comunidade humana, internalizando sua cultura e tornando-se um indivíduo cultural, ou seja, humanizado”. (SIRGADO, 2000: 42.)

A criança em seu desenvolvimento passa de uma regulação externa, experiência mediada por outro sujeito, para uma auto regulação, ou seja, ela própria organiza a sua experiência no mundo, e isso é alcançado por meio da apropriação do sistema simbólico predominante em seu contexto sócio-histórico. No momento em que ela se apropria da linguagem ela poderá não só direcionar ação do outro, como começar a “*falar para si*” (GÓES, 2000) conseguindo se auto-regular, tomando, através da fala, a própria ação como objeto de pensamento. A relação entre o desenvolvimento da cognição e os recursos semióticos não é algo que já existe estabelecido na cognição, acontece com o decorrer do desenvolvimento do indivíduo, o que já vem com o indivíduo é a disposição para que essa associação ocorra.

Ao se apropriar dos recursos semióticos e fundamentalmente da linguagem, o indivíduo é levado a perceber o mundo de maneira diferente. VYGOTSKY *apud* REGO (2001:64) afirma que “as funções cognitivas e comunicativas da linguagem se tornam, então, a base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças, distinguindo-as dos animais”.

Por meio da linguagem é possível interpretar, dar um sentido para além da pura estimulação externa e também participar ativamente da construção de conhecimento, além de aprender e lembrar o aprendido, entre outras atividades que são exclusivamente humanas.

A forma como Vygotsky entende o desenvolvimento do psiquismo humano pode ser enquadrado dentro das teorias consideradas dialógicas em que a interação entre a cognição, o social e a linguagem assumem uma função primordial. A linguagem, entendendo-se linguagem da forma mais ampla, assume um papel mediador do desenvolvimento cognitivo, se ela não está presente, o sujeito não desenvolve satisfatoriamente todas as faculdades humanas, para isso, o sujeito tem que estar em constante interação com o meio social que é onde a linguagem e o mundo simbólico se apresentam. (LEITÃO, 2007).

Considerando que a linguagem assume um papel fundamental no processo de regulação externa para a auto regulação e com isso o desenvolvimento das funções que são exclusivamente humanas, podemos pensar que diferentes tipos de discurso podem estimular o desenvolvimento de diferentes competências cognitivas. Dentre os tipos existentes, LEITÃO (2007) propõe que o tipo de discurso argumentativo que envolve justificar um ponto de vista e dar respostas a posições alternativas, é uma

forma privilegiada em relação a outros tipos linguísticos por permitir a regulação cognitivo-discursiva do sujeito.

Essa regulação acontece porque no momento que o sujeito tem que justificar um ponto de vista, ele toma o seu próprio discurso como objeto de pensamento e no momento de responder a posições alternativas ele também tem que se voltar sobre o que foi dito para pensar nos limites que podem existir. Esse tipo de movimento discursivo que acontece por meio do engajamento no uso do discurso argumentativo e que permite que o sujeito tenha seu próprio discurso e, conseqüentemente o próprio pensamento, como objeto de análise promove o que chamamos de pensamento reflexivo. A seguir desdobraremos um pouco mais sobre essa ideia.

3.3 A Argumentação: Um Tipo de Discurso Privilegiado

Argumentar, dar razões para uma afirmação, não é somente uma atividade linguística, é também uma atividade social. Ela permite que em um impasse o indivíduo se posicione diante de um ponto de vista, defendendo-o – com o objetivo de aumentar a aceitabilidade - ou colocando uma ideia contrária ao ponto de vista inicial do proponente. (BERNARD e HUNTER(2008); PLANTIN (2008); GOVIER(2010); LEITÃO (2007)).

No momento em que o indivíduo se vê diante de uma ideia contrária um processo de negociação entre pontos de vistas se inicia, o indivíduo então volta-se sobre o seu próprio pensamento para verificar as bases sobre as quais ele se fundamenta dando espaço então para uma revisão do próprio ponto de vista e gerando a possibilidade de mudança no ponto de vista inicial. A possibilidade de mudança é vista como um novo conhecimento que se constrói e só o discurso argumentativo é que possibilita, por meio da negociação entre pontos de vistas, esse resultado. O novo conhecimento pode ser chamado de recurso epistêmico da argumentação, sendo este um diferencial em relação a outros tipos de discursos.

Pensar sobre o próprio pensamento para avaliá-lo é segundo Leitão (2007) um movimento reflexivo que pode ser definido como: “Um processo auto-regulador do pensamento, processo este que se constitui quando um indivíduo toma suas próprias concepções sobre fenômenos do mundo (conhecimento) como objeto de pensamento e considera as bases em que estas se apoiam e os limites que as restringem. (LEITÃO *apud* LEITÃO, 2007:454).

O processo reflexivo acontece à medida que o sujeito volta seu pensamento sobre o seu próprio ponto de vista, e isso ocorre a partir do momento em que o indivíduo considera que existem ideias contrárias a dele e tem que se posicionar frente a elas. O movimento de se voltar sobre o próprio

pensamento, tomando-o como objeto de reflexão é um processo de natureza eminentemente metacognitivo (LEITÃO *apud* LEITÃO, 2007). Isso ocorre porque no momento em que o indivíduo argumenta, quando ele tem que fundamentar uma afirmação ou um ponto de vista, ele tem que se voltar sobre o seu próprio pensamento e refletir sobre ele, pensar os limites e as abrangências de seu discurso.

Para se perceber o movimento argumentativo LEITÃO (2001) propõe uma unidade de análise (entendida como a menor parte de um fenômeno, na qual se preservam todas as propriedades básicas que o constituem) capaz de capturar, no nível cognitivo-discursivo, o processo de reflexão do pensamento e a revisão de perspectivas implementadas pela/na argumentação, e o impacto deste processo na construção do conhecimento. A unidade de análise é composta de três elementos, são eles: argumento, contra-argumento e resposta. Cada um desses elementos possui as funções: discursiva, psicológica ou cognitiva e epistêmica.

No argumento a função discursiva identifica quais as teses (pontos de vista) e as ideias que o apoiam e dão fundamento; a função cognitiva coloca o ponto de referência no qual o processo de revisão de crenças vai se instalar; e a função epistêmica demonstra como o conhecimento está organizado naquele momento. No contra-argumento, a função discursiva apresenta o ponto de vista contrário, a oposição que é necessária para que a argumentação aconteça; a função cognitiva reconhece que existem outras formas de organizar o conhecimento; e a função epistêmica aponta para onde a construção do novo argumento pode seguir depois de ocorrido o movimento reflexivo.

Na resposta, a função discursiva explicita como se estruturou o novo conhecimento, se aconteceram modificações ou não; a função cognitiva revela a nova organização do conhecimento, acrescentando novos pontos de vista ao inicial ou refutando o contra-argumento; e a função epistêmica evidencia o novo conhecimento construído. A resposta é um dos fatores mais importantes para que possam ser percebidas as mudanças de pontos de vista e as construções de novos conhecimentos. (LEITÃO, 2007). Diferentes tipos de respostas podem surgir são eles: aceitação do contra-argumento e abandono total do argumento inicial; contestação do contra-argumento e preservação do ponto de vista inicial; aceitação do contra-argumento e uma reformulação dos elementos de apoio ao argumento inicial e por fim uma aceitação do contra-argumento e uma incorporação parcial ao argumento inicialmente proposto. A unidade de análise proposta é importante por permitir observar a construção do conhecimento em um indivíduo, capturando os mecanismos discursivos, psicológicos e metacognitivos

Diante disso, é possível entender a importância do uso do tipo de discurso argumentativo no contexto educacional para o desenvolvimento da competência reflexiva/crítica que é eminentemente metacognitiva. No Brasil, o currículo contempla esse tipo de discurso, e já que o discurso argumentativo pode se apresentar de várias formas, se propõe, então, que ao longo de toda a vida escolar o aluno esteja em contato com o discurso argumentativo para que ele possa desenvolver as suas capacidades críticas/reflexivas. A proposta é a utilização e o ensino dos variados gêneros argumentativos com o intuito de que o aluno possa não só desenvolver as capacidades pela utilização do gênero, mas que possa também produzir o gênero que necessita de acordo com o contexto em que ele está inserido.

3.4 A Argumentação na Sala de Aula e o Gênero Debate

O Ministério da Educação Brasileira propôs nos últimos anos uma mudança curricular, desde o ensino básico até o ensino médio, em todas as disciplinas. Esta mudança gerou um documento intitulado Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). A proposta é que sejam modificadas a forma de ensino das disciplinas, e essa mudança, mais especificamente na disciplina de português, se deu pela troca do ensino das tipologias para o ensino dos gêneros discursivos.

Partindo da concepção de linguagem adotada no presente trabalho, gênero pode ser definido como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2003:262). Bakhtin propõe que não existe uma quantidade fixa de gêneros, mas sim uma diversidade infinita já que cada atividade humana pode assumir muitas formas, desde uma conversa informal à uma manifestação acadêmica formal. Essas variadas formas podem apresentar-se tanto na forma oral como escrita.

Os gêneros “refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, não só pelo seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional” (BAKHTIN, 2003:261)

Todos esses elementos que Bakhtin seleciona: conteúdo temático, estilo da linguagem e a construção composicional, estão subordinados a um determinado campo de comunicação. Ainda que cada enunciado seja único existe certa estabilidade e é nesta estabilidade que se faz possível conceituar o gênero de discurso.

Schneuwly e Dolz (2004), apontam que o gênero serve como instrumento mediador entre as atividades discursivas que perpassam a sociedade e o indivíduo. Dessa forma, por meio do uso dos gêneros o indivíduo não só se apropria da realidade que o circunda, no domínio discursivo como

também desenvolve capacidades cognitivas específicas. No caso do uso dos gêneros argumentativos a possibilidade de desenvolver o pensamento reflexivo, como proposto anteriormente.

No contexto escolar, o uso do gênero não se dá apenas como instrumento de comunicação, mas também como objeto-aprendizagem. Ele passa por um desdobramento necessário, que podemos nomear de didatização, visto que a escola tem objetivos específicos como: possibilitar ao aluno o domínio do gênero de forma que ele possa apreciá-lo como também produzir tanto na escola como em outros contextos, dar a possibilidade do aluno desenvolver habilidades cognitivas que sejam utilizadas tanto no uso do gênero como também transferidas para outros contextos. Outro aspecto importante é que só pelo fato do gênero ser utilizado em uma situação diferente da que ele foi originado, modifica o gênero. Ele ganha um novo sentido, ainda que mesmo assim seja possível para o aluno aprender e utilizá-lo em outras esferas da sociedade e não somente no ambiente escolar.

O esforço escolar é sempre de aproximar o máximo possível das situações da realidade da vida fora da escola, mas mesmo assim, só o fato de ser feito na escola tem suas especificidades, fazendo com que seja um gênero escolar, variação do gênero original. Quando a escola se propõe a ensinar o gênero, ela insere o aluno em um espaço de “como se”, de forma que o gênero vai permitir uma prática da linguagem, que é “necessariamente fictícia, uma vez que instaurada com fins de aprendizagem” (SCHNEUWLY e DOLZ 2004:76),

Tendo em vista essas mudanças, ao olharmos de forma detalhada para o PCN proposto para o Ensino Médio, e com especial atenção para a parte II em que está inserido o ensino das Linguagens, o Governo propõe alguns objetivos com o intuito de que a escola ao desenvolver determinado conteúdo possa facilitar o desenvolvimento de competências nos alunos ao longo do três anos tendo em vista que são competências necessárias para que a vida acadêmica dos alunos possa seguir adiante e para que eles possam participar ativamente da vida social. (BRASIL, 2000)

Dentre as habilidades propostas uma está estritamente relacionada com o uso do discurso argumentativo: que o aluno chegue a “confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas” (BRASIL,2000). Ao propor o desenvolvimento desta habilidade espera-se que o aluno antes de fazer adesão a qualquer teoria seja capaz de avaliar criticamente as bases em que as teorias se sustentam, e desenvolver esta capacidade, segundo o documento, é uma tentativa de superar o achismo. É proposto também que o aluno juntamente com o professor, consigam rearticular o conhecimento de forma que não seja imposta uma única posição ou resposta, mas que esta seja parcial. Colocar em prática esse objetivo é “incentivar uma formação

crítica frente à própria produção e a necessidade pessoal de partilhar sentidos em cada ato interlocutivo.” (BRASIL,2000)

O PCN é uma orientação, parâmetros que as secretarias de educação devem ter em conta ao propor o currículo das escolas. A Secretaria de Educação do estado de Pernambuco propõe um outro documento nomeado de Parâmetros Curriculares Estaduais, esse documento que é baseado no PCN e que tem por objetivo nortear o trabalho dos professores, e mais especificamente, olhando para a disciplina de português, ele organiza os eixos das atividades, são elas: produção e compreensão de textos orais, leitura e compreensão de textos, produção de textos escritos, análise linguística e reflexão sobre a língua e literatura, para os anos do ensino médio. O PCE orienta, mas é no currículo, também organizado pelo governo e que tem por base o PCE, que os conteúdos aparecem com mais detalhes. No primeiro ano do ensino médio, momento foco deste trabalho, o currículo localiza o gênero argumentativo para todos os domínios no quarto semestre, e o primeiro gênero que é utilizado/ensinado é o do domínio oral: o debate regrado.

Percebemos então que o uso do gênero argumentativo é objeto de ensino tornou-se componente fundamental no desenvolvimento das competências críticas e reflexivas e o gênero debate regrado fundamental para o ensino da oralidade. A expectativa da secretaria de educação é que o aluno aprenda a: produzir textos orais e que tenha em consideração os elementos que estão envolvidos na situação discursiva, e que ele reconheça os efeitos que ocorrem ao usar diferentes recursos de coesão na produção desses textos. Os principais conteúdos trabalhados são os operadores argumentativos.

O debate é um gênero que tem uma forma composicional particular, e pode ser reconhecido pela grande maioria das pessoas. Isso se dá principalmente porque os modelos televisivos dominam fortemente a vinculação desse tipo de gênero. O modelo que domina em particular é um debate regrado muito utilizado nos debates políticos. Em sua forma composicional e em seus objetivos, o modelo de debate político dá ênfase à persuasão, seu principal objetivo é enfraquecer a ideia do oponente, fazer com que uma ideia domine sobre a outra a todo custo. (SCNEUWLY e DOLZ,2004)

Para operacionalizar o trabalho com o debate em sala de aula, o professor, utiliza como principal material didático, o livro Português Linguagens escrito por Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, impresso pela editora Saraiva. O livro que tivemos acesso, e que estava sendo utilizado pela escola, foi da 7ª edição, do ano de 2010.

Os autores trazem em primeiro lugar o contexto em que o debate acontece, e para eles, acontece em uma situação de argumentação oral, no momento em que se tem ideias divergentes sobre um

mesmo tema de interesse coletivo. Por ser um debate regrado, os participantes obedecem a algumas regras. Após isso, são apresentadas as principais características desse gênero como: a importância do moderador para organizar o debate, e estar atento se o debate pode ser enriquecido com algum aspecto que está sendo deixado de lado, as ideias apresentadas tem que ser diferentes ou até contrárias, é comum a retomada da fala do outro utilizando frases como, conforme fulano falou, concordo com, discordo com, o debatedor comumente vai expressar seu ponto de vista com frases como: na minha opinião, no meu ponto de vista, deve ser observado o padrão da língua, formal ou informal, utilizado no contexto do debate. Por fim, acrescenta que a atividade de debater não é brigar com o outro, mas expor de maneira livre o seu ponto de vista e conhecer o ponto de vista dos colegas. Quando debatemos pretendemos convencer o outro sobre o que pensamos, mas pode acontecer de sermos convencidos ao vermos por diferentes perspectivas o mesmo problema.

Após mostrar como o debate é utilizado de maneira geral, são apresentados os princípios e procedimentos para se realizar um debate. Os procedimentos para o moderador e para a organização da sala são: (i) a sala deve estar preparada e não existe uma única forma de organizar as cadeiras, podendo ser em círculo ou nas próprias filas, (ii) o moderador deve ficar em uma posição central para que possa ser visto por todos, deve iniciar cumprimentando os colegas e lembrando as regras já estabelecidas como também o tema do debate, deve indicar as pessoas que devem falar, indicar o tempo que o debatedor tem para falar, interferir se um debatedor não está sendo claro em seu argumento e se for superficial fazer perguntas como Por quê? Pedindo um exemplo ou pedindo que ele explique melhor alguma afirmação e interferir sempre que conversas paralelas ou outros ruídos atrapalhem o debate.

Para os debatedores as orientações são: (i) Tempo: o tempo deve ser igual para todos, o debatedor deve ir direto ao ponto no início da fala e se sobrar tempo pode usar com exemplos e quando um debatedor estiver falando, deve-se anotar o argumento que foi apresentado e retomar quando desejar (ii) procedimento: não deve levar as discussões para o lado pessoal, deve-se falar livremente sem ser interrompido como também não se deve interromper quem estiver falando, (iii) Expressão: deve-se falar de modo claro e articulado e se for necessário deve-se falar em pé para que todos escutem bem, olhar diretamente nos olhos do moderador ou dos demais participantes para que passe a impressão de firmeza e segurança, se tiver anotações deve-se ler de forma sutil e rápida, sem interromper o fluxo da fala e do pensamento. Deve-se manter a cabeça erguida e o tom da fala e não se deve fazer muita gesticulação para não distrair a atenção dos ouvintes. E por fim, (iv) Uso da língua:

deve-se usar a variação padrão da língua menos ou mais formal de acordo com os participantes do debate, deve-se evitar o uso reiterado de palavras e expressões como né, tipo assim, tipo, etc.. porque atrapalham o fluxo das ideias e dispersam a atenção dos ouvintes. Deve-se fazer referência a referência de outro debatedor usando expressões como conforme disse fulano, concordo com a opinião de fulano etc. Depois de feito o debate, os autores orientam que, deve-se avaliar o debate tendo em conta as orientações acima colocadas.

O modelo de debate acima apresentado foi chamado, neste trabalho, de modelo de debate tradicional por preservar a ênfase nos aspectos retóricos da argumentação.

Em outro contexto, o de debate inter-escolares, encontramos um outro modelo de debate regrado proposto por Fuentes (2011). Esse modelo de debate tem sido utilizado em Santiago do Chile, nos torneios de debates inter-escolares no Ensino Médio. Esse modelo surgiu a partir de críticas aos modelos tradicionais, ou seja, aos modelos que tinham o foco nos aspectos retóricos da argumentação, deixando em segundo plano os aspectos dialógicos, dialéticos e críticos do debate. Segundo Fuentes (2011) os aspectos retóricos da argumentação foram acentuados principalmente pelas tradições competitivas, em que o objetivo é ganhar a todo custo.

EYZAGUIRE *apud* FUENTES (2002) faz críticas aos modelos de debates existentes, para ele os debates que possuem o foco na retórica possuem algumas características como: (i) A confrontação é proposta de forma negativa e não como análise crítica, ou seja, como contraste entre posições, (ii) a falta de flexibilidade do ponto de vista, (iii) falta de abertura para a possibilidade de revisar o ponto de vista, (iv) não existe a cooperação no momento de resolução do conflito argumentativo, (v) tendência em desenvolver um comportamento hostil em relação à oposição, (vi) restrição para a co-construção do conhecimento e (vii) restrição da discussão a uma única proposição por debate.

Após fazer essas críticas, Fuentes (2011) defende que é necessário resgatar os componentes dialógicos que estariam presentes na situação dialógica apoiando-se na proposta RABOSSO *apud* FUENTES (2011) que é: (i) dois ou mais participantes que sejam capazes de produzir e de interpretar declarações linguísticas. (ii) uma linguagem que seja comum para os participantes e informação suficiente para ambos. (iii) uma sequência de atos de fala produzido pelos participantes. (iv) intervenções que sejam regradas. (v) um ou vários tópicos ou temas que dão identidade à situação e que mostram a relevância dos atos de fala dos participantes. (vi) um objetivo ou resultado possível que os participantes se proponham a alcançar de maneira cooperativa e, (vii)

um conjunto mínimo de regras gerais ou específicas que regulem o desenvolvimento e as exigências participativas de cada tipo de situação dialógica.

A grande maioria dos pontos acima citados podem ser encontrados na estrutura de outros formatos de debates, mas o ponto seis, que é a negociação de um resultado, não é possível encontrar em nenhum outro modelo, fazendo com que o foco esteja direcionado para a resolução da controvérsia e não para o convencimento do público sem avaliar os meios pelos quais esse convencimento acontece.

Diante disso, Fuentes (2011) propõe um modelo de debate que tem como objetivo resgatar os elementos dialógicos e críticos do debate, e coloca alguns fundamentos que garantem que a situação de diálogo seja crítica. São eles: existirem opiniões divergentes sobre um problema comum, explicitar sua tese sobre o problema em questão, ou seja, posicionar-se sobre o tema, dar argumentos que são passíveis de avaliação a seu favor, avaliar a posição contrária, mostrar os limites dessa tese e tentar persuadir o oponente da qualidade do ponto de vista proposto. E acrescenta, que não se deve prevalecer o interesse pessoal, mas sim, coletivo da questão e que a persuasão se dê por meio da utilização de argumentos que sejam passíveis de análise, tanto por uma avaliação formal como informal.

De maneira prática, Fuentes (2011) propõe que no debate devem existir três etapas, e estarão relacionadas com a fundamentação apresentada anteriormente, são elas: (i) Etapa de confrontação: fica estabelecido que existe uma divergência de opiniões, (ii) Etapa de abertura: decide-se resolver a questão por meio de uma disputa que possui regras e as posições são assumidas, uma de protagonista e outra de antagonista. A posição protagonista tem como responsabilidade defender a tese proposta, enquanto que a antagonista deve desafiar sistematicamente a outra posição. Esse desafio acontece principalmente ao mostrar os limites do argumento proposto pela posição contrária. (iii) Etapa de argumentação: momento em que a bancada protagonista oferece argumentos e a bancada antagonista desafia e requer dele mais argumentos, se necessário. Essa etapa é importante para a resolução do conflito existente, já que argumentos são oferecidos e avaliados pelos debatedores. (iv) etapa de fechamento ou conclusão do debate, neste momento fica estabelecido se questão foi ou não resolvida, com base na retirada, na reformulação ou na permanência do ponto de vista. As posições podem adotar opiniões diferentes das que iniciaram, podem retirar o ponto de vista, podem reformular, permanecer ou até mesmo adotar uma posição imparcial.

Na proposta de Fuentes (2011) o modelo de debate crítico possui uma estrutura que é composta de: (i) relatório de pesquisa: momento em que é apresentado um “estado da arte” do tema alvo do debate, tendo-se como objetivo que os participantes e o público tenham informal imparcial, ou seja, sem o interesse dos debatedores, ajudar aos participantes do debate na memorização do conteúdo, dar aos alunos a habilidade com a pesquisa e dar a possibilidade de uma pessoa com menos habilidade retórica participar do debate. (ii) debate restringido: definem-se as posições que serão defendidas e os participantes oferecem argumentos e contra-argumentos sobre o tema, (iii) debate aberto: neste momento os participantes não precisam mais respeitar as posições definidas anteriormente, pode-se assumir qualquer posição e defendê-la, (iv) reunião: momento que acontece antes da conclusão e que possibilita a organização da conclusão do debate por parte dos participantes. Neste momento existe a possibilidade de que um assistente auxilie e (v) a conclusão: neste momento deve-se apresentar uma conclusão do debate e deve conter três aspectos: uma síntese do que foi trazido ao longo do debate, uma apreciação valorativa do debate em termos da qualidade dos argumentos que foram apresentados e uma proposta de resolução para o caso.

Como já mencionado anteriormente, esse modelo de debate é utilizado em contextos de torneios inter-escolares. Leitão (2012) faz adaptações para o uso do mesmo em contexto de sala de aula, e seu primeiro foco foi uma adaptação para uma disciplina em uma universidade de Pernambuco. Os fundamentos teóricos permaneceram, as modificações aconteceram na adaptação para o novo contexto, agora, sala de aula, e essa apresenta desafios diferentes dos encontrados em um torneio de debate.

Como bem dito por Schneuwly e Dolz (2004), o gênero ao ser inserido em contextos educacionais passam por modificações, já que estes se tornam não só instrumento mediador entre o indivíduo e o mundo como também objeto de ensino. Os desafios encontrados para adaptação do MDC para a sala de aula foram: a quantidade de alunos que tem que ser atingidos na atividade, o conteúdo curricular que tem que ser trabalhado em sala, o número de aulas e a duração (horas/minutos) da aula. Todos esses aspectos fazem com que o gênero seja modificado diante da situação discursiva em que utiliza a linguagem.

As principais adaptações que aconteceram foram: (i) a meta que se tem ao utilizar o debate em sala de aula, que deixa de ser simplesmente o desenvolvimento de competências cognitivas, para ser também objeto de ensino aprendizagem, apropriação do conteúdo, (ii) os temas são definidos tendo em vista os tópicos curriculares e não mais os tópicos de interesse coletivo, (iii) o tempo de

duração da atividade é limitado ao tempo disponível da disciplina, diferentemente do torneio que é de um ano de duração (iv) a avaliação dos alunos é feita não só pelo desempenho no debate, como também pela aprendizagem do conteúdo, (v) no torneio são escolhidos alunos para representarem a escola e no contexto da sala de aula todos os alunos participam, três como representante dos alunos e os outros alunos como juízes, (vi) a principal preparação acontece dentro da sala de aula, enquanto que no debate acontece extra-sala de aula, (vii) o assessor são os monitores da disciplina, enquanto que no contexto do torneio é o professor (viii) o papel dos investigadores é feito pelo professor e (ix) o público assume a função de juiz, juntamente com os alunos selecionados para assumirem esse papel.

A organização da disciplina ficou denominada de ciclo, e podemos defini-lo como as fases principais que compunham a atividade, independentemente da quantidade de aulas. São eles: fase 1 – aula teórica, momento que é feito pelo professor responsável pela disciplina que tem como objetivo explicar os principais pontos do conteúdo, problematizando-o, fase 2 – oficina: momento em que a turma, dividida em três grupos se prepara para o debate. Cada grupo assume uma função: bancada protagonista, antagonista e juízes, fase 3- o debate e fase 4 aula de fechamento: momento em que os alunos poderão tirar dúvidas sobre o conteúdo que surgiram durante a fase de preparo e no debate, como também o professor orientar o conteúdo para o conhecimento canônico.

Outro aspecto importante, que foi adaptado, foi retirada a fase de debate restringido, devido ao tempo disponível em sala para a realização do debate.

As regras utilizadas no debate são, em certa medida, diferentes das utilizadas no torneio, são elas: usar argumentos e não somente a opinião, dialogar com o argumento apresentado anteriormente, ou seja, desafiar o argumento do proponente, trazer na conclusão a síntese dos principais argumentos e ponderar sobre o tema, frente aos argumentos apresentados durante o debate, respeitar o uso do tempo, e na fase de perguntas fazer perguntas genuínas.

Os juízes têm a liberdade de inserir novas regras, mas as regras que foram citadas acima permanecem já que essas definidoras do debate e garantem que os aspectos críticos do debate permaneçam.

Para cada modificação feita existiu um objetivo não só curricular como cognitivo, e a principal preocupação foi a preservação dos aspectos dialógicos e dialéticos de forma a preservar e garantir que os aspectos reflexivos permanecessem. Souza (2012) e Ramirez (2011) já fizeram estudos comprovando a eficácia do uso desse modelo no ensino universitário.

Tendo em vista as ideias propostas acima e principalmente as competências cognitivas mobilizadas pelo uso da argumentação, o objetivo proposto para esta pesquisa, de comparar os dois modelos em termos das competências cognitivas mobilizadas, torna-se relevante porque os objetivos que se propõem com ensino do gênero debate regrado é muito mais do que a aprendizagem de uma forma de se comportar no mundo, pretende-se através dele desenvolver potencialidades cognitivas tão necessárias para o seguimento da vida acadêmica, como para as mais diversas situações sociais.

4 MÉTODO

4.1 Amostra

Delimitamos a amostra, ou o conjunto de casos, de forma intencional. Por amostra intencional entendemos ser aquela que é definida pelo pesquisador a partir de critérios pré-estabelecidos e que atendem as necessidades específicas do estudo (FLIRCK, 2009).

Os casos analisados neste estudo foram um conjunto de seis debates realizados em duas turmas do primeiro ano do ensino médio. Foram realizados em uma turma três debates no modelo do debate crítico (MDC) em outra turma três debates no modelo proposto pelo livro didático.

Foi selecionada uma escola de Referência no Ensino Médio mantida pelo Governo do Estado de Pernambuco, localizada na Região Metropolitana do Recife. O critério utilizado para seleção da escola foi que a mesma tivesse disponibilidade para participar do estudo e que tivesse duas turmas regulares do primeiro ano do ensino médio. Foram escolhidas as turmas do primeiro ano do ensino médio, porque à medida que tínhamos contato com os documentos que compõem os Parâmetros Curriculares Nacional – PCN e com o conteúdo programático proposto pelo Governo do Estado de Pernambuco para as escolas pública, constatamos que é proposto o engajamento em atividades argumentativas e dentre eles o debate regrado, com o foco no ensino das competências de oralidade. Outro critério utilizado para a escolha do primeiro ano foi a ausência de pesquisas investigando o uso do Modelo de Debate Crítico nessa etapa escolar.

A disciplina de Português foi selecionada para ser o momento em que os debates ocorreriam porque é proposto no currículo que o ensino do debate aconteça no 1º e 2º anos do ensino médio nesta disciplina específica. Além disso, o número de aulas é maior, permitindo ao professor fazer o número mínimo de debates que era previsto no estudo. Os temas para os debates foram escolhidos pelas professoras em conjunto com a pesquisadora. Visto que o número de turmas do primeiro ano eram cinco, a seleção das duas turmas ficou a critério do professor. Vale salientar que a escola possuía em seu quadro de funcionários dois professores de português e eles assumiam turmas distintas.

Os participantes foram o professor responsável pela disciplina de português e os alunos presentes no momento das aulas nas quais os debates ocorreram. O critério de inclusão do aluno na atividade foi que ele estivesse matriculado na turma selecionada para o estudo e desejasse

participar da atividade. A turma que participou do MDC teve 36 alunos e a turma que participou do modelo de debate tradicional teve 23 alunos.

4.2 Procedimento de Construção dos Dados e Seleção do Corpus.

As atividades foram videogravadas para que pudéssemos ter um registro mais fidedigno da situação possibilitando, posteriormente, a transcrição e a captura de ações verbais e não verbais, tais como: expressões faciais, movimentações de cabeça, entonação e elementos que compõem o contexto e que são fundamentais por serem as condições de produção da interação (MEIRA, 1994)

Os registros foram feitos com apenas uma câmara fixada com um tripé em um local da sala de aula de forma que permitisse gravar da melhor forma possível a maior quantidade de alunos. A pesquisadora manejou a câmera nas duas turmas e explicou para a professora e para os alunos qual seria a finalidade da videogravação. Fixou-se um acordo com os alunos, com base nos procedimentos do comitê de ética, que o vídeo seria utilizado apenas para fins acadêmicos e foi solicitada a permissão de participação dos alunos aos pais por meio da assinatura no termo de consentimento livre e esclarecido, como também foi solicitado a assinatura de um termo livre e esclarecido para a professora. A princípio os alunos, principalmente os que participaram do modelo de debate tradicional, estranharam um pouco a câmera na sala e explicitaram que tinham vergonha, mas à medida que foi reforçado que a única utilidade do vídeo seria acadêmica, eles ficaram mais tranquilos. Após algum tempo eles “esqueceram” que a câmera estava na sala e tudo ocorreu como planejado.

A pesquisa aconteceu na segunda unidade que é o período de aula entre os meses de Abril e Junho. Estava previsto que o debate fosse trabalhado na quarta unidade, nos últimos meses do ano, mas as professoras modificaram os conteúdos e adiantaram o capítulo do debate regrado com o intuito de atender as necessidades da pesquisa. A escolha de qual modelo seria utilizado em cada turma se deu pela disponibilidade e pelo interesse das professoras de participarem da proposta da pesquisa. As turmas tinham uma diferença na quantidade de alunos, mas isso não interferiu na realização da atividade. As turmas tinham equivalência nas condições de estrutura física das salas de aula e no conteúdo programático. Os debates ocorreram nos momentos das aulas e cada professor destinou do número total de aulas semanais uma aula por semana para trabalhar com debate.

Na primeira turma, que será identificada como turma L, foi solicitado que a professora promovesse o debate como está proposto no livro didático adotado pela escola em questão:

Português – Linguagens de autoria de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães e publicado editora Saraiva. Instruções específicas sobre o trabalho com Debate Regrado são encontradas no capítulo dois na seção de produção de texto.

Na semana anterior às aulas em que aconteceram os debates, a professora comentou com os alunos que eles participariam de três debates e perguntou quais temas eles gostariam de debater, após a sugestão dos alunos a professora selecionou três temas. Foram utilizadas três aulas para todo o processo de preparação e execução do Debate Regrado. Na primeira aula, com cinquenta minutos de duração, a professora tinha como objetivo o estudo sobre como se organizava um debate. Ela dividiu a turma em grupos de no máximo quatro pessoas e orientou que abrissem o livro didático na página 275 (referente ao capítulo sobre o debate), dividiu o conteúdo do capítulo entre os grupos e deu a instrução de que fizessem a leitura em grupo. Os tópicos estudados foram: o papel do moderador, tempo, procedimentos, expressão, uso da língua e preparação da sala. Um aspecto que ficou fora desse momento de estudo foi o de como avaliar o debate. Antes que os estudantes começassem a estudar em seus respectivos grupos, a professora explicitou que este era um gênero oral e mencionou os temas que foram selecionados: A Adoção de Crianças por Casais Homossexuais, Torcida Organizada e Jogos Digitais. Após a leitura cada grupo apresentou para o grande grupo a característica do funcionamento do debate que tinha estudado e no decorrer da apresentação a professora comentava com a turma os aspectos que estavam sendo citados.

Entre a primeira aula, que havia sido para entender os aspectos gerais do debate, e a segunda aula, que foi destinada ao primeiro debate, a professora e os alunos definiram os moderadores dos debates e o primeiro tema que seria foco do debate. Na segunda aula que também teve cinquenta minutos e que foi logo em seguida da primeira, foi realizado o primeiro debate, com o tema: “A adoção de crianças por casais homossexuais”, o debate durou cerca de 30 minutos. No primeiro debate os estudantes organizaram a sala em formato circular, por solicitação da professora, e a moderadora estabeleceu a regra que não estava liberado o uso do celular no momento do debate, ao longo do debate outras regras foram lembradas e implementadas pela moderadora, como por exemplo, o uso adequado do tempo e falar de maneira formal. As regras só foram explicitadas após o questionamento de um dos estudantes. O debate transcorreu de forma tranquila e após a sua finalização, ainda restavam vinte minutos de aula. A professora questionou se os alunos gostariam de continuar debatendo e propôs que eles realizassem o segundo debate, a turma concordou e escolheu o tema: Torcida Organizada, a pergunta feita para o debate foi:

“Torcida organizada: permitir ou não permitir?”. A turma continuou organizada em formato de círculo e foi modificado o moderador. Assim como no primeiro debate, as regras estabelecidas pelo moderador foram colocadas após o questionamento de quais seriam as regras de funcionamento do debate. Apesar do moderador ter sido modificado, algumas regras permaneceram e outras foram acrescentadas como, por exemplo, não se deve interromper um participante enquanto ele fala, e, como no primeiro debate, no transcorrer do debate outras regras foram lembradas pelos alunos, de acordo com a necessidade, como não levar para o lado pessoal e não ter provocações.

O terceiro debate aconteceu em uma terceira aula e teve 40 minutos de duração. O moderador foi um aluno escolhido pelos colegas juntamente com a professora. O tema do terceiro debate foi: “Até que ponto a internet e os jogos digitais influenciam o comportamento das crianças e dos adolescentes?”. A turma, assim como no primeiro e no segundo debate, foi organizada em círculo e o debate aconteceu coordenado em alguns momentos pela professora e em outros pelo moderador. As regras foram explicitadas pelo moderador no início do debate e foram: não pode usar o celular, não interromper o colega e respeitar o tempo. Após a finalização do debate não houve avaliação da atividade, apesar de ter sido proposto no livro que fosse feita uma avaliação do debate.

Na segunda turma, que será identificada como turma M foi solicitado que o professor, juntamente com a pesquisadora, implementasse o Modelo de Debate crítico (FUENTES, 2011) na forma como foi adaptado para uso em sala de aula. Na turma M a professora e a pesquisadora trabalharam juntas na sala de aula. A ideia inicial, planejada no projeto, era de capacitar a professora para que a mesma promovesse o debate crítico sozinha, e a pesquisadora apenas gravasse o debate. Mas em virtude da pouca disponibilidade de tempo da professora para ser capacitada, já que ela dava aula o dia todo, todos os dias, e do tempo hábil entre o calendário da escola e do calendário da pesquisa, a pesquisadora só conseguiu fazer dois encontros para explicar como o modelo funcionava e o que era necessário, mas não foi o suficiente para que a mesma trabalhasse sozinha, com isso a pesquisadora teve que trabalhar junto em sala de aula com o objetivo de garantir que o modelo aconteceria. As explicações que foram dadas foram retiradas de RAMIREZ (2011) e SOUZA (2012), e de FUENTES (2011) além da experiência da pesquisadora com a adaptação e o trabalho com o modelo.

Para que o aluno participe do modelo de debate crítico recomenda-se que ele tenha um conhecimento mínimo de argumentação, como a diferença entre um argumento e ponto de vista

não fundamentado, os tipos de informação utilizados na formação de um argumento, os marcadores argumentativos e como avaliar a qualidade de um argumento. Diante disso, ficou acordado entre a pesquisadora e a professora que a pesquisadora passaria para os alunos o conteúdo de argumentação e como eles deveriam fazer o debate e a professora de trabalhar os temas dos debates. A pesquisadora no dia do debate coordenou o debate e posicionou a câmera para a videogravação.

As aulas disponibilizadas para o trabalho com o debate eram aulas de cento e vinte minutos, com duas aulas conjugadas, uma vez por semana, 7 aulas ao todo. O número total de alunos matriculado na turma foi de 37. A professora pediu, em uma aula anterior ao início da intervenção, que três alunos voluntariamente formassem 3 grupos, um grupo contendo treze alunos, outro grupo dez alunos e outro grupo quatorze alunos. A decisão de dividir as turmas em grupos foi tomada pela professora em virtude das orientações dadas para a professora de que era necessário, para fazer o debate em sala de aula, que a turma fosse dividida em três grupos que assumiriam a função de três bancadas.

Na primeira aula, foi feito um primeiro contato entre a pesquisadora e os alunos, foram dadas explicações do que era o projeto, da videogravação, dos aspectos éticos da pesquisa e de como seriam as próximas aulas, além da seleção de temas que os alunos gostariam de debater, foi feito também uma reflexão sobre o porquê de participar e aprender a fazer um debate, da utilidade do debate tanto na vida escolar como na vida cotidiana. Essa reflexão foi feita pela professora, trazendo para os alunos a importância do gênero debate para os variados contextos em que eles circulariam. Ficou determinado que um dia específico da semana seria o dia da atividade do debate.

No segundo dia de aula, nos primeiros 50 minutos, foi explicitado, pela pesquisadora, para os alunos o que era um argumento e sua estrutura, e buscou-se identificar, através de perguntas como: o que é um debate? Como um debate deve ser feito? A forma como os alunos entendiam que um debate deveria ser feito e fazendo com que eles entendessem o porquê da importância de saber como um argumento era formado para a atividade do debate. Nos outros 50 minutos da aula, a professora explicitou o tema do primeiro debate: A pena de morte deve ser instituída no Brasil? e, logo em seguida, a turma se dividiu nos três grupos que já tinham sido definidos anteriormente, para identificar argumentos e estudar sobre o tema nos textos de apoio que a professora tinha levado para cada grupo. Os textos utilizados foram selecionados pela professora juntamente com a pesquisadora da internet e os que a professora já tinha em casa, e a escolha se deu em função das funções que as bancadas exerceriam no debate. Um texto apresentava o contexto e os principais

conceitos sobre o tema e outros textos apresentavam argumentos, todos os grupos tiveram acesso a todos os textos. Foi delimitada também a função de cada grupo no debate, sendo elas: protagonista, antagonista, juízes e investigadores, sendo que um mesmo grupo assumiria as duas últimas funções. Neste momento a pesquisadora passou em cada grupo para explicar como era a atividade e a função que cada grupo exercia e a professora acompanhou, e no decorrer do tempo da aula dividiu essa atividade com a pesquisadora, passando nos grupos e tirando dúvidas principalmente relativos ao tema.

Na terceira aula também de 110 minutos, os primeiros 50 minutos era de preparo para o debate, em grupo, e de definição de quem representaria a bancada e nos outros 50 minutos foi apresentado qual era a estrutura e as regras do debate e foi realizado o primeiro debate. O preparo consistiu em separar argumentos, contra-argumentos e possíveis respostas aos contra-argumentos para utilizar no momento do debate. A estrutura que foi utilizada foi a mesma utilizada no ensino superior e as regras eram: avaliar se os grupos apresentavam argumentos fundamentados, se os argumentos estavam dialogados, ou seja, as bancadas deveriam contra-argumentar e responder de acordo com o que era dito a partir da bancada anterior, deveriam concluir dando uma solução ponderada para o tema tendo em conta os argumentos apresentados ao longo do debate, respeitar o tempo que se tem, fazer perguntas genuínas, ou seja, a pergunta teria que estar relacionada aos argumentos que tinham sido expressos ao longo do debate. O aluno que tinha sido escolhido como o líder do grupo ficou responsável de coordenar o grupo e a professora e a pesquisadora passavam nos grupos para averiguar como a atividade estava acontecendo e tirar possíveis dúvidas. Após esse momento o debate ocorreu nos outros 50 minutos como planejado, três alunos foram, de forma voluntária, representar cada bancada, um aluno cuidou do tempo e a pesquisadora coordenou o debate falando as fases em que o debate ocorria. Os alunos que não foram debater foram instruídos a avaliarem o debate em seus cadernos, essa avaliação não ocorreu como planejada, a maioria deles apenas prestava atenção ao debate sem avaliá-lo em seu caderno.

Na quarta aula de 110 minutos foram explicitados, pela pesquisadora, nos primeiros minutos da aula, outro conteúdo de argumentação: os tipos de informação que poderiam compor um argumento que são: informação certa e incerta, hipotética, objetiva e subjetiva e a importância dessas informações na construção do argumento, tendo em conta o contexto em que se argumenta. A professora explicitou o tema que seria trabalhado no segundo debate e também enfatizou o papel

dos marcadores argumentativos no debate. O tema do debate foi o aborto e a pergunta proposta foi: O aborto deve ser permitido no Brasil?

Assim como aconteceu no primeiro debate os alunos deveriam aproveitar os 50 minutos restantes da aula para se prepararem, em grupo, para o segundo debate separando argumentos nos textos que foram disponibilizados pela professora, textos estes selecionados, pela professora juntamente com a pesquisadora, da internet de caráter argumentativo e um contendo os principais conceitos e um contexto histórico sobre o tema. Foi orientado que os alunos fizessem o exercício de identificar os tipos de informações utilizadas na construção do argumento. Nesse momento a professora e a pesquisadora estavam em sala e passavam nos grupos para tirar dúvidas dos grupos, a pesquisadora para tirar dúvidas sobre o conteúdo de argumentação e a professora sobre o tema do debate. Os grupos não foram alterados em relação à primeira formação. Ficou definida a função de cada grupo, que era diferente do primeiro debate, isso ocorreu para que cada o aluno tivesse a possibilidade de passar pelas quatro funções.

Na quinta aula, nos primeiros 50 minutos, eles se reuniam nos grupos e organizavam os argumentos que seriam utilizados no momento do debate, os argumentos eram retirados dos textos selecionados pela professora como também de pesquisas feitas por eles em casa. Foi percebido que a grande maioria não pesquisava em casa, devido ao tempo que passavam na escola, utilizavam muito mais os textos que tinham sido disponibilizados pela professora. Após esse momento definiram os representantes de cada bancada e nos outros sessenta minutos foi lembrada a estrutura do debate e as regras que foram as mesmas do debate anterior e aconteceu o segundo debate como planejado. Novamente um aluno coordenou o tempo, a pesquisadora assinalava as fases do debate e no final houve uma avaliação em conjunto, alunos, professora e pesquisadora, promovidos pela pesquisadora, com o objetivo de levá-los a avaliar o debate tanto nos aspectos de funcionamento do debate, como na importância da argumentação para a vida fora do ambiente da escola.

Na sexta aula, de 110 minutos, foi explicitado, pela pesquisadora, outro conteúdo de argumentação: critérios de avaliação de um argumento, tendo como base os critérios desenvolvidos por Govier (2010), e, logo em seguida a professora explicitou o tema do terceiro e último debate: as cotas raciais. A pergunta do debate ficou: As cotas raciais devem permanecer no processo seletivo dos vestibulares?, logo em seguida, a atividade de preparo para o debate que consistiu de leitura dos textos trazidos pela professora e a separação de argumentos e contra-argumentos foi feita nos grupos. Os textos que foram utilizados foram textos encontrados na internet e um texto

do livro didático de Português adotado na escola. Na sétima aula nos primeiros 60 minutos, foi retomado no grupo os argumentos selecionados e, logo em seguida, explicitado a estrutura do debate e as regras e ocorreu o último debate. Após o término do debate foi feita uma reflexão de como tinha sido passar pela experiência do debate.

4.3 Procedimento de Análise dos Dados

O objetivo da análise foi de identificar as competências cognitivas mobilizadas nos participantes dos dois modelos de debate trabalhados em sala de aula. Fizemos dois níveis de análise a microanalítica e a macroanalítica. No nível microanalítico, identificaremos em cada debate os movimentos argumentativos a partir da unidade análise proposta por Leitão (1999, 2007a, 2007b), e no nível macroanalítico faremos uma comparação desses movimentos tendo como referência os tipos de debate.

Tendo em vista que o debate é permeado pela argumentação, e esta é caracterizada como uma atividade social, discursiva, dialética e dialógica, e assumindo que a mesma possibilita a revisão de perspectiva e a construção de conhecimento, tornou-se necessário selecionar um modelo de análise que nos permitisse capturar a nível microanalítico as transformações discursivas e cognitivas, e de conteúdo sobre o qual se argumenta mobilizadas pela atividade do debate. A unidade de análise proposta por Leitão (1999, 2007a, 2007b), entendendo-se unidade de análise como a menor parte que contém as propriedades do todo que o constitui (VIGOTSKY, 2011), constituída por uma tríade, se propõe a capturar os movimentos discursivos, cognitivos e epistêmicos que perpassam a atividade argumentativa. Os três elementos são: argumento, contra-argumento e resposta.

O **argumento** é um ponto de vista mais uma ideia que o justifique. Por meio do argumento é possível identificar, no aspecto discurso, o ponto de vista que o proponente quer defender e as razões que o apóiam, no aspecto cognitivo identificamos de onde pode começar o processo de revisão, e no aspecto epistêmico sabemos qual é o conhecimento que o indivíduo tem sobre determinado tema.

O **contra-argumento** é um ponto de vista mais a sua justificativa que põe a prova um ponto de vista já posto. Por meio dele é possível identificar no âmbito discursivo, ele apresenta a posição oposta, necessária para que a argumentação ocorra, no âmbito cognitivo inicia-se um processo de revisão, e este é de natureza reflexiva. E no âmbito epistêmico, é possível identificar possíveis caminhos por onde a nova organização do conhecimento pode transcorrer.

A **resposta** é o posicionamento do falante ao contra-argumento apresentado. Por meio dela é possível identificar em um nível epistêmico como o conhecimento inicial se modificou após o encontro com uma perspectiva contrária, no nível cognitivo é possível capturar como o indivíduo reage à ideia contrária, podendo incorporar a ideia de forma parcial ou integral como também refutá-la.

4.4 Fases da Análise:

Fase I: Pré análise: Nesta fase, foi feita uma cuidadosa inspeção dos vídeos e das transcrições, com o objetivo de se ter um olhar mais minucioso sobre o fenômeno que nos propomos estudar

Fase II: Microanálise: Nesta fase se realizou a identificação minuciosa de todos os argumentos produzidos pelos participantes do estudo nas situações de debate, utilizando como referência a unidade analítica (argumento/contra-argumento/resposta) proposta em Leitão (1999, 2007a, 2007b).

Fase III: Macro-análise: Nesta fase se realizou a comparação entre os grupos de debates tradicionais e o modelo de debate crítico. Tivemos como objetivo identificar quais os aspectos que mais se ressaltaram nos grupos em relação à unidade de análise.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados que serão analisados nesta seção fazem parte do conjunto de dados que foram construídos em sala de aula em duas situações distintas de debate regrado, e tem como objetivo verificar as competências cognitivas que são mobilizadas nos participantes. Serão apresentadas as microanálises de dois protocolos (transcrição de dois debates) selecionados para exemplificar o passo a passo da análise dos dados (os outros protocolos analisados estarão no apêndice deste trabalho). Na microanálise buscou-se identificar em cada debate os elementos constituintes da unidade de análise proposta por Leitão (1999, 2007a, 2007b) composto de argumento, contra-argumento e resposta.

O primeiro protocolo que será apresentado é o do modelo de debate “tradicional” e logo em seguida o protocolo referente ao modelo de debate crítico. A seleção dos debates que serão apresentados abaixo se deu com o critério de terem sido os primeiros transcritos e analisados. Após a apresentação da microanálise apresentaremos a macroanálise colocando em perspectiva o conjunto de todos os casos/debates que compõem o corpo de dados deste estudo.

Abaixo sistematizamos os elementos da unidade de análise e o que buscamos identificar nos debates.

Argumento	Ponto de vista + Justificativa	- Fundamenta a partir do pedido de outros - Fundamenta espontaneamente
Contra-Argumento	Ponto de vista + Justificativa em uma perspectiva contrária ou que desafia o argumento apresentado anteriormente	- Trazidas por outra pessoa - Trazidas por ele próprio
Resposta	Ponto de vista + Justificativa após o encontro com o contra-argumento	- Incorpora ao ponto de vista inicial alternativas - Mantém a posição inicial - Retira a posição inicial

5.1 Protocolo 1 – Modelo de Debate “Tradicional”

A aula inicia-se e a professora pede que os alunos organizem a sala em círculo para que o debate comece. O moderador, responsável por organizar o debate, foi escolhido pela turma juntamente com a professora em uma aula anterior. A professora e os estudantes definiram o primeiro tema a ser discutido, os temas dos outros dois debates também foram definidos, mas não foi estabelecido qual seria a ordem de debate dos temas.

01 02	Professora	Shiii ((Professora pede silêncio para a turma)) Bora gente! Bora [Beta]. A sua proposição minha linda? ((chamando a moderadora))
03	Aluno não identificado	A proposição de Roberta vai ser sair da sala
04	Professora	Então meus amados escolheram qual é o tema de hoje?
05	Aluno não identificado	Futebol! Eita éeee..
06 07 08	Professora	Não, não tinha essa opção não. ((Apagando o quadro. Dirigi-se à moderadora que comece a assumir seu papel. Moderadora escreve no quadro a proposição do debate))
11	Aluno não identificado	Torcida Jovem
12	Aluno não identificado	Foi éee, Foi éee, adoção
13 14	Professora	Vamo lá?, Pronto para debater? Apresentar suas ideias. ((falando com um aluno))
15 16	Moderadora	Cadê, eu não sei como se escreve mais não. ((em frente ao quadro falando com os colegas))
17	Professora	Eu posso participar do debate?
18	Vários alunos	Pode , pode ((vários alunos respondem))
19 20 21 22	Professora	Posso?((fala surpresa)) Roberta para cá. ((a professora senta e chama a aluna que será moderadora para o centro do círculo.)) Todo mundo aqui se inscreveu previamente, né? ((fazendo referência que eles tem que se inscrever para falar no momento do debate, como sugerido pelo livro))
23	Grupo de Alunos	A gente não se inscreveu não ((alguns alunos dizem))
24 25	Professora	Bora começar? Lisama, minha linda... ((a professora passa alguns segundos pedindo o silêncio da turma))
26	Moderadora	Pode? ((pergunta para a professora, se pode começar a falar))

No primeiro recorte que fizemos do início do debate percebemos que a professora começa a organizar o debate retomando aspectos que foram vistos no capítulo do livro didático, são eles: organizar a turma em círculo, chamar o moderador que já havia sido escolhido para assumir o seu papel, selecionando o tema do debate e questionando quem tinha se inscrito para falar. Ao ressaltar esses aspectos percebemos que a professora pretende criar uma situação discursiva organizada a partir de regras que permita que o debate aconteça. A situação em que o discurso ocorre é fundamental para que o sentido seja construído e para que o gênero se concretize. Médviéd (2012) ao fazer referência a estruturação do gênero destaca que cada criação acontece em uma determinada condição de realização e de percepção e se orienta para um determinado receptor. Ele também afirma que o gênero estrutura o nosso diálogo interno já que apenas o enunciado não dá conta do todo lingüístico. Para Médviéd (2012:198) “a consciência humana possui uma série de gêneros interiores que servem para ver e compreender a realidade”. Sendo assim, o contexto é um dos aspectos fundamentais, tanto para a constituição da consciência como para a construção da atividade. Entendemos que foi essa estruturação contextual que a ação da professora criou.

Avaliando o aspecto argumentativo, para que aconteça uma situação dialógica crítica segundo Fuentes (2011) é importante que exista um tema controverso, ou seja, opinião divergentes sobre o tema. Para este debate foi escolhido o tema da adoção de crianças por casais homossexuais, sendo este atualmente um tema em relação ao qual na nossa sociedade as opiniões divergem como veremos nos próximos recortes do protocolo.

O papel de moderador, segundo a proposta dos autores do livro, tem algumas responsabilidades como: “interferir sempre que houver ruídos que atrapalhem o andamento do debate, interferir ao perceber que um participante está apresentando um argumento pouco claro ou superficial fazendo perguntas como “por quê?” pedindo que exemplifique ou que explique melhor, controle o tempo de fala de cada participante e do debate como um todo, passar a palavra para outro debatedor e usar expressões como “vamos ouvir a opinião de fulano” ou “fulano, sua vez”. Além dessas orientações é dito que ele deve posicionar-se em pé no meio do círculo, cumprimentar os alunos no início do debate, falar da importância do tema discutido e do debate como também lembrar as regras que já foram pré-estabelecidas por ele.

Outro aspecto importante é que a professora faz referência a atividade de debater como “apresentar ideias” a ênfase me parece ser dada na explicitação do ponto de vista, das concepções sobre o mundo em detrimento da avaliação das ideias tanto próprias como as apresentadas. A operação cognitiva mobilizada e enfatizada é, portanto, a da explicitação.

27	Professora	Pode!
28	Moderadora	((posicionada meio do círculo)) Eh, o que pra falar? Sim! Bom dia pra vocês,
29		vamos começar um debate que eu não sei qual é o tema geral
30	Professora	Adoção de crianças por casais homossexuais
31	Moderadora	Todo mundo se inscreveu... Bora começar né?!
32	Ytalo	Uma pergunta. Quais são as regras?
33	Moderadora	Eu digo quais são as regras?
34	Professora	Enquanto um estiver falando o outro não pode interromper, cada um vai ter um
35		tempo, né?!
36	Moderadora	Dois minutos pra cada um
37	Professora	Dois minutos pra cada um
38	Moderadora	Nada de celular eeee... ((e se dirige para uma colega que está utilizando o
39		celular para retirá-lo))
40	Aluna não	Peraí, oxe , volte para o seu lugar ((indicando que a
41	identificado	moderadora volte para o centro do círculo))
42	Moderadora	Guarde o celular ((instaura-se uma pequena discussão entre as duas colegas))
43	Professora	Shiii ((pedindo silêncio da turma)) Desliga o celular, vamos lá?!
44	Moderadora	Pode começar
45	Professora	Pronto, quem começa? Vamos começar por Andréa ((alguns sorriem)) Rayane
46		nem veio, né?! Rayane estava cheia de ideias pra hoje, nem veio. Vamos
47		começar por Andréa
48	Andrea	Oxe, eu não professora..
49	Professora	((silêncio)) Sexta-feira vocês estavam aqui debatendo tanto, falando tanto, um
50		que falasse mais do que o outro, ai hoje...
51	Aluno não	Eu nem sei qual é a pergunta
52	Moderadora	Shiii.. ((a moderadora pede silêncio)),
53	Professora	Vai moderadora, organiza esse debate...

No recorte acima conseguimos perceber que a professora realiza algumas ações que são responsabilidades da moderadora, sendo que anteriormente ela havia pedido para participar do debate como debatedora e foi autorizada pelos alunos fica mais claro ao percebemos em sua fala a cobrança da parte dela de que a moderadora organize o debate. Outro aspecto que é importante ressaltar, é que para que seja o gênero debate regrado é importante que se delimite as regras, e esse não é um aspecto que a moderadora e a professora ressaltam inicialmente fazendo-se necessário que um aluno chame a atenção para o fato de que as regras não foram

explicitadas. Novamente a professora assume o papel de moderadora, e relembra dois aspectos que podem ser encontrados no livro didático, que são o aspecto do tempo e que um debatedor não deve interromper o outro. Logo em seguida, a moderadora assume seu papel e insere um aspecto que não estava nas orientações do livro, mas que, aparentemente, pode interferir no bom andamento do debate que é o uso do celular no momento da atividade. A professora prontamente reforça a regra proposta pela moderadora e incentiva que o debate comece.

Ter regras bem definidas é fundamental para a organização da atividade, porque é por meio delas que o aluno saberá como agir na situação. Um aspecto que deve ser ressaltado é que as regras utilizadas para este debate são em sua maioria comportamentais, ou seja, como devo me portar no debate, como por exemplo, não se deve interromper a fala do colega, não se deve usar o celular e deve-se respeitar o tempo de dois minutos por cada aluno mas o livro também propõe regras linguísticas e cognitivas que não são lembradas pela moderadora e pela professora e que são fundamentais para o bom andamento da atividade e para o desenvolvimento das competências críticas que se deseja desenvolver a partir do uso do debate em sala de aula. As regras que são colocadas para o âmbito linguístico são: usar o padrão da língua formal, evitar o uso reiterado de expressões como “tipo assim, tipo, né?!” e do âmbito cognitivo é: “vá ao ponto principal logo no início da fala e se possível use o restante do tempo com exemplos.” Ou seja, explicita seu ponto de vista e se tiver tempo fundamentalmente por meio de exemplos. As funções cognitivas que são colocadas em evidência são a explicitação do ponto de vista e a fundamentação/justificação por meio de exemplos.

54	Moderadora	((Depois de alguns segundos fala com José)) vai José, você é contra ou a favor?
55		((caminhando em direção ao colega)) e porquê? olha aí, toma o microfone
56		((dando para ele a caneta de escrever no quadro branco))
57	José	((José passa alguns segundos em silêncio)) Eu não sou a favor. Porque eu não
58		sou a favor? Porque na cabeça daquele menino ali, ou menina, daquela criança
59		que vai ser adotada, vai ter muito preconceito, ele vai sofrer muito na escola, e
60		tudo mais... porque todo mundo vai saber, né? Que os pais deles são homem
61		com homem, mulher com mulher, então eu não sou a favor por causa disso,
62		porque vai ter muito preconceito, vai sofrer muito na vida dele, apesar que ele
63		vai amar como se amam aos pais né? Mas eu não sou a favor. ((alguns alunos
64		batem palma))

Logo após o primeiro momento que foi de organização do debate a moderadora seleciona um dos participantes para a fala ao perguntar se o colega (José) é contra ou a favor, solicitando-lhe também uma justificativa. O primeiro argumento que aparece está construído por um ponto de vista: “Eu não sou a favor” e a justificativa: é “porque a criança vai sofrer

muito”. Podemos perceber que o aluno ao colocar o “apesar que” antecipa um possível contra-argumento, o de que o amor aos pais é o mesmo, mas não examina esta objeção; em resposta ao contra-argumento, apenas reafirma/permanece na mesma posição.

65	Moderadora	Me dá o microfone ((pega a caneta de que serve como microfone, que está
66		com José e fala com Aramis)) Filho, você é contra ou a favor?
67	Aramis	Eu sou contra
68	Moderador	E porque?
69	Aramis	Precisa de microfone não, pode pegar.((fala com a moderadora)) Eu sou contra
70		porque, vê, você é o casal, homem e mulher, certamente, você tem um filho ou
71		um casal de filhos, tanto faz, você anda no meio da rua e de repente vê dois
72		rapazes ou duas moças e se beijam na frente dos seus filhos, na cabeça dos seus
73		filhos como eles vão entender isso? Eles não vão entender porque eles são
74		crianças, então ele não tem um pensamento formado, então vai ser difícil na
75		cabeça deles, vão crescer com isso na mente, sem entender né? Eu sou contra
76		por isso.
77	Carla	((moderadora aponta para a outra menina que inicia a sua fala logo em seguida))
78		Eu sou a favor porque eu acho que todo tipo de criança deve receber amor do
79		pai e da mãe, pai pai, mãe mãe e todos devem amar uma família, ter muito amor
80		e carinho independente se for mulher com mulher, homem com homem, é isso.
81		

Uma vez explicitado o argumento de José, a moderadora seleciona outro falante, pedindo um ponto de vista e uma justificativa a Aramis que está ao lado de José. Aramis não tem a iniciativa de justificar espontaneamente seu ponto de vista, e faz somente quando é solicitado. O ponto de vista explicitado por Aramis é que ele é contra e a justificativa é: a criança vai crescer sem entender o que está acontecendo, ficará confusa. Logo em seguida, Elizama também se posiciona, só que dessa vez não é necessário a moderadora pedir a justificativa porque a mesma já o faz espontaneamente. O ponto de vista de Elizama é: Sou a favor e justifica todos devem receber o amor paterno/materno independente se o relacionamento é heterossexual ou homossexual.

82	Moderadora	((silêncio na turma)) Vai Elizama, sem falar “tipo” por favor.
83	Elizama	Eu sou contra porque na verdade Deus fez o homem para a mulher e a mulher
84		para o homem, e eu acho que também a criança vai crescer sem entender nada,
85		como José falou, sem entender nada, é isso.

Após os dois posicionamentos de Aramis e Carla, a moderadora volta a interferir e indica a próxima aluna a falar, Elizama, enfatiza que a colega fale de maneira formal. Essa

ênfase é um aspecto que não foi explicitada no início do debate, mas que no livro didático aparece como uma regra para a realização do debate. A partir da fala da moderadora inferimos que Elizama, fala muito a expressão "tipo", expressão que a moderadora parece considerar não ser indicada para situações em que se utiliza a língua formal. O ponto de vista que a aluna apresenta é “eu sou contra” e justifica: Deus fez um casal heterossexual e acrescenta incorporando ao seu argumento o que o Aramis falou anteriormente que “a criança vai crescer sem entender nada”. A operação cognitiva que está em jogo no momento é a elaboração e a expansão do próprio argumento a partir do argumento do outro.

86	Moderadora	Você ainda tem dois minutos, ainda tem tempo ((falando para Elizama, mas ela não continua a fala e outra aluna inicia a fala))
88	Elizandra	Eu sou a favor porque tem muitas crianças na creche que não tem por quem ser adotado, então mesmo a pessoa que tenha pai e mãe dá a mesma educação que mãe e mãe ou pai e pai, porque criança quando está na creche precisa de alguém mesmo que seja homossexual, dando carinho e amor é o que importa, não tem isso não.
93	Rebecca	Eu sou contra pelo fato de que toda criança precisa de uma mãe do sexo feminino, mesmo que seja, e do pai também porque a pessoa vai ter um pai sempre mais rigoroso e a mãe é mais amor e também pelo caráter religioso como... tô concordando com Elizama

Mais um argumento é apresentado, desta vez a aluna Elizandra se posiciona a favor e justifica que “existem muitas crianças em creches que devem ser adotadas e que o amor será o mesmo independentemente do tipo de relacionamento que os pais tenham” como havia sido dito pelo colega antes. Logo após a fala de Elizandra, Rebecca participa espontaneamente e expõe um argumento. Seu ponto de vista é ser “contra a adoção” e justifica que “toda criança precisa de pais de sexos diferentes por eles ocuparem papéis diferentes na vida da criança” e também acrescenta o que foi dito por Elizama: “o caráter religioso”. Tanto Elizandra como Rebeca fundamentam espontaneamente seus pontos de vista, e acredito que isso se deu por se repetir o pedido que a moderadora fez anteriormente aos outros colegas, já que em nenhum momento não havia sido feita nenhuma orientação sobre a necessidade de “justificar” o seu ponto de vista. Esse movimento surgiu por solicitação da moderadora no momento em que o debate ocorria.

É importante perceber que até o momento a organização da argumentação, parece ser a de explicitar pontos de vista e justificar – sem a preocupação mais explícita de ‘tomar contra-argumento do outro e responder’. Além disso, o cenário parece ser o de ‘professora/moderador

pergunta, X responde, Y responde, Z responde, W responde' sem que existam marcas discursivas de que Y examina/reage – dialogicamente – ao argumento ou contra-argumento de X, W ao de Z. Percebemos que as operações cognitivas que predominam, portanto, são as de formular ponto de vista e justificá-lo, não se avalia o argumento do outro ou o próprio argumento à luz do argumento do outro. O foco torna-se a explicitação do argumento.

97	Flávia	Desde sexta feira eu falei que era contra, mas eu mudei minha opinião porque eu tenho vários amigos gays que tem muito mais amor do que casais héteros. Se eu to andando com gays não significa que eu também vou ser, se tem gente fumando maconha, não significa que eu to lá fumando maconha, então é isso, eu tenho minha opção sexual, eu sei o que eu quero independentemente do que os meus pais sejam, é isso.
98		
99		
100		
101		
102		

Após esses dois momentos, Flávia se posiciona fazendo referência a aula anterior, momento que ficou definido o tema do debate, e que desde aquele momento ela era contra, mas que no momento do debate ela decidira ser a favor. A aluna não apresenta a justificativa para ser contra, mas deixa claro que fez uma revisão das suas crenças. O movimento completo de argumentação e contra-argumentação que levam à revisão do ponto de vista inicial pode ser assim sumariado: ponto de vista inicial era: sou contra, mas diante da observação (que tem efeito de contra argumento) de que: meus amigos gays têm muito mais amor que casais heterossexuais (L98-L99), o posicionamento inicial é retirado. Nota-se ainda que, nesse mesmo turno de fala aparece no discurso de Flávia uma antecipação de um possível contra-argumento – a alegação de que ‘andar com/ser filho de gays pode influenciar o comportamento/orientação sexual de alguém’. A essa possível objeção Flávia responde de forma antecipada, através de uma negativa direta do contra-argumento: “andar ou ser filho de gays não faz de você um gay” e justifica: "porque a opção sexual é escolhida independente dos pais". Essa resposta negativa “não significa que”, sem que o contrário tenha sido afirmado, só se justifica aqui quando se considera que ela antecipa um eventual contra-argumento (para o ponto de vista “a favor” de Flávia), de que os filhos de casais gays também serão.

103	Moderadora	Linda?
104	Lucas	Linda está passando mal, não pode falar não. Eu vou falar por ela.
105	Lucas	Eu sou contra professora, porque mesmo que a criança tenha, como é o nome? ((pergunta para a colega ao lado)) uma casa né?! com um casal de homo ela vai sofrer de qualquer maneira ela estando lá sem o pai, sem carinho, e a gente numa casa tem alguém dando carinho mas na escola, no trabalho, sempre ela vai sofrer querendo ou não
106		
107		
108		
109		

Logo em seguida a moderadora passa a palavra para Linda, mas é Lucas quem responde em seu lugar afirmando que a colega está passando mal e não poderá falar e, portanto, vai falar por ela. O seu posicionamento é ser contra porque a criança vai sofrer fora do seu ambiente familiar independente de ter amor em casa. É interessante perceber que a observação feita anteriormente de que a fala dos estudantes está direcionada para a professora se mostra mais uma vez na fala de Lucas, já que ele direciona a fala para ela. Um padrão parece instaurar-se: professora pergunta – estudante responde. A atividade cognitiva dos alunos está em explicitar um ponto de vista, justifica/fundamenta e se necessário expande / elabora o próprio ponto de vista e não no exame/ revisão do argumento do outro e do próprio argumento. Mesmo entre essas operações que são predominantes a ênfase dada pela professora e pela moderadora despertam predominantemente as operações de explicitar e justificar. É isso que a professora e a moderadora solicitam reiteradamente: o que você pensa sobre isso e porquê? Esse movimento fica cada vez mais claro na sequência que será apresentada abaixo.

110	Moderadora	Felipe?
111	Felipe	Oi?
112	Moderadora	Você é contra ou a favor?
113	Felipe	O que é que você quer saber?
114	Professora	Adoção de crianças por casais homossexuais. Você concorda ou não?
115	Felipe	Concordo
116	Professora	Porque?
117	Felipe	Porque eu não sei, mas eu concordo. É minha própria opinião
118	Professora	Não tem argumento formado
119	Camila	Eu sou a favor porque.. eu acho que toda criança merece ter um lar independente do que... da pessoa que ela for adotada se for homem com homem, mulher com mulher, eu acho que a opção sexual não importa, contanto que ela receba carinho, tenha um lar e que seja respeitada e que tenha... seja uma pessoa de bem, um cidadão de bem, futuramente.
120		
121		
122		
123		

Uma sucessão de participações aparece e apresenta “expressão do ponto de vista seguido de justificativa, produzida de forma espontânea ou por solicitação. O primeiro aluno dessa sequência, Felipe, não participa efetivamente. Primeiro parece não estar atento ao tema do debate – e se torna evidente ao questionar o que a moderadora deseja saber. Após a intervenção da professora, que neste momento assume novamente o papel de moderadora Felipe explicita seu ponto de vista e diz concordar com a adoção de crianças por casais homossexuais, sem justificar esse ponto de vista, mesmo diante da solicitação da professora. Na sequência, Camila se posiciona explicitando seu ponto de vista “a favor” da adoção e justifica afirmando que toda

criança merece ter um lar em que ela possa ser respeitada, e ter carinho independente da orientação sexual dos pais.

124	Professora	Dani.
125	Danielle	Eu sou a favor professora.
126	Professora	Por quê?
127	Danielle	Como eles podem ser adotados, os casais homossexuais podem dar carinho,
128		amor, respeito, como um pai normal.
129	Ytalo	Eu sou contra professora, porque as crianças adotados por casais homossexuais
130		talvez ele sofrerá mais porque é filho de casais homossexuais do que por estar
131		em uma casa de adoção
132	Andrea	[incompreensível] A criança vai sofrer de todo jeito, não tem como
133		[incompreensível] ela vai sofrer pelo fato de ser adotado por um casal
134		homossexual e vai ficar com [incompreensível] pelo fato de talvez os casais se
135		beijarem na frente dele, quando sair talvez éee vai ser um casal hetero se
136		beijando, vai ficar confuso, talvez não, depende da idade dela, da criança, eu
137		acho que é isso ai.

Na sequência do debate, o padrão de diálogo destacado anteriormente se repete: a professora, que assumiu o papel da moderadora desde a fala anterior, seleciona um dos alunos para que explicita seu ponto de vista, pede que justifique (quando o aluno espontaneamente ainda não o fez). O primeiro argumento proposto por Daniella é composto do ponto de vista a favor da adoção e da justificativa de que as crianças que são adotadas receberão amor e carinho da mesma forma que seria se os pais fossem heterossexuais. O segundo argumento proposto por Ytalo é composto do ponto de vista contra e da justificativa de que a criança possivelmente sofrerá mais se for adotado do que se continuar em uma casa de adoção. O terceiro por Andrea apesar de não ser compreensível as primeiras palavras inferimos que o seu posicionamento é igualmente contra, embora seja possível perceber indícios de alguma ponderação/avaliação do próprio argumento já que um possível contra-argumento foi levado em consideração na fala. Da justificativa inicial de que “a criança vai sofrer de todo jeito”, por ser adotado por um casal homossexual considera em seguida um possível posicionamento alternativo – “talvez não”- antecipando que isso vai depender (talvez) da idade da criança

138	Professora	Eu acho que a gente tá meio que fugindo um pouquinho da ideia do que seja
139		um debate, né? porque ninguém tá debatendo um com o outro, né? só tá dando
140		opinião, sustentando a sua! queria dirigir minha pergunta a Flávia,
141		perguntando a Flávia o que a fez mudar de ideia, porque ela disse que antes

142		ela era contra a adoção e hoje então ela pensou direitinho e resolveu ser a
143		favor. Porque?

Após uma sequência de treze posicionamentos, de apenas exposição de argumentos e somente um contra-argumento antecipado a professora parece identificar o padrão de apresentação apenas de argumentos (L139) e que não aparecem reações aos argumentos de outros. Tentando fazer uma reflexão com os alunos e romper com o padrão acima mencionado dirigir-se a Flávia e questiona a mudança de posicionamento anunciada no início do debate.

144	Flávia	É que tipo, eu acho que é um certo tipo de preconceito, eu tenho vários amigos
145		gays, amo eles, adoro
146	Professora	E antes não era?
147		
148	Flávia	Hã?
149	Professora	Antes não era? É que antes tu pensava..
150	Flávia	Não, mas eu pensei bem, tipo, ée.. se eu acho
151		que eles não devem adotar uma criança, acho que é preconceito, acho que é
152		um certo preconceito, só isso.

Flávia responde e em sua fala aparece o que levou ao processo de revisão do ponto de vista, "o que eu pensava antes era um certo tipo de preconceito", a professora logo em seguida tenta deixar mais explícita essa mudança quando solicita que a estudante explicita o que pensava antes da revisão de sua crença.

153	Professora	José.
154	José	Eu queria perguntar pra ela também ((para Flávia)) ela disse que anda com
155		amigos gays e não tem influência, né?! Mas eu acho assim, ninguém quer um
156		filho homem andando com gays, você queria um filho seu andando com gays?
157		Não não é preconceito, veja só, um casal homo vai adotar uma criança, e na
158		cabeça dessa criança será que ele vai ser homem mesmo? Ou vai ser
159		influenciado pelo casal pra ser homossexual, no caso, então eu não concordo
160		com isso que a criança seja de menor vai crescendo com isso pra.. porque o
161		mundo hoje em dia, hoje a gente vê, então a gente tem que debater cada vez
162		mais isso
163	Flávia	Não, mas assim, todo mundo tem, todo mundo sabe o que quer
164	José	Isso...
165	Flávia	Se o meu filho for gay...
166	José	Não, mas veja só
167		Não vamos falar os dois de uma vez só não, minha gente

168	Moderadora	Não é pra falar quando ela estiver falando não. ((falando com José))
169	Flávia	Eu vou aceitar se meu filho for gay, vou amar do mesmo jeito
170	José	Mas os outros dizem assim: Ah não, mas ele nasceu gay, mas não ele não
171		nasceu gay
172	Flávia	Ele escolheu
173		((balançando a cabeça afirmativamente))
174	José	Ele não nasceu gay, foi alguém que levou ele a isso, não entra na minha
175		cabeça que o homem tenha nascido gay não.
176	Flávia	Mas o amor de pai e mãe
177		Ou então pai e pai vai ser o mesmo.
178	José	Isso vai ser o mesmo, mas você tem que entender que eu não to dizendo que
179	Flávia	Eu acho isso um certo tipo
180		de preconceito
181	José	Não to falando que é amor
182	Flávia	Na família, na família não, fora tudo bem, agora dentro
183		da minha família não pode, eu acho isso um certo tipo de preconceito.
184	José	Até agora não tem né? Mas pode ter futuramente...
185	Moderadora	José!
186	José	Oi
187	Moderadora	Não, termine!
188	José	Até agora não, mas pode ter, vou aceitar numa boa, um primo um irmão, mas
189		tem influência sim. Porque ele se tornou aquilo? Porque ele tava andando com
190		gente que era, ta entendendo? Eu não tenho na minha cabeça que um homem
191		nasceu gay
192	Flávia	É, mas assim, eu ando com gay, significa que eu vou ser homossexual?
193		((direciona pergunta pra José))

Após esse momento José pede a palavra à professora e diz que quer fazer uma pergunta para Flávia. Ele retoma a resposta dela a um possível contra-argumento que poderia surgir, o de que não é porque é filho de gay que vai se tornar gay também e tenta contra-argumentar com ela. No ponto de vista de José a convivência influencia e justifica que ninguém quer um filho andando com gay. Ele considera o argumento anterior de Flávia e contra-argumenta que não é preconceito, e que existe uma influência do relacionamento dos pais nos filhos. Após ele ter falado isso, iniciam-se falas superpostas e faz-se necessário que a moderadora interfira dizendo que não é para falar quando o outro estiver falando. Esse é um aspecto que também está no livro como regra, mas que não é colocado no início do debate, só no decorrer dele. Após a fala da

moderadora, Flávia afirma que vai aceitar o filho do mesmo jeito se ele for gay, esse ponto de vista dela é uma resposta a José para a afirmação de que ninguém quer seu filho andando com gays.

Neste recorte instauram-se duas posições, a primeira com o posicionamento de Flávia afirmando que o relacionamento dos pais não vai influenciar a escolha sexual dos filhos e a de José afirmando que o relacionamento dos pais vai influenciar na escolha sexual dos filhos. O diálogo segue e é possível perceber que eles concordam em relação com o ponto de vista, de que a sexualidade é parte de uma escolha o que diverge são as justificativas. Para José alguém influencia na escolha enquanto que para Flávia é uma escolha independente. Temos claramente duas posições que poderiam ser desenvolvidas e fomentar um bom debate, mas o contra-argumento não é respondido e os alunos restringem-se apenas a colocar novas justificativas às posições anteriormente apresentadas tentando fortalecer a sua posição inicial.

Pode-se perceber o aspecto acima ressaltado, de colocar novas justificativas, no momento seguinte que Flávia coloca uma outra justificativa, para ela o amor dos pais é o mesmo, e é isso que tem mais peso e José afirma que ele concorda que exista amor e que não é isso que ele está falando e permanece firme no posicionamento de que o arranjo familiar vai ter influência sobre a escolha sexual da criança. Isso se dá inclusive porque a nova justificativa de Flávia não desafia o ponto de vista inicial de José, que é o da influência. Muitas falas acontecem de forma desorganizada e sobrepostas, não fica aparente um caráter colaborativo, instaura-se uma disputa.

194	Moderadora	Acabou o tempo.faz tempo que Rebeca quer falar ((falam juntos))
195	Rebeca	Se ver seu filho andando com gay vai dizer que ele é gay e se ver ele andando
196		com traficante e com ladrão, ele vai ser também?((pergunta para José))
197	José	Não, minha filha, ele nunca vai andar com traficante e ladrão, ai você já tá
198		fugindo totalmente, tá entendendo? Veja só, ((todos falam juntos
199		novamente)), veja só, como ele vai andar? Isso depende da educação que vem
200		de casa, educação doméstica, ele vai se tornar com certeza, você tá dizendo
201		mas pra mulher é mais fácil andar com gay, você tá entendendo? Se eu, um
202		exemplo, tem uns meninos aqui na escola que todo mundo sabe que é
203		homossexual, se eu começar a andar com gay vão me chamar de que? ((alguns
204		colegas respondem juntos: Gay)). Eu não posso até ser, eu não posso até ser,
205		mas aquilo ali vai ficar, eu vou andar tanto com eles que vou acabar me
206		tornando, tá entendendo? Esse negócio de traficante, cada um sabe o que
207	presta, né?	

Após a fala de Flávia a moderadora interfere e abre a possibilidade de fala para Rebeca. A justificativa da moderadora para passar a oportunidade de fala foi que o tempo havia encerrado. O respeito ao tempo é uma regra importante, mas que não é usada de forma regular, já que não foi estabelecida no início quanto tempo cada um teria para falar. O tempo foi colocado segundo a conveniência da moderadora, quando ela entendia que era muito ou pouco e quando poderia e deveria intervir. Ter um tempo determinado para falar é um aspecto importante para a cognição, fazendo com o aluno tenha que fazer o esforço de sintetizar a sua fala. O tempo como utilizado aqui funciona como organizador dos turnos e do debate e que só é respeitado quando as falas acontecem de forma desorganizada, não sendo aplicado igualmente para todos.

Rebecca faz uma pergunta direcionada à José com o objetivo de apoiar a posição defendida por Flávia e contra-argumentar com o posicionamento defendido por José. A pergunta apresentada tem a função de convencer e pode ser construída como um posicionamento se organizado da seguinte forma: andar com gay fará uma pessoa tornar-se gay, andar com um traficante fará uma pessoa tornar-se traficante. José responde ao contra-argumento, para ele a influência de um traficante ou ladrão vai depender da educação doméstica enquanto que a da opção sexual não se dá da mesma forma, podendo existir uma influência independente da educação doméstica. Na resposta dele podemos perceber que ele reafirma o seu ponto de vista, mas tendo em consideração o argumento que foi dito anteriormente e reelaborando o que ele já tinha dito anteriormente com um exemplo pessoal. O argumento dele é expandido a partir do argumento colocado por Rebecca. Esse processo de expandir o argumento é resultado de um processo cognitivo de revisão de perspectivas que aparece quando um contra-argumento é considerado.

208	Moderadora	Tá, passou mais de dois minutos, Andrea quer falar agora.
209	Andrea	[incompreensível], mas você pode ser um maconheiro, não você não ((e sorri))
210		
211		Eu só estou dando um exemplo, não estou levando para o lado pessoal, e é
212		isso, você pode ser aquilo [incompreensível] você está no meio ali ai você não
213		é [incompreensível]
214	Flávia	A professora quer falar, depois dela eu quero
215		((Inicia-se uma fala coletiva em que uma quantidade de alunos pedem para
216		falar))

Após esse momento, a moderadora encerra a fala e diz que o tempo acabou cumprindo a regra que foi estabelecida por ela anteriormente e passa a vez de fala para Andrea. Andréa por

sua vez, traz um argumento contrário ao colocado por José, afirmando que não é porque você anda com maconheiro que será um. Outro ponto interessante é que ela retoma um aspecto da construção do debate trazido pelo livro didático, que é não levar para o lado pessoal, e que até o momento não tinha sido pontuado pela moderadora. A argumentação, ainda que tendo um formato diferente dos momentos anteriores, porque contra-argumentos são colocados e respondidos, ainda prevalece o movimento de fundamentar cada vez mais o ponto de vista proposto inicialmente, sem a avaliação dos contra-argumentos trazidos.

217	Professora	Eu acho que assim, essa teoria tão determinista, né?! de dizer assim: o homem
218		é produto do meio que ele vive, essa teoria já é bem discutida hoje em dia,
219		né? e assim, já tem teorias por aí que tentam [incompreensível]. Eu,
220		particularmente, sou contra a adoção de crianças por parte de casais
221		homossexuais, mas não porque eu acredite nessa teoria de que, ah, ta sendo
222		criado por homossexual ele vai ser homossexual, não é esse o motivo, o
223		motivo que me leva a ser contra, aí eu concordo com o que disse Elizama
224		disse no início, ela disse assim: até por questões religiosas, não foi?! Deus
225		fez o homem pra se unir a uma mulher e não pra se unir a outro do mesmo
226		gênero. Primeiro por essa questão religiosa, querendo ou não ela é a que eu
227		acho que impulsiona ainda esse pensamento contrário na sociedade, porque?
228		Porque, é, nós somos criados, fomos criados num país de maioria católica,
229		apesar de que eu particularmente não sou católica, mas eu quero dizer assim,
230		um país que tem religião, entendeu? E tem esse princípio religioso muito forte
231		e ainda é muito difícil se quebrar isso. Obviamente não quero entrar aqui no
232		âmbito das religiões, mas eu quero dizer também que não é só isso que me
233		leva a ser contra, o que me leva a ser contra é o que a maioria já disse aqui e
234		eu concordo com eles, quando eles dizem assim: apesar de que seja
235		questionada essa, essa relação de que o homem é produto do meio em que ele
236		vive, mas querendo ou não, de alguma maneira, né?! eu creio que sim, que
237		aquela criança ela vai ser influenciada por comportamentos, como José disse,
238		por comportamentos homofóbicos, né?! querendo ou não, ela vai ter.. como
239		José colocou ali, ele disse assim.. aaa, se eu começar a andar com grupo de
240		homossexuais daqui da escola vão me chamar de gay, a preocupação não é
241		com o que vão chamar, sabe José, eu não me preocupo com o que vão chamar,
242		que aí já é uma questão até de bullying, de respeito, não é por aí, mas eu digo
243		assim: de qualquer forma você andando com eles, por mais que você não seja
244		um deles ((faz com as mãos como se estivesse colocando a frase um deles
245		entre aspas)) né?! mas você de alguma forma, você vai assimilar, não é isso

246		que você queria dizer? ((falando com José, e Jose balança afirmativamente a
247		cabeça.)) assimilar algumas características comportamentais...
248		
249		
250		
251		
252	José	Jeito até...
253	Professora	Exatamente, e uma criança, você sabe que uma criança ela assimila o que um
254		adulto está fazendo, ela assimila o comportamento...
255	José	Tudo, tudo...
256	Professora	Ela reproduz fala dentro de casa, principalmente na idade de formação da
257		personalidade, ela assimila muita coisa e meu pensamento é esse, eu acho que
258		querendo ou não ela vai assimilar. Ah, mas isso não quer dizer que ela não
259		vai ser homossexual no futuro.. eu nem to me preocupando se ela vai ser ou
260		não, eu só quero dizer que eu sou contra porque ela vai assimilar isso e no
261		meio dessa sociedade, que ainda é uma sociedade, né?! Com uma
262		fundamentação religiosa muito forte, né?! essa criança vai sofrer. Então
263		minha preocupação é com o futuro dessa criança, o que ela pode sofrer aí. Ah,
264		mas a gente entra naquele outro lado, mas não é uma criança que é criada com
265		homossexuais que pode sofrer, qualquer criança não está livre do sofrimento
266		não, mas especificamente nessa questão de adoção por homossexuais eu acho
267		que ela vai sofrer um preconceito muito mais forte do que talvez de outros
268		tipos de preconceitos da sociedade, porque a sociedade, por mais que seja uma
269		sociedade que já esteja mudando, como você disse ((apontando para Flávia))
270		esteja aceitando mais as coisas, mas ainda é uma sociedade muito forte em
271		relação a isso e a criança precisa sim de uma presença materna e paterna
272		diferenciada sim na formação dela.
273		José queria falar.
274		

A professora inicia retomando uma parte da ideia que José colocou, só que com outras palavras. Ela aponta que a justificativa é determinista e que ela não prefere ir por esse caminho de pensamento. O principal ponto de vista dela é ser contra a adoção e o fundamento é porque Deus criou um relacionamento heterossexual, retomando e concordando com o que foi dito anteriormente por Elizama e Rebecca. Uma das justificativas utilizada por ela é que a criança vai sofrer porque existe preconceito na sociedade e continua justificando que esse preconceito se dá pela forte influência religiosa que ainda se faz presente, mesmo que ela não queira colocar

os aspectos religiosos em questão. Todo o movimento da professora é para fundamentar os argumentos já colocados por alguns estudantes e que estão de acordo com o posicionamento dela. A professora ainda chega a considerar o posicionamento colocado por uma estudante e responde e encerra colocando um novo ponto de vista como fundamento que é a criança precisa de uma presença materna e paterna. Percebemos que os fundamentos trazidos pela professora foram retomados do discurso dos alunos e que as justificativas já foram elaboradas anteriormente pelos participantes. Mesmo a professora como participante do debate também apresenta o mesmo padrão de fala dos alunos, dar um ponto de vista e justificá-lo, não respondendo, ou respondendo de forma superficial os contra-argumentos apresentados.

275	José	Não, a senhora já falou tudo já, né?! porque não tem como a pessoa não se influenciar não
276		
277	Moderadora	[incompreensível] não queria falar? Se expresse!
278	Rebecca	Eu queria fazer uma pergunta as meninas, ((e aponta para as colegas))
279		[incompreensível] falou, digamos que uma criança seja adotada por dois
280		homens e ela vê, ela veja as relações que os pais tem o carinho.. você já
281		entendeu, e quando ela sair pra rua ela vê diferente casais, um homem e uma
282		mulher se relacionando da mesma forma, e aí como vai ser a mente dela? O
283		psicológico dela? Ela vai ficar em dúvida? Ela vai achar normal?
284		E aí?

Após a fala da professora, José, que queria falar, desistiu porque a professora já tinha, segundo ele falado tudo. Apesar da moderadora insistir ele não fala, quem pede para falar é outra colega que já tinha se posicionado contra a adoção, ela resolve fazer uma pergunta para as meninas que defendem a adoção. A pergunta que Rebecca faz demonstra um contra-argumento porque levanta questões que já foram trazidas por ela e por outros colegas anteriormente, de que a criança possivelmente ficará confusa. Apesar de Rebecca em outro momento ser a favor, esse contra-argumento parece-nos ser contra a adoção. Rebecca assume um posicionamento contrário ao que ela tinha assumido até o momento, dando a possibilidade da reflexão se estabelecer com mais facilidade.

285	Elizandra	((outra colega, a que está ao seu lado responde, no lugar das meninas para quem foi direcionada a pergunta)) Eu acho que os pais desde pequenininho
286		devem dizer a ela o que está acontecendo..
287		
288	Rebecca	Mas acontece que ela foi adotada..
289	Elizandra	Então [incompreensível]
290	Rebecca	Recentemente..

291	Elizandra	Mas... enquanto ela está crescendo dizer, porque não, eu acho que não importa
292		a pessoa ter dois pais ou duas mães, vai se dar amor do mesmo jeito. É só
293		dizer, meu filho, só entender, porque chega lá fora vê mulher e homem
294		[incompreensível]
295	Rebecca	E ai a criança, não tem mentalidade de um adulto ((virando para o lado
296		esquerdo na direção da colega que está falando ao lado))
297	Elizandra	Sim, mas o pai ou mãe vai explicar o que tá acontecendo..

Na primeira resposta de Elizandra à Rebecca aparece uma nova justificativa a favor da adoção e que serve de contra-argumento para a justificativa de que a criança não vai entender o que está acontecendo, levantado em momentos anteriores. Elizandra diz que os pais vão explicar para criança o que está acontecendo desde o início. A reação de Rebecca, que propôs a pergunta é questionar o ponto de vista da colega propondo contra-argumentos e percebe-se que ela levanta uma ideia contrária principalmente pelos marcadores argumentativos que utiliza como o “mas” que tem função adversativa. O primeiro contra-argumento é o de que a criança foi adotada.

298	Professora	Elizandra, a colega quer falar. ((professora interrompe para dar a oportunidade de uma outra colega que levantou a mão pedindo para falar.))
299	Flávia	Bom, assim, criança com certeza ela não vai entender, ela vai ficar em dúvida,
300		mas quando ela for crescendo ela vai saber, poxa, o homem foi feito pra
301		mulher e a mulher foi feita pra o homem. Entender? Mas criança..
302		
303	Rebecca	E a escola?
304	Flávia	Mas é na escola mesmo que ela vai aprender, na escola mesmo que ela vai
305		aprender que o homem foi feito pra mulher, que..., poxa meus pais são
306		diferentes! Meus pais são diferentes e ponto.
307	Moderadora	[incompreensível] quer falar? Fale!

A professora interrompe Elizandra e diz que Flávia quer falar, assumindo novamente o papel da moderadora, e prontamente Elizandra atende a solicitação da professora passando a possibilidade de fala para a colega. Logo em seguida Flávia dá um contra-argumento para os argumentos apresentados anteriormente por Elizandra. O contra-argumento apresentado parece concordar com a fala de Rebecca, mas não foi entendido por Rebeca como uma concordância e levanta uma questão que serve como novo contra-argumento, o que entra em questão é como será a vivência na escola, nesse momento Flávia responde mantendo o seu ponto de vista inicial de que não existe problema na adoção e acrescenta a justificativa que Elizandra e Rebecca

trazem de que a criança vai aprender na escola que o homem foi feito pra mulher, mas vai pensar ao mesmo tempo que não é problema que os pais sejam diferentes.

308	Rebecca	Ele.. em relação ao que os meninos falaram de que ela vai sofrer bullying e
309		ai? Vai ficar nessa até quando? Sofrendo bullying por outras pessoas, ah tu
310		tem dois pais!..
311		tu é diferente, o que ele vai sentir? ((falando com Flávia))
312	Flávia	Ai isso já é preconceito da sociedade, né? Não sei, o que importa é que dentro
313		de casa ela vai ter amor e carinho. Porque é melhor ficar dentro de casa com
314		peças que me amam do que num orfanato morando lá, ninguém quer me
315		adotar e eu envelhecendo lá e ninguém quer me adotar, é melhor ter uma
316		família diferente, mas eu tenho uma família, melhor do que ficar em um
317		orfanato sem ninguém, sendo desprezado lá.
318		Eu acho melhor.
319	Rebecca	Também tem a questão da criança se revoltar, digamos que ela tenha 10 anos
320		e cresceu num orfanato com aquela coisa homem mulher, não há nada mais
321		que isso, mais que isso pode ser aberrações, to dizendo de uma forma, pode
322		acontecer.. [incompreensível] e é adotada por homossexuais não vai criar uma
323		revolta nela? [incompreensível] e quando ela for adotada, os pais dela querer
324		botar outras regras? ((pergunta para a colega que falou anteriormente)).
325	Flávia	Eu me colocaria no lugar da criança, tipo, se eu tivesse lá, minha mãe me
326		tivesse dado pra um orfanato e eu pensasse: eu não tenho uma família para
327		passar o natal. Pronto e vinhesse um casal e me adotasse e eu tivesse minha
328		casa, meu quarto?
329		Eu ia ficar muito feliz independente da minha mãe, eu acho

Rebecca, que não está convencida dos argumentos trazidos pelas colegas, e quer convencer às colegas remete-se à Flávia fazendo novamente uma pergunta que tem como finalidade apresentar um novo argumento. O argumento que podemos identificar a partir de sua pergunta é: não sou a favor da adoção de crianças por casais homossexuais porque a criança pode sofrer bullying e sofrer. Temos a ideia de que essa justificativa foi incorporada da fala da professora quando ela faz referência ao preconceito que a criança pode sofrer. A resposta de Flávia também é de reafirmação de uma justificativa que ela já trouxe anteriormente que é sobre o preconceito, mas ela não desenvolve a ideia do preconceito, desenvolve a justificativa que ela já apresentou anteriormente que o mais importante é ter amor e ter uma família. Rebecca insiste e apresenta um novo contra-argumento para Flávia: se a criança for mais velha pode acontecer dela se revoltar, Flávia responde reforçando seu ponto de vista: é mais importante ter uma

família do que ficar em um orfanato. È possível perceber que a tentativa de Rebecca é levar até as últimas possibilidades os argumentos apresentados por Flávia, e para isso em seus argumentos ela coloca possibilidades que ainda não foram levantadas anteriormente. Flávia ao responder aos argumentos procura reforçar o que disse anteriormente, seja por meio do acréscimo de uma nova justificativa ou apenas reafirmando a justificativa que já havia falado.

330	Moderadora	Pronto, o tempo acabou [incompreensível] ((aponta para outro colega, dando a permissão para ele falar))
331		
332	Aramis	Ela falou que se ela tivesse alguém da família dela que fosse homossexual, ela ia aceitar, mas ai, já vem o que? A formação dela. O que faz ela pensar assim? Já vem a criação dela desde antes, então um pai e uma mãe vai ajudar, porque? alguns assuntos você não vai conversar com seu pai, você conversa só com sua mãe então tem aquela parte da divisão dos assuntos, você não vai conversar muito sobre sexo com sua mãe, você vai conversar mais com seu pai que é o que dá uma liberdade pra você conversar tem uma influência maior [incompreensível]
333		
334		
335		
336		
337		
338		
339		
340	Flávia	Desculpa, eu não entendi direito porque eles estavam falando aqui ((apontando para o colega do lado direito)) sim, como é?
341		
342	Aramis	Você falou que se alguém da sua família fosse homossexual, você ia aceitar normalmente, ai eu tava falando que já vem da sua formação já, como você foi criado, a forma do seu pensamento, o que já fez você pensar dessa maneira, então eu acho que um pai e uma mãe faz seu papel perfeito e assuntos que você não vai conversar com seu pai mas você conversa com sua mãe, então vai ser dividido assim,
343		
344		
345		
346		
347		
348		o certo, foi perfeito, criado por Deus,
349	Flávia	Um pai e uma mãe, né?!
350	Aramis	Um pai e uma mãe, com certeza
351	Flávia	((alguns segundos de silêncio)) É pra mim falar de novo, é?!
352	Moderadora	Não, José quer falar..
353	José	Eu sou contra também por causa do futuro, ta entendendo? Você vai ter um filho, eu acho que todos vocês vão ter filhos, aqui na sala, né?! todo mundo vai ter filho, no futuro. Qual o futuro que você quer pra o seu filho? Você quer mais homossexual na rua? Quer? Quem quer isso? ((fala com tom de riso)) ((Flávia levanta a mão pedindo para falar)) Eu to pensando no futuro, eu não quero que meu filho vá pra rua veja dois homens se beijando, duas mulher se beijando, eu não quero que meu filho veja isso na rua, ta entendendo? Eu penso no futuro, eu to fazendo agora a crítica ao gay mas eu
354		
355		
356		
357		
358		
359		
360		

361		to pensando no futuro do meu filho, como você vão pensar também quando
362		vocês tiverem filho, né?! tanto menino como as meninas né? vocês vão pensar
363		no futuro do seu filho.
364		((com o olhar e direcionado para Flávia))

A moderadora interfere afirmando que o tempo acabou e passa a oportunidade de fala para Aramis. Ele começa retomando a fala de Flávia justificando que o fato dela aceitar a possibilidade de ter um filho gay, se dá devido à educação que ela teve e depois coloca uma nova justificativa: é necessário ter um pai e uma mãe de sexos diferentes já que alguns assuntos você conversa com um e não com o outro Apesar de Aramis estar direcionando sua fala para Flávia, ela não se motiva a dialogar com ele, com isso abre o espaço para José falar. José que também é contra a adoção acrescenta uma nova justificativa: o futuro. Ele diz que no futuro ele não quer que os filhos tenham que ver casais homossexuais nas ruas. O movimento cognitivo continua sendo o de fundamentar cada vez mais o próprio ponto de vista na tentativa de convencer o colega.

365	Flávia	Agora, ô José, eu posso fazer uma pergunta assim, se coloque no lugar de uma criança no orfanato
366		
367	José	To lá no orfanato
368	Flávia	Sim, ai você tá lá, tipo, se vinhesse um casal de homossexuais lhe adotar, você ia aceitar ou ia preferir ficar no orfanato esperar crescer...
369		
370	José	Eu não sei se eu ia ter o mesmo pensamento se eu fosse essa criança, mas no caso, no começo podia ser mil maravilhas, eu ia pra lá, eu não ia [incompreensível] eu ia pra escola, eu no caso ia ser criança ainda, ia ser pequeno, sete, seis anos, não sei a idade e essa idade a pessoa ta ainda aprendendo, ta entendendo? No começo ia ser tudo, mas depois, depois da convivência em casa, ia ter briga, ia ver um bucado de coisa, ele ia ver a relação dos pais dele ali, ta entendendo?! Então isso tudo vai começando a cabeça da criança ia ficar muito confusa..((colocando a mão na cabeça)) .
371		
372		
373		
374		
375		
376		
377		
378		Eu poderia até ir, eu poderia ate aceitar, “não eu quero, eu quero sair daqui”,
379		mas depois vendo com certeza,
380		não eu não quero não.
381	Flavia	Eu preferia ter uma família..
382	José	Com certeza.. todo mundo quer ter uma família, né? mas
383		na minha opinião, essa família, pra mim, se eu tenho a cabeça que eu tenho
384		hoje eu preferia ta num orfanato, estudar, acabar meus estudos, quando
385		ficasse de maior, seguir a vida.

Flávia por sua vez faz uma pergunta a José, nesta pergunta também é possível perceber que existe um ponto de vista, aquele que ela vem defendendo desde o início, de que é melhor ter uma família. Podemos perceber na resposta que José dá que ele tem em conta a fala de Flávia de que inicialmente é melhor ter uma família, mas completa reafirmando que depois ele teria problemas. Na fala de José podemos perceber que ele antecipa o contra-argumento: vai ter briga, vai ver coisas desagradáveis e diante disso sua resposta final é reafirmar seu ponto de vista em ser contra a adoção de crianças por casais homossexuais. Houve também por parte de

José uma avaliação do argumento trazido por Flávia e após essa avaliação ele pondera com possíveis contra-argumentos e decide permanecer com o mesmo posicionamento. Esta é a segunda vez que o movimento de examinar o argumento apresentado acontece.

386	Rebecca	Eu queria perguntar a Flávia, no desenvolvimento da criança
387		[incompreensível] uma menina que tivesse cinco, seis anos, fosse adotada por
388		dois homens, com o passar do tempo, ela se desenvolver como toda menina
389		normal, qualquer. Ai ela ia ter uma fase, que toda menina tem que é chegando
390		na adolescência que é a parte da menstruação.
391		E ela ia conversar o que com os pais? Se ela não tem uma mãe, uma mãe que
392		já passou por isso.
393		E tem uma mãe que é do outro sexo?
394	Flávia	Olhe, ée.. com certeza eles iam ter uma orientação pra falar sobre isso, né?
395		Poxa vida, se essa é a minha primeira menstruação, e tal, isso é só um jeito de
396		falar
397	Rebecca	Mas eles não sentiram, eles nunca sentiram o que ela vai sentir
398	Flávia	((Flávia sorri para o outro colega e se distrai por alguns segundos depois
399		retorna)) Oi?
390	Rebecca	Eles nunca sentiram o que ela ta sentindo
391	Flávia	É mas pode está...
392	Rebecca	Nunca fizeram o que deve ser feito

Uma nova pergunta é direcionada a Flávia, e a pergunta novamente tem implícito um argumento que já tinha sido colocado por Aramis mas que Flávia não respondeu, a ideia de que os pais tem seu papel no desenvolvimento do filho, e esse papel está estreitamente atrelado ao sexo Flávia contra-argumenta afirmando que os pais adotivos teriam orientação para conversar com os filhos, que é só a forma de falar. Rebecca insiste e contra-argumenta que os pais não sentiram o que a menina adotada vai sentir, ou seja, que é importante a presença dos dois sexos na constituição de uma criança. Flávia tem a atenção desviada da fala da colega e quando volta não consegue responder por não ter entendido o que ela falou e logo em seguida por ser interrompida com uma nova justificativa da colega de que os pais além de não terem sentido nunca fizeram o que deve ser feito em algumas situações. Um padrão que vem sendo observado é usar as perguntas como argumento. Ao fazer a pergunta o aluno quer fazer com que o colega concorde com ele, uma pergunta que faz com que o outro se defenda ou então que abre espaço para uma mudança de opinião.

393	Moderadora	Peraí, Peraí que Elizandra quer falar também. E depois José de novo.
-----	------------	----------------------------------------------------------------------

394	Elizandra	Eu tava procurando o que a professora disse pra gente ver, eu tava pesquisando, ai eu vi um site que tava dizendo que os casais heteros são os que mais desprezam crianças e o homossexual são o que mais quer ao seu lado. Se não houvesse tanto preconceito desse jeito, se deixassem eu garanto que não ia haver criança na creche. Tem a reportagem que 10% de heteros desprezam crianças e 20 de homossexual ((porcentagem)) deseja ao lado dela, dele.. então porque todo esse preconceito em ter dois pais e duas mães? Porque? Não é a mesma coisa? Se como Rebecca disse, falando sobre a menstruação, vai ter sempre um que vai saber dessas coisas, vai dizer naturalmente, não tem pra que “ não, sou filha de dois pais e duas mães” ((expressando de maneira ironica)) se fosse a mesma coisa em casa, a mãe fosse prostituta não ia sofrer do mesmo jeito? Não vai sofrer do mesmo jeito? Não tem nada a ver não, isso é só uma questão de tempo, se estabelecer a sociedade, eu acho que é uma opinião e eu aceito.
395		
396		
397		
398		
399		
400		
401		
402		
403		
404		
405	Professora	Vai Eraldo e Andrea
410	Eraldo	Ei professora, prostituta não é profissão? Então.. é
411		

A moderadora interfere e passa a oportunidade de fala para outra colega, a Elizandra. Ela, que já havia se posicionado anteriormente a favor da adoção de crianças por casais homossexuais, acrescenta novas justificativas ao seu ponto de vista. Segundo ela, casais heterossexuais abandonam mais crianças do que casais homossexuais, para ela, não aceitar a adoção seria preconceito. Elizandra também recupera a fala de Rebecca e apresenta um contra-argumento que vai na mesma direção do apresentado por Flávia, de que sempre vai ter um do casal que sabe mais e pode conversar, e acrescenta que o sofrimento que a criança vai ter é o mesmo sofrimento de ser filho de uma prostituta. A professora assumindo o papel da moderadora, interfere e passa a palavra para Eraldo. Eraldo fala em tom de brincadeira que prostituta seria uma profissão. Podemos perceber que o movimento cognitivo feito aqui é o de fundamentar mais o ponto de vista, e expandir o próprio contra-argumento a partir dos argumentos que seguem a mesma direção do proposto por mim. Ou seja, Elizandra expande as suas ideias a partir do que Flávia apresenta, já que as duas concordam sobre o mesmo ponto de vista.

412	Professora	Andrea
413 414 415 416 417 418 419 420 421 422 423 424 425 426 427 428	Andrea	A criança que é adotada a pessoa vai levar pra casa dela, vai passear com ela, a pessoa passa a ter intimidade com essa criança. Vou contar algo pessoal, perguntei até a professora se eu posso falar, eu morei numa creche, eu já fui quase adotada, ninguém pense que é fácil.. ((incompreensível)) é muito difícil.. então, assim, tem que levar, levou né?! Me levou pra casa dela, pra passear, tudinho.. mas uma coisa fez que eu não quisesse ser adotada por ela, o modo dela de ser, o tom de voz que ela usa pra falar com as pessoas, ela me deu presentes, tudinho... mas eu acho que ela podia pensar que presentes..eu quero chegar a um ponto e pra criança... se chegar um casal de homossexuais pedir pra levar a criança pra um lugar, assim, passear, ela vai ter a capacidade suficiente pra saber que é isso, dois homens, duas mulheres, ela vai ter capacidade, eu tive ... com a minha idade, dez, onze anos de idade .. eu fui bebe pra lá né?! Fiquei o que?Dez anos no orfanato ... então é isso, éee ((incompreensível)) a criança tem capacidade suficiente pra
429 430	Professora	Eu não entendi você é a favor ou contra?
431 432	Andrea	Não, eu sou contra professora ((incompreensível)) mas isso vai da consciência

Andrea começa sua fala logo em seguida e traz a sua própria experiência como justificativa, mas não fica suficientemente exposto qual o ponto de vista que ela defende. Pode-se pensar, a princípio, que ela estaria a favor da adoção, já que seu exemplo seria uma justificativa a mais para a ideia de que a criança poderia escolher se quer ou não ficar com a família. Mas quando questionada se ela estaria a favor ou contra a adoção, ela responde que é contra a adoção, mas que cada um sabe o porquê escolhe ser contra ou a favor.

433	Moderadora	José.. ((apontando pra José))
434	José	Eu anotei aqui, deixa eu pegar, o que rebecca falou ((apontando pra rebecca e logo em seguida abrindo o caderno)) ela falou que quando a mulher tem a primeira..
435		
436		
437	Professora	Menstruação
438	José	É, isso aí mesmo, vê como ia ser esquisito falar.. Quem é das mulheres que fala isso com seu pai? Ninguém, veja como ia ser esquisito o homem chegar pra falar.. Ah minha filha, vá conte, você já teve menstruação? É da natureza ter uma mãe em casa, ter uma mulher dentro de casa ((elizandra se inquieta e pede para falar)) Não tem como não ter isso não, ta entendendo? fica muito esquisito, ia ficar uma coisa muito
439		
440		
441		
442		
443		
444		
445	Elizandra	Olha José, eu digo uma coisa a tu, quando a pessoa não tem uma mãe como eu não tive, minha mãe faleceu, a pessoa se acostuma a falar, meu pai teve que aprender a ser minha segunda mãe, negócio de menstruação tive que dizer a ele, ia dizer pra quem? A pessoa se acostuma, eu não tenho pra quem dizer, tive que dizer a ele, tudo
446		
447		
448		
449		
450	José	Mas eu não to falando do seu pai, a gente ta falando aqui dos casais...é diferente
451		
452	Elizandra	Se eu tivesse dois pais?
453	José	Então.. eu to falando do casal, seu pai é seu pai, corre no sangue, é diferente, né?
454		
455	Elizandra	E não é o mesmo?
456	Moderadora	((interrompe, mas não é compreensível o que ela fala e logo depois rebecca fala))
457		
458	Rebecca	A questão é não ter intimidade ((falando com elizandra)), pra você ia ser duas pessoas desconhecidas morando na mesma casa que você, você foi adotada recentemente, teve a menstruação e não tem a intimidade toda pra falar com seu pai, e aí?
459		
460		
461		
462	Elizandra	Mas a questão é essa, se ela vai dizer, ela tem que dizer...
463	Rebecca	Não.. ela tem que dizer...
464	Elizandra	Então pronto ... querendo ou não ela vai ter que dizer porque isso é normal. Eu acho que isso é relativo de quando a pessoa vai ter filho..
465		
466	José	Não.. mas eu tava falando assim mesmo porque a gente tava dentro do assunto, não é?! a adoção de crianças.. ai já é um negócio totalmente diferente, ele é seu pai, você tem essa intimidade com ele..
467		
468		
469	Elizandra	Sim! mas não tem como não dizer pra o pai...
470	José	Hã?
471	Elizandra	Eu to dizendo que não tem porque não dizer pra o pai.. ((gesticulando com as mãos fazendo a expressão de interrogação))
472		
473	José	Eu não disse pra não dizer pra o pai, disse que ia ser muito esquisito, uma criança, uma mulher chegar pra os pais dela que são homossexuais, não são realmente pais dela e falar isso abertamente eu acho que ela vai ficar com receio disso, ta entendendo? Ai já é seu pai, é totalmente diferente, corre no seu sangue...
474		
475		
476		
477		

José inicia sua fala resgatando o que Rebecca trouxe sobre a menstruação, apresentando essa informação como justificativa para ser contra a adoção, para ele seria esquisito falar com um pai sobre esse tema, Elizandra prontamente contra-argumenta afirmando que quando não se tem a mãe acostuma-se a falar sobre tudo com o pai, a resposta de José foi modificada e o “mas” demonstra o ponto em que eles divergem, para ele pai é o pai sanguíneo e por isso seria

diferente pelo tipo de liberdade dada e para Elizandra não teria diferença entre um pai adotivo e um pai biológico, dessa forma, para ela, não faria diferença se são dois pais do sexo masculino. O contra-argumento de Elizandra fez com que José tomasse a sua justificativa para avaliação e reformulasse colocando uma restrição que antes não existia que é o aspecto de que pai é o que gera.

Rebecca também acrescenta uma nova justificativa ao argumento de não ser a favor da adoção porque existem temas que você não teria facilidade de conversar com seu pai adotivo e acrescenta que o fator é a falta de intimidade, para Elizandra não é uma questão de querer conversar, mas de ter que conversar sobre o assunto. Rebecca a princípio discorda com Elizandra, mas assume que a menina terá que dizer aos pais. Elizandra por sua vez reforça seu argumento e diz que isso é uma questão de quem vai ter um filho, independente se é um casal homossexual ou heterossexual.

José volta a falar e retoma colocando um, “mas” logo no início, aparentemente esse, “mas” demonstra a revisão de perspectiva que ele faz, mas ainda assim, ele reforça a justificativa e é mais explícito colocando que o problema não é serem pais homossexuais. Elizandra responde reafirmando o contra-argumento que já tinha sido colocado por ela de que a menina terá que dizer e José dessa vez é mais explícito e responde ao contra-argumento trazido dizendo que ele não falou que não teria que dizer, mas que seria esquisito ter que falar para o pai sem ser seu pai de sangue. Movimentos de revisão acontecem nas respostas aos contra-argumentos apresentados, mas o resultado é a permanência do argumento.

478 479	Moderadora	((Elizandra não concorda com o que disse José)) Alguém quer falar mais alguma coisa? Alguém? Alguém? Alguém?
480 481 489 490 491 492	Flávia	((acena a mão para a direita e para esquerda pedindo para falar)) Agora isso vai depender da criança também como ela cresceu, como ela foi acostumada, a aproximação dela com os pais, entendeu? ((com o rosto e o corpo na direção de José)) E sempre tem um que é mais ligado.. assim.. mais feminino.. ele vai falar com ela direitinho. Agora me diga uma coisa, se for um casal de mulheres?
493	José	Oi?
494	Flávia	Se for um casal de mulheres?
495 496	José	Ah, se for um casal de mulheres fica mais fácil né? Mas se for um homem adotado? Me diga...
497		E...
498	José	Mas se for um homem adotado por elas?
499	Flávia	Ai se for um homem é como eu disse, sempre vai ter um maiiiiis..
500	José	Então... ((Move as mãos em sentido de dúvida..))
501	Flávia	vai ter que falar com ela direitinho.. é só o jeito de falar
502	José	Mas eu acho que aaa... mudando da água pra o vinho
503 504 505	Flávia	ou então.. ((José dá a vez para que ela fale)) Ou então a avó.. falar também.. A avó tem que participar em muita coisa..
506 507 508 509 510 511 512	José	Pode ser né?! Eu acho também, isso tudo a gente ta debatendo aqui porque a política brasileira é uma vergonha, né?! Fazem... ninguém pode sair... eu sei que o brasileiro tem liberdade de expressão, mas legalizar isso aí, pra mim foi a gota d'água, não voto em mais ninguém eu voto tudo branco.. ((a turma sorri)) nem pra vereador eu voto mais, tudo branco, num instante tudo branco.. porque isso é uma vergonha.. Nunca vi isso não...

A moderadora pergunta se alguém quer falar mais alguma coisa e insiste, Flávia diz que quer falar e é dada a oportunidade para ela. È retomada a questão de falar ou não com o pai sobre as diversas questões da vida feminina e Flávia após trazer sua justificativa de que sempre vai ter um mais próximo traz um contra-argumento se for um casal de homossexuais do sexo feminino e adotarem uma menina. José muda a sua justificativa afirmando que fica mais fácil para a menina e logo em seguida faz uma pergunta para Flávia que desafia o ponto de vista defendido por ela desde o início. Ele questiona o que aconteceria se o casal homossexual feminino adotasse um menino. Flávia responde que sempre vai ter um que é mais próximo do sexo oposto, mantendo justificativas já apresentadas. Por um momento os dois falam juntos, mas José permite que Flávia fale e ela traz uma nova justificativa, a pessoa com quem se pode conversar seria a avó. Essa fala de Flávia mostra uma reflexão feita por ela diante dos argumentos e contra-argumentos mobilizados sobre o tema sobre com quem falar sobre determinadas coisas e aparece a figura da avó como uma saída para o impasse proposto.

José, após a fala de Flávia, responde aceitando a resposta dela e nos parece que eles conseguem chegar a um acordo mínimo sobre a questão. A importância de outros familiares no desenvolvimento. Por fim, ele traz um tema que até o momento não tinha sido mobilizado,

a política brasileira. Para ele a responsabilidade da legalização é dos políticos, e ele como não concorda com a ação afirma que de agora em diante votará em branco ou nulo.

513	Rebecca	O pastor é obrigado a casar.se o pastor não casar homossexuais ele pode ser preso...
514		
515	Amaris	Lembrando que homossexual tem mais direito do que hetero..
516	Rebecca	Se o pastor prega o que ta na bíblia e na bíblia tem dizendo que homem e mulher passar disso é aberração, então porque vai casar homossexuais e não tem na bíblia?
517		
518		
519	José	Obrigar né?! Obrigar o pastor a casar dois homens na igreja, isso é um absurdo ninguém pode obrigar nada não..
520		((Moderadora fica em pé no meio da sala..))
521		
522	Moderadora	Eu vou encerrar o debate..
523	Andrea	Não.. não.. perafí.. Queria fazer uma pergunta a José, a tifani, não pra tifani não.. pra José, pra Flávia, pra Elizandra.. Se um casal de homossexuais adota uma criança, se um desses casais morrer.?
524		
525		
526	José	Não entendi não..
527	Andrea	Digamos assim.. você foi adotada por dois pais e duas mães se um deles morrer você vai ficar ter que ficar com outras pessoas ..
528		não vai mudar nada..
529		
530	Moderadora	Oi ? ((falando com andrea))
531	Flávia	Ah, é assim.. (incompreensível)) se um deles morrer vai ser a mesma coisa, não é?! Tanto homossexuais como héteros.. Eu vou ter que falar com meu pai sobre menstruação, não é?!
532		Vai ser a mesma coisa.. é vai ser a mesma coisa, realmente.. se eu tiver meu pai.. um casal.. meu pai e minha mãe.. se um deles morrer eu vou ter que falar com meu pai.. a mesma coisa.. é..
533		
534		
535		
536		
537	Andrea	Isso
538	José	Resumindo a culpa disso tudo aqui ée... dos políticos, né gente?! Então.. todo mundo ((a turma sorrir) .. todo mundo vota em branco, ninguém ganha nada, ta tudo legal..((incompreensível)) até lei da gravata tem pra o vereador ganhar dinheiro, é lei da gravata, é lei não sei o que.. minha geeente..
539		pelo amor de deus..
540		oxe.. no dia que eu for político vocês sabem que..
541		
542		
543		
544	Moderadora	Deixa eu falar.. posso falar.. ((em pé, falando com José)) .. obrigada
545	José	Pode falar..
532	Moderadora	Obrigada pela cooperação de vocês e vamos encerrar o debate..
533	José	Acabou foi?
534		Acabou, graças a deus..

Após a fala de José outros alunos se engajam em justificativas que seguem no mesmo caminho proposto por ele, mas que alguma forma não responde a pergunta proposta. Rebecca traz a questão dos pastores serem obrigados a casarem os casais homossexuais na igreja, Amaris acrescenta um novo ponto de vista que os homossexuais teriam mais direitos que os heterossexuais, José concorda com Elizama. Esses momentos são de reiterações de pontos de vistas e justificativas que não acrescentam na resposta à pergunta do debate.

A moderadora decide encerrar o debate, mas é interrompida por Andrea que resolve fazer uma pergunta para três colegas, dois que apresentam o mesmo ponto de vista a favor e outro que apresenta um ponto de vista em contra. Mas apenas Flávia responde a pergunta

proposta utilizando a resposta da pergunta como mais uma justificativa para o seu ponto de vista. José encerra o debate voltando à justificativa de que a culpa de tudo é da política, incluindo as leis que os governadores criam e que só servem para benefício próprio, como a lei da gravata.

5.2 Protocolo 2 – Modelo de Debate Crítico – 1

A aula em que acontece o debate é iniciada e a professora solicita que os estudantes se organizem nos três grupos que já haviam sido divididos em uma aula anterior. O objetivo era que continuassem o trabalho de preparo para o debate que já havia sido iniciado no grupo. Logo em seguida faz a organização de nove cadeiras perto do quadro branco, que seria o local do debate. A sala estava organizada de forma que ficam próximo ao quadro branco três cadeiras do lado esquerdo, três cadeiras do lado direito e três cadeiras em frente para as outras seis, sendo que três cadeiras correspondiam à bancada afirmativa, três à bancada negativa e três para os juízes, mantendo o formato em que o debate crítico acontece.

Os grupos se preparam com o direcionamento do líder e constante assessoramento da professora e da pesquisadora que passavam em todos os grupos tirando dúvidas e orientando. O preparo se deu nos primeiros trinta minutos da aula e consistia em: organizar as informações e os argumentos que foram selecionados em casa e trouxeram para a aula. Essas informações tiveram fontes diferentes, já que o aluno tinha a liberdade de procurar, mas foi constatado que a maior fonte utilizada foram os textos disponibilizados pela professora. Logo depois cada grupo escolheu três representantes para seguir para o lugar do debate, o local em que estavam as cadeiras separadas e o restante da turma permaneceu nos seus respectivos grupos assistindo o debate e com a orientação de que avaliassem também o debate com as mesmas regras dos juízes.

Este debate foi a primeira experiência que os alunos tiveram com o debate crítico, tanto de orientação como de participação. A pesquisadora colocou as fases do debate no quadro e explicou como o debate deveria acontecer. Em resumo, nos primeiros 10 minutos iniciais a bancada investigativa colocaria os principais conceitos, contexto histórico e apresentaria o impasse, logo em seguida a bancada afirmativa teria 2 minutos para colocar argumentos a favor do tema e posteriormente a bancada negativa também teria 2 minutos para colocar argumentos que desafiassem, ou mostrasse os limites dos argumentos propostos pela bancada afirmativa, essa fase é chamada de fase de argumentação e aconteceram três vezes. Entre elas existiu um minuto de organização em que os alunos que estavam nos grupos tinham a possibilidade de ir onde os colegas estavam para ajudarem a organizar os argumentos que seriam ditos na próxima fase. Depois da fase de argumentação vem uma fase de perguntas, com a finalidade de que se

não ficou algo claro em relação aos argumentos apresentados possa ser esclarecido e por fim a fase da conclusão, em que eles deveriam fazer a um fechamento de tudo que foi explicitado no debate.

A pesquisadora explicitou as principais regras para este debate, que também permaneceriam para os próximos debates, com a diferença de que alguns outros aspectos seriam acrescentados, aspectos estes que estavam relacionados com os conteúdos de teoria de argumentação que eles teriam acesso no decorrer das aulas entre os debates. As regras foram: apresentar argumentos completos e não apenas opiniões sem fundamento, estabelecer um diálogo entre os argumentos apresentados pelas bancadas nas diversas etapas, ou seja, o argumento de uma bancada deveria estar conectado com o que foi dito pela bancada anterior, respeitar o tempo para falar, fazer uma conclusão em que contemplasse uma síntese dos argumentos apresentados e um fechamento para o debate tendo em conta os argumentos que foram apresentados no decorrer do debate pelas bancadas, sempre ponderando entre eles.

01	Pesquisadora	Bom dia pra vocês, nós vamos começar o debate e o tema do nosso debate é: a pena de morte deve ser instituída? Ai nós temos a bancada afirmativa composta por Raísa, Hadassa e Ana Lúcia, a bancada negativa por Pedro, Tainá e David e temos a bancada investigativa que também é a bancada dos juízes, ta bom? E ai agora nós vamos começar o debate com a bancada investigativa, a bancada investigativa vai ter até cinco minutos pra falar. Vamos lá?!
02		
03		
04		
05		
06		
07		

No primeiro debate o tema foi sobre a pena de morte e a pergunta que foi escolhida para o debate foi: A pena de morte deve ser instituída? Todos os aspectos acima relatados foram colocados pela investigadora antes de iniciar o debate. É importante perceber que as instruções dadas para a realização do debate são fundamentais para o funcionamento da atividade e principalmente para o aparecimento de aspectos cognitivos específicos. Fuentes (2011) aponta que para que um debate crítico aconteça é necessário que existam várias teses/opiniões sobre um problema comum e que posições sejam definidas e defendidas. No caso específico do debate, as posições eram contra e a favor da instituição da pena de morte. Cada grupo assumiu uma posição e a alocação das posições não atendeu nenhum critério específico.

08	Willian	Sobre a pena de morte: No Brasil a pena de morte não está em vigor, ela ainda não está em funcionamento, já nos estados unidos a lei da pena de morte [vai fazer seis anos] só vale a pena de morte para maiores de dezesseis anos, mas nos estados unidos uma pessoa quando [incomprensível] com treze anos já é julgada como uma pessoa adulta. Como eu disse, no Brasil ainda não é válida a pena de morte, já em outros países sim, como nos estados unidos no caso e na china também. Existem vários tipos de pena de morte, existe fuzilamento que é feito por armas de fogo, a câmara de gás e a cadeira elétrica, entre outros.
09		
10		
11		
12		
13		
14		
15		

16		
17		

Logo após a fala introdutória da pesquisadora a bancada investigativa se pronuncia. No primeiro momento a bancada investigativa diante das funções que lhe são atribuídas que são: contextualizar o tema, definir os principais conceitos do tema, apresentar o impasse e apresentar um argumento a favor e outra contra, a única que é possível perceber que ela cumpre nesse debate é a função de “contextualizar o tema”, deixando de “apresentar o impasse” e “algum argumento que pode surgir ao longo do debate”. A bancada investigativa tem uma função importante na construção do debate crítico, já que segundo Fuentes (2011) é importante que exista um acordo sobre o tema, e uma informação destituída valores avaliativos, para que o debate possa acontecer. Essa fase é importante por estimular o aluno a pesquisar e também avaliar as informações, para apresentá-la da forma mais fidedigna possível. Essa é uma adaptação que foi feita a partir da adaptação para o uso em sala de aula no nível universitário, em que a professora esse papel.

18 19	Pesquisadora	Agora a bancada afirmativa tem até dois minutos pra enunciar os seus argumentos
20 21 22	Hadassa (Bancada Afirmativa)	Nós achamos a pena de morte justa porque.. Nós achamos a pena de morte justa porque a gente não acha certo uma pessoa que matou o outro ficar em liberdade por ai enquanto a família dele tá sofrendo
23	Pesquisadora	(pergunta para a bancada afirmativa) pronto?
24	Hadassa	Acena a cabeça em sinal positivo

Em seguida, a pesquisadora interfere e diz que o que deve vir no próximo momento, que é a apresentação dos argumentos pela bancada afirmativa e para isso eles terão dois minutos. O ponto de vista deles é: “A pena de morte deve ser instituída”, e esse ponto de vista já havia sido definido antes mesmo do debate acontecer, sendo este o posicionamento que o grupo terá de defender. O trabalho da bancada é encontrar justificativas que sustentem esse ponto de vista transformando-o em um argumento. A primeira justificativa que é dada é que a pena de morte é justa, e acrescenta uma segunda justificativa para defender o primeiro argumento apresentado não é certo uma pessoa que mata outra pessoa ficar em liberdade enquanto que uma família sofre. No momento do debate o argumento aparece de forma completa (ponto de vista mais a justificativa) de forma espontânea porque já foi solicitado para o grupo desde o preparo para o debate. A regra existente e que será utilizada na avaliação apenas reforça esse movimento. Um aspecto importante é que o fato do posicionamento ser definido anteriormente faz com que o exercício da reflexão e do desapego ao ponto de vista pessoal tenha espaço para acontecer, principalmente porque frequentemente alguns alunos tem que

defender posições contrárias aos seus pontos de vistas pessoais. Dessa forma, prevalece o interesse coletivo, muito mais do que o interesse pessoal no tema, já que o que está sendo defendido é uma voz, um posicionamento, sobre o tema.

25	Pesquisadora	A bancada negativa vai colocar seus argumentos
26	Pedro	Nós achamos totalmente injusta a pena de morte nas, tanto [incompreensível] religiosa como teórica as afirmações são que não podemos tirar a vida de ninguém, os direitos humanos tão aí para coibir isso, não temos, não podemos, não devemos tirar a vida de um indivíduo porque ele tirou a vida de ninguém, a gente pode sim deixar ele mofando a vida inteira dentro de uma cadeia, mas tirar a própria vida dele não é certo, nós não podemos botar duas famílias sofrendo a mesma dor , se uma já sente a dor é horrível a outra é pior ainda, não, não vamos fazer isso, negamos veementemente a pena de morte e agradecemos o Brasil não entrar nessa onda que é muito errado.
27		
28		
29		
30		
31		
32		
33		
34		
35		
36	Pesquisadora	Agora um dos colegas tem um minuto se quiser ajudar pra se preparar pra próxima fase. Tem alguém que quer ajudar? Pode vir algum colega se quiser ajudar. (As bancadas conversam entre si) [1 minuto] Agora a bancada afirmativa vai colocar novamente argumentos
37		
38		
39		

Após terminarem, a pesquisadora afirma que chegou a vez da bancada negativa colocar os argumentos. A principal função da bancada negativa é desafiar os argumentos que são apresentados pela bancada afirmativa. O ponto de vista defendido é que a pena de morte não deve ser instituída porque ela é injusta formando assim o primeiro argumento, contrário ao posicionamento da bancada anterior . Assim como a bancada anterior, essa bancada acrescenta três novas justificativas com o objetivo de sustentar o argumento inicial. A primeira justificativa utilizada é que não se pode tirar a vida de ninguém por não se ter esse direito, nem do ponto de vista religioso, nem teórico, a segunda justificativa é que existem alternativas para essa punição, como a prisão perpétua e a terceira é o sofrimento gerado pela pena de morte é igual ao que se quer punir. Novamente as justificativas são antecipadas de forma espontânea no momento do debate, já que já foi solicitado anteriormente esse movimento.

Fica claro a partir deste momento que existem dois argumentos que podem ser trabalhados ao longo do debate: o primeiro argumento defende que a pena de morte deve ser instituída por ser justa e a pena de morte não deve ser instituída por ser uma penalidade injusta. Após a fala dos membros das bancadas os colegas que ficaram na plateia contribuem com os colegas representantes para a organização da próxima fase do momento de argumentação.

40	Rahyssa (BA)	Éee.. sim vocês, se nós não podemos tirar a vida do próximo, porque vocês podem.. certo, vocês tão falando que a família dele irá sofrer também, antes dele fazer a família dele sofrer, ele tinha que pensar antes de fazer uma nova família sofrer pois ele matou uma pessoa, ele tinha que ter a consciência de que ele vai fazer a vida do próximo sofrer e a vai fazer a sua própria família também do que [incompreensível] assassino
41		
42		
43		
44		
45		
46		

47	Hadassa (BA)	Principalmente se ele for preso 70% de quando ele sair da prisão ele voltar a fazer novamente, novamente, então vai fazer sofrer mais uma família sofrer
48		
49		
50	Ana Lúcia (BA)	E também não é grande pra ele pegar prisão perpétua porque nas cadeias (incompreensível) na prisão, mas se ele desenvolvesse bom comportamento em dez anos ele sai [e comete outro crime e volta pra cadeia]
51		
52		
53		
54	Aluno	Eita... pegou pesado..
55	Pesquisadora	A bancada negativa tem até dois minutos pra colocar os argumentos

O turno seguinte é iniciado pela bancada afirmativa. A bancada contra-argumenta as justificativas apresentadas pela bancada negativa na fase anterior, apontando os limites das mesmas. Nesse momento existe um diálogo entre as posições defendidas e percebe-se isso pelo movimento da bancada de recuperar o que foi dito pela bancada anterior. A primeira justificativa apresentada para contra-argumentar é que a pessoa deveria saber que vai fazer uma família sofrer, antes de cometer o crime, a segunda é que existem 70% de chance do criminoso voltar a fazer novamente o crime e o terceiro é uma justificativa para a ideia alternativa à pena de morte que é a prisão perpétua, a ideia apresentada é que se o indivíduo apresenta bom comportamento pode ser livre em dez anos.

Nesse momento do debate, percebemos que o movimento cognitivo é de contra-argumentar examinando os limites dos argumentos apresentados pela bancada de oposição. A bancada continua defendendo a sua posição, e isso acontece por avaliarem que os argumentos trazidos pela bancada opositora não eram suficientes para que fosse retirado os argumentos propostos pela bancada no início do debate.

56	Pedro (BN)	Nós já temos uma família sofrendo, porque fazer duas? E segundo, a gente não sabe aqueles motivos, o governo não dá apoio aquela pessoa, não dá emprego, não dá educação, não dá casa digna, porque que hoje não mata o governador? Porque a culpa é dele. Ele que não dá emprego, ele que não faz casas, ele que não faz a vida da pessoa melhor. Se aquele assassino tivesse emprego? E tivesse uma vida digna? Será que ele ia matar? Se 70% volta a fazer os outros 30% tem que morrer? Não.
57		
58		
59		
60		
61		
62		
63		
64	David	Imagina só se um familiar seu, ele tivesse matado dez pessoas você aplicaria a pena de morte no seu familiar?
65		
66	Hadassa (BA)	Aplicaria
67	David (BN)	Porque?
68	Hadassa (BA)	Porque ele merece, porque ele não tinha o direito de matar ninguém ((Ana Lúcia chama atenção de Hadassa, de forma discreta, pedindo que a colega espere o momento correto pra falar))
69		
70		
71	Pedro	Acabou?
72	Pesquisadora	Não, terminaram? Minha gente, existem regras, vocês tem dois minutos pra falar e depois que terminar o tempo de vocês o outro responde, terminaram? Vocês têm um minuto ainda, querem colocar algum argumento?
73		
74		
75		
76	Pedro (BN)	Então, como eu tava.. será que só é culpa das autoridades? Porque juiz não mata o juiz? Não mata o advogado [incompreensível] se for errado? Se
77		

78		condenarem um inocente a morte? E só vinherem descobrir depois que ele morreu? E aí? A gente vai matar o advogado? Vai matar o juiz? Que foram eles que condenaram, eles mataram um inocente, vão para o fuzilamento também?
79		
80		
81		
82		Não vão. Então o que a gente vai fazer se matam um inocente? O que que vai acontecer?
83		
84	Pesquisadora	Agora tem o coaching e tem mais um minuto pra se organizar, se alguém quiser ta?! ((Após um minuto a pesquisadora interrompe)) Nós vamos agora para a última fase de argumentos, a bancada afirmativa tem até dois minutos para colocar os seus argumentos e logo em seguida depois a bancada negativa vai ter também dois minutos pra iniciar os seus argumentos.
85		
86		
87		
88		
89		

Em seguida a bancada negativa responde aos contra-argumentos levantados pela bancada afirmativa. Semelhante ao que se observou no momento anterior com a bancada afirmativa, a bancada negativa permanece com o mesmo ponto de vista apoiando-se em três movimentos: primeiro, reiterando o argumento anterior de que não é necessário fazer duas famílias sofrerem, não considerando a contra-argumentação da bancada afirmativa a esse argumento. Segundo, a bancada responde ao contra-argumento da bancada afirmativa – de que 70% dos criminosos voltam a cometer crimes quando saem da cadeia- afirmando que isso se dá por falta de boas condições sociais e acrescenta que os outros 30% não deveriam morrer por causa dos 70%. Terceiro, a bancada negativa faz uma pergunta para a bancada afirmativa remetendo a um argumento emocional- que não se aplicaria a pena de morte a alguém que se é familiar. Mesmo violando a regra do debate, que estabelece um momento para perguntas, a bancada afirmativa responde descartando o argumento emocional. Nesse momento, Ana Lúcia, que participa da bancada afirmativa, chama atenção da colega para que ela espere o momento de falar.

Um movimento importante acontece nesse momento do debate que é o da regulação do movimento cognitivo de justificativa e do cumprimento as regras por parte de um dos colegas. O primeiro movimento de regulação ocorre quando a justificativa é solicitada e o outro é o cumprimento à regra do turno de fala. Cada um tem o momento de falar, e isso estava sendo avaliado pelos juízes, diante disso a preocupação era não perder pontuação perante os juízes pelo não cumprimento da regra estabelecida. Em seguida a pesquisadora recorda a regra de que existe o momento de cada bancada expor seus argumentos e, logo em seguida, o momento para perguntas, e indaga se a bancada negativa já concluiu seus argumentos. A bancada diz que não, e acrescenta uma nova justificativa para o ponto de vista contrário a pena de morte, a de que existe a possibilidade de condenarem um inocente.

90	Rahyssa (BA)	Bom, podemos escolher entre o bem e o mal,[se a sociedade fosse culpada]
91		não deveria ter direito, não deveria [haver nenhum tipo de repressão]
92		

93 94 95 96	Hadassa (BA)	E você falou que a pena de morte pode ser aplicada em um inocente, não não pode, porque pra um julgamento da pena de morte uma pessoa só é condenada quando há provas, se não houver provas ela não é condenada
97 98 99 100 101	Ana Lúcia (BA)	Você também falou que o governo não dá trabalho, dá sim, e também porque aqueles [incompreensível] roubam? Matam? É por causa de emprego? Não, Não é por causa de emprego não, o governo dá sim, tem gente com dinheiro, com condições, porque matam? Porque roubam?
102 103 104 105 106	Rahyssa (BA)	O governo dá emprego, dá escolaridade sim, eles não trabalham porque não querem, porque como eu disse eles tem como escolher entre o bem e o mal, eles sabem o que fazem e sabem o que não fazem, sabe o certo e o errado, então se ele ta cometendo aquele crime ele sabe porque ta o porque [incompreensível] e sabe as consequências que vai acontecer.
107	Hadassa (BA)	Até porque a justiça não trabalha com mera hipótese [incompreensível]
108 109	Pesquisadora	A bancada negativa agora tem dois minutos pra colocar seus argumentos

Após o momento de intervalo para o preparo acontece a última fase de argumentos iniciado pela bancada afirmativa. Como pode ser percebido em falas anteriores, os debatedores recuperam o que foi falado na fase anterior para em seguida contra-argumentar, essa recuperação acontece nesse turno com a expressão “você falou”. A bancada afirmativa retoma o aspecto da condenação de um inocente e se contrapõe colocando um contra-argumento ao afirmar que para que alguém seja condenado tem que existir provas, já que a justiça não trabalha com hipóteses. O segundo contra-argumento que aparece é para o aspecto social, que segundo a bancada anterior, é o que faz com que a pessoa volte para a criminalidade, mas para a bancada afirmativa o governo cumpre com as suas responsabilidades, se a pessoa decide matar é por escolha dela e deve assumir as consequências.

É possível perceber nesses turnos um esforço de ambas as bancadas em estabelecer um diálogo entre as posições que vai mais além da interação face a face em que estão engajados. Para além do diálogo no sentido interpessoal, o diálogo que estabelecem é entre posições contrárias que sustentam. Do ponto de vista cognitivo, esse diálogo entre posições contrárias exige do debatedor não só o movimento de explicitação em relação às justificativas que sustentam seu ponto de vista, mas, também exige que o debatedor se engaje numa operação de avaliação da força dos argumentos apresentados pelo oponente, gerando, no proponente, a necessidade de revisar a qualidade das justificativas apresentadas em defesa de sua própria posição.

110 111 112 113 114 115	Pedro (BN)	Às vezes escolher entre o bem e o mal é muito difícil, a gente não ta só dizendo que é por conta de emprego, mas sim, o governo tem participação sim, às vezes... quantas vezes a gente não já viu crimes que condenados são acusados e depois de muitos anos eles são vistos como inocentes? Mas eles estavam presos, e se morrer? E qual é o direito que a gente tem de tirar uma vida? Ele não tem direito de tirar a vida de quem ele tirou, mas a gente tem
----------------------------------------	------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

116		que cometer o mesmo crime que ele cometeu? Então a gente ta sendo
117		criminoso do mesmo jeito, a gente vai duplicar índices de morte, a gente vai
118		duplicar índices de assassinato a gente vai colocar mais o país no buraco, por
119		quê o que a gente vai dizer? Nosso país é bom porque tem pena de morte? Lá
120		fora ele vai ser mal falado, mal visto um país de impunidade porque pena de
121		morte, sim, é impunidade. O que é que nós queremos? Se ele cometeu um
122		crime, uma atrocidade gigante prisão perpétua, ele jamais vai sair, se ele tem
123		chances de voltar e cometer o crime, não saia da cadeia, corte benefícios,
124		corte...cortemos..esquecemos bom comportamento, esquecemos trabalho na
125		cadeia, ele matou, ele tem que ser condenado, antes dele ser bandido ele é ser
126		humano, não temos que matar ele, não, matar não precisa, deixa ele na cadeia
127		a vida toda, ele vai ter a vida toda pra pensar no que ele fez de errado, e a
128		família dele vai ver, o filho dele vai ver, ele cometeu um crime, ele vai passar
129		a vida toda na cadeia, será que eu quero isso pra mim? Mas se ele morrer? O
130		sentimento que vai ficar na família é de revolta, nós não podemos, nós não
131		queremos isso, queremos paz no país, não revolta, é um sentimento horrível
132		já temos [incompreensível] não é que queremos dizer o que coma o que não
133		coma, e os motivos, mas queremos dizer sim, a pena de morte é errada, pena
134		de morte não é [incompreensível]
135		
136		
137		

Logo em seguida a bancada negativa tem o seu tempo de resposta. O mesmo movimento de resposta ao contra-argumento acontece. A primeira resposta que aparece é o contra-argumento que surge com o “as vezes”, afirmando que nem todas as vezes é fácil escolher entre o bem e o mal. Em seguida aparece a resposta ao contra-argumento que de que o governo tem a culpa, percebemos que essa justificativa foi modificada, a bancada afirma, depois do contra-argumento apresentado pela bancada anterior, que não é só por causa da falta de emprego, mas que de alguma forma o governo tem participação na situação que leva a alguém matar outra pessoa, é possível perceber uma modificação por meio da frase “a gente não ta dizendo que só o governo”, através dessa frase podemos inferir que houve uma consideração do argumento trazido pela bancada afirmativa no turno anterior, flexibilizando a justificativa. Para que esse processo aconteça é necessário um movimento de avaliação dos limites da justificativa dada.

Outro contra-argumento que aparece é resposta para o argumento de que o governo só trabalha com provas e a bancada contra-argumenta que casos de prisões injustas já aconteceram e acrescenta uma nova justificativa a fim de fundamentar mais o ponto de vista que como a pessoa estava presa era possível consertar o erro, mas se morrer não. A bancada por sua vez reafirma justificativas já colocadas no início do debate e que não foram contra-argumentadas que é: ninguém tem o direito de tirar a vida de ninguém, e que estaríamos cometendo o mesmo erro da pessoa que se quer condenar e acrescenta mais duas novas justificativas que os índices de morte irão aumentar e existe a possibilidade do Brasil ficar sendo mal visto na comunidade internacional. Após isso uma resposta aparece e fica claro mais uma vez a consideração do

contra-argumento colocado pela bancada afirmativa, e altera em partes o seu argumento inicial, percebemos a partir do seguinte extrato da fala “se ele tem chances de voltar e cometer o crime” e acrescenta mais ressalvas, deve-se retirar todo e qualquer benefício e qualquer possibilidade de que ele saia da prisão. O ponto de vista dele permanece o mesmo, mas os seus fundamentos são modificados. Ele concorda que deve ser condenado, mas não com a pena de morte. Os processos cognitivos mobilizados nesse momento foram de avaliação e revisão dos argumentos e busca de mais fundamentos para sustentar o ponto de vista.

138	Pesquisadora	Nesse momento se vocês tiverem alguma pergunta sobre os argumentos que foram colocados podem fazer. Perguntas de não entendimento, de não entendi esse argumento que você colocou, se não ficou claro alguma coisa, a bancada afirmativa tem alguma pergunta pra fazer, se não ficou claro alguma coisa que eles falaram?
139		
140		
141		
142		
143	Hadassa (BA)	Eu tenho uma: você falou que é bem melhor ter uma pessoa presa do que ter a pena de morte, prisão perpétua e deixar a pessoa presa a vida inteira. Porque você acha que a prisão perpétua [incompreensível]
144	Pedro (BN)	Prisão perpétua sem benefício, cortamos os benefícios de boa educação, bom comportamento, trabalhar, cortar os dias da pena aí sim a prisão perpétua é muito melhor do que a pena de morte
146		
147		
148	Pesquisadora	((falando para a bancada negativa)) vocês tem alguma pergunta? Se não entendeu alguma coisa que elas colocaram?
149		
150	Bancada Negativa	Não
151		
152	Pesquisadora	A platéia tem alguma pergunta, vejam, a pergunta é uma por grupo e a pergunta é se não entendeu algum argumento colocado por uma das bancadas certo? Nesse grupo aqui tem alguma pergunta? Não é obrigatório? ((respondem que não)) nesse grupo aqui tem? A pergunta não é pra se colocar novos argumentos, a pergunta é eu não entendi esse argumento que você colocou
153		
154		
155		
156		
157	Aluno	Ele falou ((referindo-se a bancada negativa)) que [incompreensível] ia sofrer, mas ele pensou no filho [Incompreensível]
158		
159	David	A gente tem que entender porque [incompreensível]
160		

Após essa fase de argumentos é a fase de perguntas, essa fase é importante porque a pessoa que participa tem que exercitar a capacidade de fazer síntese, e isso se dá pelo tipo de pergunta que é solicitado. A pesquisadora explica que a pergunta deve conter uma dúvida genuína, ou seja, não se deve ter intenção de fazer com que o outro se posicione, mas sim que ele esclareça algo que não ficou totalmente claro na fase de argumentação.

A pesquisadora solicita dos alunos as perguntas, a bancada afirmativa decide perguntar para a bancada negativa e a pergunta é feita como foi solicitada, requerendo da bancada um pouco mais de esclarecimento do porquê que a prisão perpétua seria melhor do que a pena de morte. A resposta da bancada reafirma o que foi dito na fase anterior e percebemos mais uma vez que a bancada teve em conta as considerações da bancada sobre as possibilidades de soltura e de reincidência a criminalidade. A turma também tem a possibilidade de fazer perguntas para as bancadas, mas infelizmente o áudio não permitiu a compreensão da pergunta feita

161 162 163 164 165	Pesquisadora	Neste momento os grupos vão se reunir pra fazer a conclusão e ai um colega se quiser vir ajudar pode vir ta?! ((alguns colegas vão para ajudar.)) tem mais um minuto, ta?! Vamos lá? Neste momento vocês tem até três minutos pra dar a conclusão de vocês. Primeiro a bancada afirmativa depois a bancada negativa.
166 167 168 169	Hadassa (BA)	Bom, é, prisão perpétua pra quê? Ele vai tá ali, vai ta pensando [incompreensível] cometeu, mas ele não irá poder sair, não irá poder consertar seus erros, vai ter um peso na consciência sim, mas ele vai ter como consertar? Não, então pena de morte sim.
170 171 172 173 174 175 176 177 178 179 180 181	Pedro (BN)	Prisão perpétua sim, ele vai estar preso, pensar nos seus erros, [incompreensível] coisa errada, mas ele não vai causar tanto sofrimento a família dele, a família dele vai poder ver ele ali e se matarmos? Vai gerar revolta na família, vai gerar [incompreensível] contra as nossas autoridades, e se um filho quiser matar [incompreensível] vocês disseram 70% volta e faz o crime e os outros 30%? Vai ser uma injustiça colocar um inocente na cadeia? Pode ser que sim, mas vai ser mais injustiça ainda se nós matarmos. E o erro? Se acontecer um erro? É raro? È! È difícil, mas acontece. Mas se matarmos um inocente? Como é que vai ficar? O governo vai dar o que? Vai dar indenização? Não vai trazer de volta, não vai fazer a pessoa que ele matou voltar.
182 183	David (BN)	Bem, a gente tem que entender que nem sempre é o ponto de tudo, você não tem que [incompreensível] você tem que fazer diferença
184 185 186	Pedro (BN)	Pena de morte pra que? Se pena de morte adiantasse, muitos aí nos estados unidos não matavam feito aquele [incompreensível] a bomba, a bomba que matou não sei quantas pessoas.
187 188 189	David (BN)	Se pena de morte adiantasse países que tem a pena de morte não aconteceriam crimes mais pesados do que países que não tem a pena de morte como aqui
190 191 192	Pesquisadora	Agora, obrigada aos participantes, vocês voltam para o grupo de vocês e os juízes vão voltar para o grupo e vão ter cinco minutos para tomar a decisão do grupo vencedor.

A fase seguinte é a fase da conclusão. Cada grupo tem dois minutos para fazer a conclusão. A proposta é a de que eles retomem os argumentos apresentados e façam uma conclusão ponderada tendo em conta os argumentos que foram apresentados durante o debate. A bancada afirmativa inicia e no momento da conclusão coloca uma nova justificativa, conectada com a fala anterior da bancada negativa, e que serve de apoio para o ponto de vista que eles já estavam defendendo. A bancada acrescenta que é melhor pena de morte do que a prisão perpétua já que a pessoa não poderá sair e conseqüentemente não poderá consertar o erro cometido. A bancada negativa, por sua vez, cumpre com alguns aspectos como retomar alguns argumentos que foram veiculados ao longo do debate e fecha reafirmando sua posição. O que ela faz que não é solicitado é acrescentar um novo argumento que é se a pena de morte adiantasse nos países em que ela é aplicada não existiriam tantos crimes. Percebemos na conclusão que os pontos de vistas permanecem, mas as justificativas é que ficam em questão. São avaliados e reformulados a medida em que são colocados frente aos contra-argumentos.

193	Pesquisadora	((falando com o grupo de juízes que se posicionou para dar a decisão)) relembre aí quais foram os critérios que vocês utilizaram. Ta?! Os critérios que vocês utilizaram pra avaliar.
194		
195		
196	Willian	A gente deu os critérios de quem deu mais argumentos, opiniões fundamentadas, quem respondeu ao argumento anterior da próxima bancada, no caso, e se a conclusão retoma os argumentos e dá uma solução ponderada e também se respeita o tempo, foram esses os critérios utilizados. A gente viu, como a gente tava conversando ali que a afirmativa ela deu mais argumentos, já a negativa ela deu os melhores argumentos contra o caso, no caso, já que de acordo com os argumentos se a resposta e também a conclusão foi melhor a negativa venceu. Nesse caso. A conclusão da bancada negativa foi mais explicada, foi mais de fácil entendimento, já a da afirmativa foi um novo argumento
197		
198		
199		
200		
201		
202		
203		
204		
205		
206		

Após o término do debate os juízes se reuniram para tomar a decisão de qual seria o grupo vencedor do debate e para isso eles tiveram em conta as regras que foram pré-estabelecidas. Para eles a bancada negativa ganhou o debate por oferecer melhores argumentos e por ter feito uma conclusão melhor. Os juízes ainda não possuíam conhecimento sobre como avaliar argumentos, esse assunto foi apresentado no momento antes de ser feito o debate 3, mas intuitivamente, eles já inferiam que existem argumentos melhores do que outros, ou seja, abrindo espaço para a ideia de ganhar pela qualidade dos argumentos apresentados, fazendo-se necessária a avaliação.

A seguir será apresentada uma **macroanálise**, que terá como objetivo, comparar todos os casos, tendo em conta os critérios que foram estabelecidos para a microanálise, e avaliar quais aspectos permanecem de forma geral, tanto em um grupo como em outro.

Sendo o foco deste trabalho as competências cognitivas, buscou-se identificar os elementos da unidade de análise proposta por Leitão, (2007), que são: Argumento, Contra-argumento e Resposta. Entendemos que essa unidade identifica os processos cognitivos que ocorrem no indivíduo ao engajar-se em atividades argumentativas.

Nos casos dos modelos de debates tracionais, o papel do moderador é fundamental para organizar o debate, colocando as regras, definindo quem vai falar, mobilizando as várias posições que podem aparecer no debate, no sentido de estimular as posições opostas e sustentar o debate. Nos três debates, três alunos foram indicados para assumirem esse papel, mas em todos os debates, a professora também assumia esse papel, fazendo com o que os alunos, na maioria das vezes, direcionassem a ela a fala, e não a outro colega. Essa atitude, acredito que influenciou a estrutura dos argumentos nos três debates, que em sua grande maioria foi de explicitar o ponto de vista e colocar justificativas afim de sustentar o ponto de vista. No primeiro debate, houve muito mais o movimento de justificar por solicitação, nos outros dois debates os alunos já traziam mais espontaneamente as justificativas junto com o ponto de vista. Esse foi

um padrão instaurado pelos moderadores, juntamente com a professora. Outro aspecto que era responsabilidade do moderador era colocar as regras do debate, mas só foi feito por solicitação dos alunos e ainda assim, as regras não estavam completas. Eram muito mais de como eu deveria me comportar para que o debate acontecesse, nenhuma regra que estimulasse a forma de pensar foi colocada, mesmo que sendo indicado pelo livro didático.

Nos três debates pode-se perceber que em sua grande maioria, os contra-argumentos, quando surgiam, não eram respondidos. Os alunos foram estimulados pela atitude da professora e dos moderadores a fazer uma listagem de argumentos, muito mais que contra-argumentar e responder. Poucos foram os momentos em que se recuperou a fala dos colegas para contra-argumentar. Outro padrão identificado por meio da análise nos três debates, foi a utilização de perguntas que tinham como finalidade convencer o interlocutor, ou que solicitassem do participante mais explicitação do argumento.

Outro aspecto interessante, que se repete nos três debates, é o movimento da professora, em tentar convencer o aluno do seu ponto de vista. Nos três debates, alunos que possuíam e defendiam um posicionamento diferente do colocado por ela, e em geral, pela grande maioria, eram colocados em uma situação de terem que ser convencidos. Eram oferecidos muitos argumentos com esse intuito, mas em nenhum momento foi estimulado que o aluno pensasse sobre os limites e as possibilidades do seu argumento. O debate 2 e 3 nos chama particularmente a atenção, neste aspecto. No debate 2, Elizama e Roberta acabam sendo o alvo dos argumentos, em alguns momentos a professora pede delas argumentos que defendam a sua posição, com o fim de poder contra-argumentar para convencê-las. No debate 3, José se torna o alvo desse movimento. Penso que no debate 1 isso não aconteceu de forma tão sistemática, porque o grupo estava mais dividido em termos das duas posições. Nos três debates, ainda que com a orientação do autor, não foi feito nenhum tipo de avaliação da atividade, nem nos aspectos da argumentação, nem nos aspectos da construção do gênero.

Já nos casos do modelo de debate crítico, as bancadas que tinham atribuições específicas foram minimamente cumpridas. A bancada investigativa, nos três debates, só apresentou o contexto em que a discussão estava sem colocar argumentos e apresentar o impasse. Já as bancadas que debatiam, conseguiram em alguma medida realizar o debate como apresentado solicitado, se esforçando para cumprir as regras estabelecidas.

Percebe-se que o movimento cognitivo preponderante foi o de justificar pontos de vista, responder a objeções e contra-argumentar. Esse padrão se repetiu nos três debates, e com mais ênfase nos debates 1 e 2. Os alunos frequentemente buscavam dialogar as perspectivas defendidas, possibilitando, assim o exercício da metacognição. Frequentemente as falas

anteriores eram recuperadas e logo em seguida respondidas. Um dos aspectos importantes para modelo de debate crítico, e particularmente o mais difícil de fazer, é a conclusão, por solicitar dos alunos uma reflexão dos argumentos que foram apresentados ao longo do debate. Nos três debates, uma bancada conseguiu fazer com mais eficiência do que a outra.

Outro aspecto que foi comum a todos os três debates foi a avaliação feita pelos juízes. Em todas elas, aparecem referências a uma avaliação da presença ou não de argumentos e da qualidade desses argumentos segundo propõe Govier (2010).

6 CONCLUSÃO

Após a apresentação da micro e da macroanálise, e dos padrões que foram identificados, é importante fazer algumas considerações. A primeira delas é que o objetivo deste estudo foi identificar as competências cognitivas mobilizadas nos participantes de dois modelos de debates, o modelo de debate crítico e o modelo de debate tradicional. Tivemos como principal referencial os estudos que relacionam linguagem e cognição e mais especificamente os estudos com o discurso argumentativo. Leitão (2007) propõe uma unidade de análise em que é possível visualizar as competências cognitivas mobilizadas no uso do discurso argumentativo. Em um primeiro nível que estaria presente no argumento, evidencia-se o movimento cognitivo de posicionar-se sobre o mundo, logo em seguida, na presença de um contra-argumento um segundo nível fica evidenciado quando o mundo deixa de ser referência para o pensamento e a própria cognição passa a ser o foco de reflexão. Na resposta o indivíduo é convidado a avaliar a sustentabilidade de suas afirmações, gerando assim um movimento terceiro de reflexão.

Nos casos estudados, padrões de condutas foram encontrados. É possível perceber que no modelo de debate tradicional, acontece a reflexão que é inerente ao movimento de formar o argumento. A reflexão feita era no sentido de buscar formar ideias sobre o mundo e em um segundo momento fundamentá-las, principalmente quando solicitado e regulado pelo outro. Em poucos momentos a reflexão de contra-argumentar, ou seja, propor posicionamentos diferentes, avaliando os limites do alcance do argumento que foi proposto inicialmente, aconteceu. Na maior parte do tempo, buscou-se fundamentar cada vez mais o ponto de vista defendido, com o intuito de convencer o ouvinte da sua posição. E na maior parte dos casos as posições majoritárias exerciam esse movimento sobre as posições minoritárias.

Já no modelo de debate crítico os movimentos cognitivos foram além, eles não só fundamentavam o seu ponto de vista, como buscavam os limites para os argumentos apresentados, e respondiam a ele. O movimento cognitivo que aconteceu foi de segunda e terceira ordem, não apenas de primeira ordem, ou seja, eles tomaram, na maior parte do tempo, o próprio pensamento como objeto de reflexão e avaliaram o alcance de suas posições. Esse movimento se deu principalmente regras estabelecidas para o funcionamento do debate.

Outra reflexão feita, a partir da análise dos dados, é importância do contra-argumento na mobilização da reflexão. Sem o contra-argumento acontece simplesmente fundamentação ao ponto de vista, que é um primeiro nível de reflexão. Já o movimento argumentativo com todos os elementos da unidade de análise, pode possibilitar outros níveis de reflexão, como a avaliação sobre a qualidade dos argumentos apresentados, e essa avaliação se dá principalmente

no momento em que tem que se responder aos contra-argumentos. Esse aspecto é particularmente visível nos debates tradicionais, e é identificado e reforçada pela professora na turma do debate tradicional, ela própria enfatiza que se faz necessário um posicionamento contrário que desafie as perspectivas propostas inicialmente para que um debate de fato aconteça. A falta do contra-argumento pode gerar apenas uma conversa de cunho argumentativo sobre um determinado tema. Digo de cunho argumentativo, porque o objetivo será convencer o outro sobre uma determinada posição, ou apenas levantar-se posicionamentos sobre um determinado tema, mas não se dá de forma que argumentos sejam respondidos e avaliados.

Também é relevante pensar que o engajamento, no sentido de apresentar as falas, no modelo de debate tradicional foi muito maior do que no debate crítico. A avaliação que faço sobre esse aspecto, é o fato do modelo de debate crítico exigir dos alunos um esforço de estudo e pesquisa, e diante das condições da escola, de ser uma escola de tempo integral se tornou cada vez mais escassa a motivação de participação.

Outro aspecto importante que dificultou o engajamento dos estudantes no modelo de debate crítico e que foi trazido já na fundamentação teórica é sobre a didatização do gênero. O modelo de debate crítico, não tem referência explícita aos modelos que os alunos estão freqüentemente acostumados a vivenciar fora da sala de aula. O que poderia gerar uma certa dificuldade na execução da atividade.

Mas, através desse trabalho é possível verificar que pode-se utilizar esse modelo em sala de aula, e mesmo em níveis de escolaridades mais iniciais, como é o caso do primeiro ano do ensino médio. Por fim, concluímos que a depender do objetivo que se tenha em sala, o modelo de debate tradicional alcançará os objetivos propostos, mas que o desenvolvimento de um pensamento crítico, um desenvolvimento do movimento completo da argumentação, vai depender exclusivamente de como esse modelo é apresentado e trabalhado em sala de aula. O professor, principal responsável por apresentar os conteúdos curriculares, tem que estar atento aos movimentos argumentativos e saber como mobilizar, principalmente, o contra-argumento em sala de aula.

Já com o modelo de debate crítico, ele aparentemente é uma ferramenta em potencial para desenvolver o pensamento reflexivo, as competências metacognitivas de forma completa. Tanto na formação do argumento, como para a avaliação do argumento. É importante somente que o professor fique atento, ao trabalhar com o modelo como objeto de ensino do gênero debate, de fazer referências aos modelos que acontecem no dia a dia, e talvez mostrar os limites dos mesmos e dessa forma a atividade ganhará mais sentido para os alunos.

Por fim, os dados nos mostram que faz-se necessário cada vez mais uma formação dos professores com o tipo de discurso argumentativo e as competências cognitivas que ele gera. Para que assim, o professor possa ter consciência de como trabalhar os gêneros argumentativos de forma a maximizar o desenvolvimento do pensamento crítico/reflexivo.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTARUGIO, M.H.; DINIZ,L.M.; LOCATELLI, S.W. O debate como estratégia em aulas de Química. *Química nova na escola*. Vol. 32, n.1. 2010
- BAKHTIN, M. Gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Hucitec. 2006
- BESNARD, P.;HUNTER, A. Elements of argumentation. England, MIT Press, 2008.
- BEZERRA, P. Dialogismo e Polifonia em Esaú e Jacó. In. C.A. Faraco & C. Tezza & G. Castro (Org.) *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. 2003. Cap. 3, pp. 38- 53
- CRISTÓVÃO, V.L.L.; DURÃO, A.B.A.B; NASCIMENTO, L.E. Debate em Sala de Aula: práticas de linguagem em um gênero escolar. In: Anais do 5º encontro do CelSul, Curitiba – PR 2003 p.1436-1441.
- FARACO, C.A. *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2003
- FREITAS, M.T.A. *Vygotsky & Bakhtin: Psicologia e Educação: um intertexto*. 1ª ed. São Paulo: Ática, 1994. 168 p.
- FLICK, U. *Desenho da Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.2009
- FUENTES,C.B. Elementos Para o Desenho de um Modelo de Debate Crítico na Escola. In: *A.E.: O Conhecimento em Construção*. Campinas, SP : Pontes Editora,. (2011) Cap. 11, pág. 225-249
- GÓES. M.C. A natureza social do desenvolvimento psicológico. *Cadernos Cedes*, 24 (3), 2000.p.21- 29
- GOVIER, T. *A practical study of argument*. (10 ed.). Wadsworth: Cengage Learning. 2010
- HENAO, B.L. A argumentação em questões de química: uma contribuição à auto regulação das aprendizagens. In: *A.E.: O Conhecimento em Construção* ,Campinas, SP : Pontes Editora,2011. Cap. 3, pág. 81-104
- LARRAÍN, A.; FREIRE, P. Capitalizando a controvérsia: algumas reflexões para tornar visível e aproveitar a contra-argumentação dos alunos no ensino de ciências. In: *A.E.: O Conhecimento em Construção*, Campinas, SP. Pontes Editora, 2011. Cap. 02, pág. 47-80

- LEAL, T. F.; BRADÃO, A.C.P.; CORREIA, E. F.; GUERRA, E.S. Entrevistando professoras: o que elas falam sobre o ensino da argumentação? *Educação Unisinos*.14(3) :setembro/dezembro. 2010. p. 195-204
- LEITÃO, S. Contribuições dos estudos contemporâneos da argumentação a uma análise psicológica de processos de construção de conhecimento em sala de aula. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 51(4), 1999. p. 91-109.
- LEITÃO, S. Processos de construção do conhecimento: a argumentação em foco. *Pro-Posições*. (18/3) 2007.p. 75-92
- LEITÃO, S.. Argumentação e desenvolvimento do pensamento reflexivo. *Psicología Reflexão e Crítica*, 20(3), (2007a) p. 454-462.
- LEITÃO, S. Processos de construção do conhecimento: a argumentação em foco. *ProPosições*, 18(3), (2007b) p. 75-92.
- MIOTELLO V. Ideologia. In B. Brait (Org.). Bakhtin: *Conceitos Chaves*. São Paulo. 2005. Contexto. Cap.9, p. 167-176
- MEIRA, L. Análise Microgenética e Videografia: Ferramentas de pesquisa em psicologia cognitiva. *Temas em Psicologia* (3), 1994. p. 59-71.
- RAMIREZ, N. L. R. Desenvolvimento do pensamento reflexivo: um estudo de transformações no uso de critérios de avaliação da qualidade da argumentação de participantes do debate crítico.- dissertação de mestrado. 2010
- REGO, T.C. Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação . Rio de Janeiro: Vozes, 2001
- Parâmetros Curriculares Nacional (Brasil, 2000)
- PLANTIN, C. Argumentação: historia, teorias, perspectivas. São Paulo, Parábola. 2008
- SOUZA, D.A.Aprender a argumentar: um estudo do desenvolvimento da produção argumentativa de estudantes universitários – dissertação de mestrado. 2013
- SIRGADO. A.P. O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. *Cadernos Cedes*, 24 (3),2000, p. 38 – 51.
- STELLA, P.R. Palavra. In B. Brait (Org.). *Bakhtin: Conceitos Chaves*. São Paulo. Contexto. 2005. Cap.10, p. 177 – 190

SCHNEUWLY, B. DOLZ.J. Gêneros Orais e Escritos na Escola. Mercado das letras. Campinas, SP. 2004

VYGOTSKY, L.V. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes. 2008

APÊNDICE A - Protocolo 3 - 2º Modelo de Debate Tradicional

Convenções

“xxxxx”	Citações de fontes
((xxxx))	Comentários descritivos da aula
[xxxxxx]	Hipótese do compreendido
[incompreensível]	Incompreensível
...	Prolongações nas sílabas
[Sobreposição da fala

Descrição da aula:

Após o primeiro debate, que ocupou os primeiros 45 minutos da aula, eles teriam uma segunda aula e a professora pergunta se a turma quer seguir fazendo outro debate e os alunos prontamente afirmam que sim e que o tema seria torcida organizada. Uma nova moderadora, que já havia sido definida em uma aula anterior, assume o papel.

Transcrição:

01	Professora	Shiii ((pedindo silêncio da turma)) bora começar?	Professora tenta retomar a organização da sala.
02 03 04	José	Genteee, vai começar por favor. Shiiiiiii.. Eeeeii vai começar. ((Moderadora já está no meio do círculo esperando que a turma faça silêncio.))	José que já estava comprometido com o debate anterior insiste para que a turma se aquiete para começar.
05 06	Moderadora	Bom dia, ((fica parada esperando o silêncio da turma para começar))	
05	Professora	Bora Andrea!! ((pedindo para Andrea ir para o seu lugar))	
06	José	Cala a boca, Felipe, Oxe!	

07 08 09	Moderadora	O tema de hoje é torcida organizada: permitir ou não permitir? ((um aluno diz permitir, o outro diz não)) Quero começar com Beta, por favor.	A moderadora apresenta a pergunta do debate que é a torcida organizada. A forma como a pergunta é proposta já propõe que existem opiniões divergentes sobre o tema. A moderadora indica a primeira pessoa a falar.
10	Roberta	Calma!	
11	Ytalo	Só uma pergunta: Quais são as regras? ((a turma sorri))	Ítalo no debate anterior já havia solicitado as regras e nesse segundo debate ele volta a perguntar, já que não

			é algo trazido pela moderadora.
12	Moderadora	[sem violência, só] ((a turma sorri))	A moderadora institui apenas uma regra que é comportamental, não ter violência. A turma sorri, acredito que por entender a fala de Ytalo como brincadeira e não como algo importante para a construção do gênero.
13	Ytalo	Eu to perguntando, quais são as regras.	Ytalo insiste em solicitar as regras.
14	José	Não interromper o outro falando	Uma regra importante que rege o comportamento do

			aluno e promove um bom funcionamento do debate.
15	Aluno não identificado	Sem celular	Outra regra comportamental que orienta o comportamento do participante
16 17	Moderadora	Não pode escrever no celular, ((falando com uma colega que usa o celular))	A moderadora interfere reafirmando a regra de não usar o celular no momento do debate.
18 19	José	Gente deixa a colega começar ai, vai?! Comece aí.. ((falando com a moderadora))	José novamente solicita a atenção de todos para que o debate aconteça. Não seria a função dele como participante chamar a

			atenção dos alunos.
20	Moderadora	Vai, começa Roberta	Roberta é solicitada a dar um primeiro argumento, pelo entendimento do momento da aula, percebi que Roberta gosta e participa de torcida organizada, de forma que pedir que ela inicie foi um pouco provocativo.
21 22	Roberta	Vou não.. ((moderadora para na frente dela)) Oi? Ah Eu né? É pra dizer né?!	A princípio ela resiste; mas após insistência da moderadora
23	Moderadora	((Move a cabeça afirmativamente))	Ela perguntar o que é pra ser dito e a

			moderador a afirma que sim
24	Roberta	dizer o que?! Se eu sou contra ou favor?	
25	Professora	È, isso se você quer que permita ou proíba	A professora, que está como participante , assume o papel de moderador a e explicita que se quer o ponto de vista.
26 27	Roberta	Ser permitido né?! ((balançando os ombros para cima e para baixo))	Fala apenas o seu ponto de vista, sem ser fundamenta do.
28	Moderadora	Porque? Porque deve ser permitido?	Pede o fundament o.
29 30 31	Roberta	((fica em silêncio alguns segundos)) Porque eu participo de uma ((alguém diz)) Porque começou comigo? Passa pra José!!! ((falando com a moderadora))	Roberta não da uma justificativa , mas alguém fala por ela, que a justificativa seria porque ela

			participa de uma torcida. Ela se questiona o porque de começar com ela e solicita que seja passada a vez para José.
32	Moderadora	José então.. ((e aponta pra José))	A moderador aceita a indicação e passa a vez para José falar.
33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48	José	Geente quem deixou isso acontecer? Eu sou totalmente contra, como é que.. ó eu vou dar um exemplo a vocês, eu tava vindo daquele jogo do santa cruz, aqui do outro lado, perto do arruda. Tinha uma mulher com uma bolsa na parada do ônibus, minino, deram tanto nessa mulher pra tomar a bolsa, deram tanto, essa mulher apanhou tanto que eu fiquei com.. queriam que eu me metesse mas se eu me metesse eu ia apanhar também, né?! Deixei todo mundo sair pra poder ajudar ela, levei ela num bar do outro lado pra botar água, gelo, então, pra começar, a fifa, federação de futebol do do do.. gente isso nunca poderia ter acontecido, esse negócio de torcida organizada, são um bando de vândalos que se ajuntam pra fazer anarquia, só isso. Minha opinião é essa, e isso nunca poderia ter acontecido, nem aqui no Brasil nem em lugar nenhum do mundo	Ponto de vista de José : Contra (L34) Justificativa : São vândalos que se organizam para fazer desordem (L44-46) e usa um exemplo como

			forma de fundamentação. (L42-46)
49	Moderadora	Aramis quer debater	Moderadora passa a vez para o outro aluno
50 51 52 53 54 55	Aramis	Meu irmão, eu sou a favor, véi, vê só, cada um se diverte do jeito que pode, se eles tem prazer em se divertir e ir pra um jogo e torcerem juntos, aí é deles, mas ai tem os infiltrados aqueles que vão pra que? Pra perturbar, pra fazer baderna ai cada um se diverte como pode eu não acho que deveria abolir não.	Ponto de vista: A favor (L50) Justificativa: é uma forma de diversão (L50-51) Contra-argumenta: Os que tiram a ordem estão dentro da torcida, mas não fazem parte da torcida. (L52-53)
56 57 58	Raul	A emoção é essa, a emoção é essa... ((moderadora pede silêncio pra que aramis continue falando, muitos alunos querem emitir uma opinião))	
59 60 61 62 63	José	Ele falou pra mim, eu vou falar pra ele também, né? Mas como não tá dentro da torcida organizada, me diga como, eles tão ali, eles saem da sede aqui, de onde eu moro, aqui perto do arruda, sai da sede da inferno coral ali ((apontando para a direção de onde está o local)) vai quebrando tudo até o arruda então muita	José responde ao contra-argumento de aramis:

64 65		gente sai da sede, como é que sai da sede vão perturbando até o jogo?	Fazem parte da torcida porque saem da sede do time junto com a torcida. (L47-52)
66	Aramis	Entãao.... não generalize não.	Responde para José: Afirma que José está generalizando.
67 68 69 70	José	Dizer que é só um? não não não. Pra mim, eu que sou o chefe é que não vou fazer, né?!((de forma irônica) Mas eles vão fazer, eles vão mandar, eu [incompreensível]. Ta entendendo?	José responde modificando a sua justificativa O líder da torcida não fará, mas o restante sim.
71 72 73 74 75 76	Rebecca	Se a pessoa, éee quebrou alguma coisa no meio da rua , ou seja, e tá com uma camisa da torcida organizada, ou seja, ele está representando a torcida organizada, mesmo que não teja com boa quantidade , que não esteja fazendo por vingança, qualquer coisa do tipo, ele tá com a camisa, ele tá representando a torcida organizada do time dele, então..	Percebemos que Rebecca coloca uma justificativa que apóia o ponto de vista de José. Se está com a

			camisa da torcida organizada representa a torcida.
77	Roberta	Eu uso camisa.. ((moderadora pede pra que ela não fale))	Roberta fala no momento que não deve e a moderador a cumpre com a regra estabelecida no início.
78 79	Raul	Mas se ele está com a camisa.. Torcida organizada é dentro do campo, quando a gente sai é favela, briga de rua..	Raul, contra-argumenta com Rebecca fundamentando o primeiro argumento que surgiu para ser a favor da torcida, colocado por Aramis. Justificativa: Torcida organizada só é dentro do campo,

			fora já é vandalismo (L64-65)
80	Rebecca	Mas ele está representando que ele está com a camisa	Rebecca reafirma em sua resposta a sua justificativa : Estar com a camisa representa o clube.
81	Raul	Tão com a camisa, mas não tão dizendo que é a torcida	Raul responde reafirmando a justificativa de que não é torcida somente por estar com a camisa.
82 83 84	Rebecca	O que não me engana é, digamos tem um torcedor e tá com a camisa da torcida organizada, ai vem outro do time adversário, ai vai e dá no outro, porque ele deu no outro?	Rebecca contra-argumenta com Raul, e traz uma nova justificativa para o seu argumento: Na rua também é torcida

			organizada por que brigam com a torcida rival,
85	Franciele	Às vezes os da mesma torcida brigam e das torcidas rivais	Apresenta um contra-argumento que a própria torcida briga entre si.
86	Moderadora	Roberta..	
87 88 89 90 91 92	Roberta	Eu sou contra o que você disse ((apontando pra rebecca)) porque dentro do estádio alí é torcida organizada, fora do estádio não é torcida organizada é briga de bairro, tanto que se a torcida organizada ((é interrompida pelo colega e se chateia,)) deixa eu falar.. se uma torcida ((o colega interrompe e ela olha pra ele.))	Roberta não concorda com Rebecca e diz isso claramente e coloca novamente a mesma justificativa já colocada por Raul, apoiando o ponto de vista proposto por Aramis. Fora do estádio não é torcida.

93	Ytalo	Vai fala	Interrompe a colega, mas ao perceber que não fez devidament e deixou que ela continuasse a fala.
94 95 96	Roberta	Se duas torcidas organizadas do mesmo time brigam entre si faz parte de briga de bairro, não é briga de organizada não.	Completa reforçando a ideia já proposta.
97 98 99 100 101	Rebecca	Ai briga de bairro tem uma quantidade de uma torcida e a minoria da torcida rival ((estende os braços e faz como dois círculos representando duas torcidas)) ai a maioria vai e bate na minoria isso é briga de bairro? Isso é briga de bairro? Com a camisa de time?	Rebecca reitera novamente o argumento que vem sendo sustentado desde o início. Dessa vez a reiteração aparece em forma de pergunta.
102	Roberta	É é.. ((moderadora pede que ela não interrompa))	Roberta por sua vez responde a pergunta com um “é” concordand

			o com o que Rebecca colocou de que é uma briga de bairro.
103	Moderadora	Passa a vez para a professora falar	
104 105 106 107 108 109 110 111 112 113 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 124 125	Professora	<p>Èe. Eu citei até aqui um exemplo da semana passada e vou relembrar ele agora, o último acontecimento que a torcida do sport tocou fogo no ônibus do ceará ((roberta faz o simbolo da torcida do Sport e diz.. uh é pernambuco, a moderadora diz: expressão excessiva.)) fora do estado, tocou fogo no ônibus em via pública, ai eu questiono os colegas debatedores que estão afirmando que saiu do estádio não é mais torcida organizada é briga de bairro, representantes com a camisa da torcida ateando fogo no ônibus de outra torcida, pra quê que ia atear fogo no ônibus de uma torcida se ali não fossem mais representantes de uma torcida organizada? Ah foi uma parte da torcida!! Sim, mas representativa daquela torcida, não é? Por mais que vocês digam, ah tem reuniões com torcidas organizadas e tal e é dito que não é pra fazer isso, mas vejam, o quê que ta sendo feito também dentro das torcidas organizadas, dentro das sedes das torcidas organizadas pra proibir que essas pessoas que vocês tão dizendo aí que são apenas alguns vândalos infiltrados, o quê que ta sendo feito pra que essas pessoas sejam retiradas dessa torcida organizada? Que ta sendo feito pra reeducar esses torcedores? É a minha pergunta.</p>	<p>A professora como debatedora coloca novas justificativas ao argumento principal de que a torcida organizada é violenta. Traz um exemplo como uma justificativa para fortalecer o argumento (L99-102). Em alguns momentos ela antecipa contra-argumentos (L102;</p>

			104-105) e responde a eles (L103; 106-111)
126	Moderadora	Flávia quer continuar?	
127	Flávia.	Eu ia falar a mesma coisa que ela.	
128 129 130 131 132 133 134 135 136 137 138	José	A professora fez uma pergunta agora, né?! Aí, é quem fica mais perto da torcida organizada dá pra escutar, eles não (incompreensível) não, eles fazem: “vamo quebrar, vamo fazer tudo ((fala em tom de euforia, como se estivesse imitando o grito da torcida)) tem gente aqui, né? Que participa, né?! E sabe, que eles tão na sede e eles não mandam, não vamos com paz.. eles não mandam não, eles mandam quebrar, destruir tudo, ta entendendo? Eles mandam fazer isso.. vai dizer que não é?! Se encontrar a torcida do sport vamo quebrar, vamo matar, vamo fazer no face, aí vão dizer que é mentira?	José aparentemente entende que por traz da pergunta feita pela professora existe um posicionamento, e responde a pergunta enfatizando esse posicionamento de que a violência é parte da torcida organizada dentro do estádio. (L120-123)
139	Roberta	Não, É rivalidade	Roberta interrompe e contra-argumenta dizendo que é

			apenas rivalidade.
140	José	È rivalidade? Sim..((interrompido por Elizandra))	Ele questiona de forma irônica. É interrompido
141	Roberta	Todo mundo sabe que é rivalidade	Reafirma a justificativa de que é apenas rivalidade.
142 143 144 145	Rebecca	Tem uma quantia.. Ai tem uma quantia de torcedores de certa torcida, tão na deles, ai começa. Pronto, a do Sport incendiou o ônibus do ceará. Roberta ta tirando a concentração	Rebecca também traz a mesma justificativa da professora.(L129-130)
146	Roberta	Oxe!!!!	
147 148	Moderadora	Deixa o braço quieto ((falando com roberta e a turma começa a fazer muito barulho, a professora pede silêncio.))	Moderadora pede que Roberta fique quieta.
149 150 151 152 153	Rebecca	Ai chega um repórter, chega todo mundo falando que é que vão falar? Ah, foram os torcedores doo.. de Recife daquele bairro alí, de Agua Fria, não! Eles tavam com que camisa? Do Sport. Vão dizer o que? Torcedores do Sport ((falando para Roberta))	A segunda parte da fala de Rebecca é modificada em relação a primeira vez que ela colocou,

			mas é reafirmando o seu ponto de vista.
154		Não, torcedor da jovem	
155	Roberta	Posso falar ? Posso falar?	
156		Vai roberta, fala logo!	
157 158 159 160 161	Roberta	((aponta pra Rebecca)) como você disse, não vão falar que foi a torcida da jovem de água fria, mas você, se prestar atenção você vai ver que quando a jovem botou fogo no ônibus da Cearamor foi dentro do bairro do coque e quem botou foi a jovem do coque.	Roberta contra-argumenta com Elizandra trazendo que quem colocou fogo no ônibus da torcida do ceará foi a torcida jovem do Coque, bairro conhecido por sua criminalidade. Em sua justificativa ela quer fundamentar o seu ponto de vista de que é um problema do bairro e

			não da torcida jovem no geral.
162 163	Rebecca	Acontece que a jovem é do Sport, a jovem é do Sport e da torcida do Sport	Rebecca responde a Roberta com uma nova justificativa : A torcida faz parte do clube.
164	Moderadora	Rebecca, peraí ((sinalizando que Rebecca espere))	Moderador a pede que Rebecca espere porque quer chamar a atenção de alunos que estão conversando e isso não pode acontecer segundo as regras do debate
165	Rebecca	..Então é todo mundo uma coisa só.	Rebecca continua a falar reafirmando o que já havia dito

			anteriormente.
166 167 168	Moderadora	Conversaria não, por favor. Respeito por favor, ((falando com um grupo de alunos que está próximo à porta que está conversando)) continue Rebecca	Chama atenção dos alunos fazendo cumprir as regras estabelecidas.
169 170	Rebecca	Foi a jovem do coque, não foi?! A jovem do coque, mas a jovem é torcida de que time? Sport né?!	Rebecca retoma fazendo uma pergunta que tem como finalidade colocar um argumento. O de que a torcida jovem faz parte do clube do Sport.
171 172	Roberta	((incompreensível)) Aqui ó, Andrea. ((mostrando que a professora está com a mão levantada e quer falar.	Roberta indica que a professora que falar para a moderadora
173 174	Professora	Posso falar? Éeee, quando se diz torcida jovem já é falando da torcida organizada, né?! Já é a torcida organizada,o debate aqui	A professora

175	é sobre a torcida organizada,né?! e aí quando eu vejo essas	contra-
176	manchetes, como Elizandra bem ta dizendo aí, quando é	argumenta
177	divulgado pela mídia não é divulgado: Ah!!, Parte de um grupo	com
178	de torcedores, não vai logo dizendo, a torcida jovem, a torcida	Roberta:
179	fanático, a torcida inferno coral, vai citando o nome da torcida,	Ponto de
180	se vai citando o nome da torcida está enquadrando todos aqueles	vista: é a
181	que fazem parte da ((incompreensível)) torcida. Agora, claro	torcida
182	que nem todos que tá ali, participa desse tipo de coisa, mas	organizada
183	infelizmente a mídia tem mostrado a gente que esse número de	mesmo fora
184	pessoas que vão ali como torcedores, né?! Simplesmente pra	do campo
185	aplaudir o seu time, pra torcer pelo seu time, infelizmente esses	Justificativ
186	hoje são minoria dentro dos grupos de torcida organizada, e são,	a: o jornal
187	e são grupos organizados entre aspas ((e faz sinal com a mão	independen
188	como se estivesse colocando aspas)) porque a meu ver são de-	te do bairro
189	sor-ga- ni-za-dos ((enfaticando ainda mais as aspas)) nesse	coloca
190	aspecto, né?! A gente vê casos por ai de colegas nossos da	como a
191	própria escola, né? Estudantes, agredidos dentro da sua própria	torcida
192	torcida organizada, por membros da sua própria torcida	organizada
193	organizada, né?! Agredidos lá dentro ou que sofrem acidente e	de
194	que não tem socorro da própria torcida organizada, então é.. eu	determinad
195	fico me perguntando: onde é que nós estamos deixando os	o clube.
196	nossos jovens, no meu caso, onde é que nós estamos deixando	Retoma
197	nossos filhos irem e participarem. Que lugar é esse? Que torcida	contra-
198	é essa? Que se diz organizada e que não tem uma segurança pro	argumentos
199	seu torcedor, pro seu membro, né?! Não tem respeito com seus	: Não são
200	próprios membros, né? Porque é caso do torcedor que foi	todos que
201	baleado na frente dos aflitos, né?! O menino foi baleado lá na	estão ali
202	frente dos aflitos e aí no meio tinha gente da torcida que não era	que
203	dali, que não era, que não fazia parte do vandalismo, mas tava	participam
204	ali no meio e fez o que? ((com bastante ênfase no “que”)) pra	e responde:
205	inibir que os seus colegas de torcida, né?! criasse toda aquela	esse grupo
206	situação de vandalismo e de crime porque o rapaz chegou a ser	é minoria e
207	baleado, o que foi feito? Então a minha opinião é eu acho que do	coloca um
208	jeito que a torcida organizada é organizada ((movendo a mãos	novo
209	em sinal de aspas quando fala o ultimo organizada)) no estado	argumento
210	ela deve sim ser proibida porque os exemplos são inúmeros aí,	justificativa

211		mostrando que o negócio tá gerando cada vez mais violência.	: Não é torcida organizada é desorganizada Justificativa: não socorrem as pessoas que sofrem algum tipo de violência dentro da própria torcida. Retoma o seu argumento inicial: A torcida deve ser abolida Justificativa : gera violência fora e dentro do campo entre os próprios jogadores.
212		Incitando inclusive a violência dentro do campo entre os	
213		jogadores, que a torcida fica incitando o jogador, né?! E muitas	
214		vezes o próprio jogador começa a gerar conflito dentro do	
215		próprio campo.	
216			
217			
218			
219	Rebecca	As próprias músicas..	Acrescenta uma nova justificativa

			ao discurso da professora
220 221 222 223	Professora	As próprias músicas, como as roupas, né?! Os desenhos das roupas incitam essa violência, é como tá! Eu acho que precisa ser ser, no meu ponto de vista precisa ser visto sim essa questão de permissão dessas torcidas.	A professora incorpora a justificativa trazida pela aluna: As músicas, roupas estimulam a violência
224	Moderadora	Alguém quer falar alguma coisa?	
225 226 227 228 229	Elizandra	Eu acho que a torcida organizada deve continuar, não deve proibir, além de ser torcida no jogo ela dá incentivo aos jogadores, a torcida é bonita, não tem esse negócio de brigar, o povo só vê o lado de brigar nunca vê esse lado do estádio, nunca vê	Ponto de vista: Deve continuar Justificativa: Incentiva os jogadores, é bonita. Responde aos contra-argumentos com apenas um ponto de vista contrário de que não tem violência; e que ninguém vê a beleza da torcida.

230	Moderadora	Zé.	
231 232	Professora	Mas pra você torcer e incentivar o seu time você não precisa ser membro de torcida organizada.	Contra-argumenta com Elizama: Não é necessário torcida organizada para incentivar o time.
233	Elizandra	Mas fica lá quem quer.	Responde: Só fica na torcida organizada quem quer.
234 235	Professora	Como na Europa não existem as torcidas organizadas, né?! E tá todo mundo torcendo pelo seu time. José, José.	José acrescenta uma nova justificativa ao contra-argumento : na Europa não existe torcida organizada e todos torcem pelos times.
236 237 238 239 240	José	Eu acho que essas pessoas que são a favor, são a favor porque não aconteceu nada dentro da sua família nem com elas, porque um dia que elas forem pra o estádio, acontecer alguma coisa com elas ai num instante vão ser contra, porque acontece com muita gente ninguém vê o lado desse pessoal. Um levou um tiro na	José coloca duas novas justificativas em forma de

241		cabeça, outro foi esfaqueado ai essa família já vai ser contra, não	exemplo:
242		aconteceu nada ainda, né?espero que não aconteça com	Eles
243		ninguém, mas aí.. Eu fui pra final do pernambucano, professora	marcam
244		e lá na ilha do retiro é muito pequenininho, ta entendendo?	dentro do
245		((fazendo um circulo com as duas mãos.)) então misturou torcida	estádio
246		organizada com torcedores normal e fica um homem com um	ações de
247		bombo em cima né? Ele marcando ali, com o pessoal ali pra	violência.
248		quando sair ir lá pra debaixo da ponte pra quebrar tudo, pra	
249		infernizar, pra acabar com a torcida do Sport, eu escutei tudo	
250		porque ali é muito pequenininho eu tava alí escutando na arena	
251		do torcedor do Sport	
252			
253			
254	Elizandra	Já aconteceu já; ((falando baixo))	
255	Rebecca	Tá levando pro lado pessoal, né? Dizendo que o campo é	Rebecca
256		pequeninho, ta levando pra o lado pessoal né?	faz
			referência a
			uma regra
			que é
			proposta
			pelo livro
			que é não
			levar para o
			lado
			pessoal.
			Falar que
			um campo
			é pequeno,
			diante da
			rivalidade
			dos times, é
			ofender o
			colega.
257	José	Não, to dizendo que é pequenininho por isso que eu escutei,	José se
258		porque eu não gosto de ficar perto não.	justifica
			dizendo

			que não pra o lado pessoal, mas que é pequeno porque ele conseguiu ouvir o que falavam.
259 260	Wellington	Dentro dos estádios também a torcida joga pedra e fogo na outra torcida	Mais uma justificativa para proibir as torcidas organizadas que faz referência a violência que a torcida gera.
261 262 263 264 265 266	Rebecca	Nem na torcida, nos próprios jogadores.. nos próprios jogadores porque os jogadores não tavam fazendo a vontade deles não tavam ganhando tavam perdendo .. os torcedores foram agredir os jogadores. Oxente, porque foram agredir? Porque vocês não se inscrevem pra jogar melhor pro time?	Rebecca acrescenta: Violência fora e dentro do campo, contra os próprios jogadores.
267 268	Elizandra	Roberta tu lembra quando o torcedor do sport tocou fogo no próprio ônibus?	A fala de Elizandra é para provocar a colega.
269	Roberta	Lembro	

270	Elizandra	Como é que tu fala mal?((falando com Rebecca))	Elizandra já leva mais para o lado pessoal e “acusa” a colega de como ela pode falar mal se um torcedor do time que ela torce tocou fogo em um ônibus.
271	Rebecca	Eu não to falando mal, to falando de torcida organizada,	A colega se defende e diz que não está falando mal da torcida, mas da torcida organizada
272	Elizandra	como tu fala mal da tua torcida?	Elizandra insiste na mesma ideia.
273	Rebecca	To falando de torcida organizada!!!	Rebecca reafirma que o tema é sobre torcida organizada.
274	Elizandra	((incompreensível))	

275 276	Rebecca	Sim, eu torço pro Sport mas não sou a favor da torcida organizada	Ela se justifica e diz que torce para o time do Sport mas que não é favor da torcida, reafirmando o seu ponto de vista.
277 278	Elizandra	Que Jogou pedra nos próprios jogadores, como é que pode falar da tua própria torcida?	Elizandra continua atacando a colega por ser contra a torcida organizada e ser torcedora.
279	Rebecca	Não é a minha torcida, é o meu time.	E ela volta a se justificar.
280 281 282 283 284 285 286 287	Professora	Ta falando de torcida, Agente não ta falando aqui ... ta falando do tema torcida organizada, e aí, só pegando a fala, eu acho que foi José que falou assim, vamo pra rua e eu vi combinando, não foi José?! Eu vi combinando vamo pra rua e vamo quebrar e fazer e acontecer, eu acho que o fato dele estar com uma camisa de uma torcida organizada dá essa força a ele, essa coisa de dizer eu vou mas eu não vou sozinho, né?!	A professora, percebe que o clima não fica bom e entra na fala reforçando que o tema é torcida organizada. E retoma a

			fala de José sobre a organização da violência e acrescenta uma justificativa : a força que o grupo tem em relação a uma única pessoa.
288	José	É	José concorda.
289 290 291 292 293 294 295 296 297 298 299 300	Professora	Eu vou, mas eu não vou sozinho, então ali não é um mero torcedor falando, então eu vou porque olha eu to resguardado ((puchando a gola da camisa como em sinal de ter vangatem)) ò aqui a minha camisa, eu to resguardado pela minha torcida eu vou ali quebrar, fazer e acontecer, quando eu tiver fazendo isso vão passar outros colegas meus e vão me defender aí, agora eu volto a insistir na pergunta que eu fiz anteriormente aí esses companheiros de torcida só são companheiros na hora do vandalismo? Porque na hora do socorro, na hora de dizer assim: - Ei rapaz para com isso, incentiva a não vandalizar, né?! Cadê? Eu nunca presenciei isso	Retoma a justificativa já falada anteriormente: Estou em grupo e tenho força e não ajudam quando o próprio membro da torcida necessita.
301 302 303	José	Quando o amigo cai lá no cotel ninguém vai visitar né?! Deixa ele lá, né?! É amigo na hora alí da torcida organizada	José acrescenta que: quando é preso

			também não tem o apoio da torcida.
304 305	Rebecca	Ou então que morreu, Ah morreu. Tem mais, tem mais gente lá dentro ainda. Morreu um	Rebecca acrescenta: Quando morre ninguém sente falta.
306 307 308	José	Eu acho que essas pessoas devem ser banidas, pega um, pega outro, vai banindo, até não ter no estádio nenhum pra acabar com isso, pra mim isso ((incompreensível))	Acrescenta uma nova justificativa : devem banir as pessoas que participam de torcidas organizadas.
309 310	Roberta	Eu posso falar? Posso né?! Vamo supor, vamo banir a torcida organizada	Roberta aceita temporariamente o ponto de vista dos colegas para banir a torcida organizada.
311	José	Graças a deus	
312 313	Roberta	Baniu, essa torcida organizada não vão brigar fora do estádio também?	Apresenta um contra-argumento: a torcida vai brigar

			fora do estádio.
314 315 316 317	José	Ai não, ai a FIFA fez o papel dela, fora do estádio já é com a polícia militar do recife, Pernambuco, né? Tem que ser responsável, isso aí não tem nada a ver com a fifa mais não né?!	José argumenta que nesse caso é com a polícia militar.
318 319	Elizandra	Mas a pergunta aqui é: Torcida organizada você é contra ou favor ser proibida dentro do campo, né fora não.	Elizandra retoma e questiona qual é a pergunta do debate, até aquele momento a discussão ficou em torno se é torcida organizada dentro e fora do campo.
320	Rebecca	Eu acho que um jogo...	
321 322 323 324 325 326 327 328	Professora	Ninguém disse aqui se é fora ou dentro do campo, né?! A pergunta foi proibir ou permitir. Eu digo que eu, minha opinião é proibir por isso, porque eu acho que quando você retira essa ideia de torcida, né?! Tira isso, aí o torcedor ele vai se enfraquecer, né? Ele vai dizer, epa, per aí, e agora? Eu vou tá por trás de que? Não tem uma organização que me defenda mais nesse aspecto. Eu acho que faz diferença pra ele.	A professora esclarece que não ficou definido se seria dentro ou fora do campo. È importante que a

			pergunta esteja bem definida. E reitera seu ponto de vista de que tem que ser banido e justifica: sem torcida não existe organizaçã o que permita o torcedor se esconder para cometer a violência.
329	José	Eu acho que..	
330	Moderadora	Peraí José, Peraí José. ((e passa a vez de falar para Flávia))	
331 332 333 334 335 336 337 338 339 340	Flávia	Primeiramente deveria ser banida as organizadas, né?! Porque não são todos, né? Certo que não são todos, mas tem gente que aproveita, né?! Pra quebrar, pra matar, também pra matar, assassinos, né?! Isso também a base da maconha. Que ninguém ninguém assim, tem gente que faz né?! Porque é ruim, agora tem gente que já é doidão, eu já presenciei muito isso, aqui em Recife não, na minha cidade, e tem mais coragem depois de álcool, maconha, Roberta, se cala.. ((e joga uma bolinha pequena de papel em roberta)) sim, eu acho que, sou contra	Ponto de vista: Não permitir as torcidas organizadas. Justificativa: violência gerada pelas torcidas Recupera um contra-argumento:

			não são todos que estão na torcida que promovem a violência. Responde: mas alguns se aproveitam. Apresenta uma nova justificativa : a pessoa cria coragem em grupo assim como quando usa uma substância como maconha e álcool
341	Roberta	Oxeee..	
342	Moderadora	José	
343	José	Eu não to defendendo nenhuma torcida aqui não, eu não to defendendo o santa cruz porque eu sou santa cruz não, eu acho que a primeira que tem que ser banida é a do santa cruz eu moro aqui perto do arruda, né? então aquela torcida deve ser banida, ninguém ((incompreensível)) é a pior que tem também, tem que ser banido . Eu não posso nem sair da minha casa pra ir pra o jogo ali tranquilo, eu nem posso ir mais perto, por dentro porque por dentro tem barulho, tem arrastão, eu tenho que fazer um arrudeio, vim aqui por Agua Fria andar isso aqui tudinho, porque não posso ir por dentro que é mais fácil porque tem vândalos ali	José traz outras justificativas para ser contra a torcida organizada: não pode sair de casa, não
344			
345			
346			
347			
348			
349			
350			
351			
352			

353		pra roubar, pra fazer arrastão, meu primo coitado, veio de cueca	pode usar
354		pra casa que até o short dele levaram, saiu todo, não sei o que de	um
355		marca, sapato de marca, foi pro jogo voltou só de cueca e só não	caminho
356		levaram porque não era de marca se não tinham levado também,	mais
357		então eu sou totalmente contra	próximo da
358			casa, a
			violência já
			aconteceu
			com o
			primo.
359	Professora	E quando se marca, né? Por exemplo, por que alguns marcam,	Professora
360		mas quando se marca até via rede sociais mesmo, né?! Um	coloca
361		encontro lá das torcidas, ele não marca assim João marca com	novas
362		Rodrigo pra se encontrar pra brigar, não. Jovem, olha bota o	justificativa
363		nome da torcida, Jovem, vamo lá torcida jovem não sei o que	s para
364		botar pra quebrar na fanautico, não é?! A conotação, é uma	apoiar o
365		conotação com o nome da organização, né?! Não é de	ponto de
366		((incompreensível)) não. Então eu acho que as torcidas	vista inicial
367		organizadas ée.. desculpe dizer pra quem curte, mas é hoje	de ser
368		muitas torcidas que se dizem organizadas se tornaram	contra as
369		verdadeiras facções criminosas ((falando de forma enfática))	torcidas
370			organizada
			s: São
			facções
			criminosas
			(L358)
			Para apoiar
			o
			argumento
			de que a
			torcida é
			violenta ela
			apresenta
			uma
			justificativa

			Quando marcam encontros para brigar é em nome da torcida e não no nome de uma pessoa só.
371	Roberta	Eita, eu faço parte de uma facção criminosa! ((falando de forma irônica))	A aluna se sente incluída na fala da professora
372		Cuidado não,vai ser presa.	
373 374 375 376 377 378 379 380 381 382 383 384	Moderadora	Com licença, deixa eu fazer uma pergunta aqui, por exemplo, você está usando uma camiseta de um time, tem toda essa ((incompreensível)) de torcida organizada só que você não faz parte da torcida organizada, você acaba sendo arrastado, sendo assassinado, você é só um simples torcedor, aquele torcedor que você torce por televisão. Eu por exemplo , vou colocar um pouco do lado pessoal e quando o santa cruz foi campeão pernambucano no começo desse ano eu tive que ver.. ((incompreensível)) uma camiseta, você me viu aqui na escola com a camiseta do santa cruz, ((falando com rebecca)) é isso, dá medo você andar na rua.	A moderador a assume o papel de debatedora. Até o momento ela não tinha se colocado nem dado seu ponto de vista, nesse momento ela coloca uma justificativa para o argumento

			<p>que já foi colocado anteriormente: que fora do campo se estiver com a camisa da torcida entende-se que você é parte dela. E que existe a violência por conta da torcida. Outro ponto interessante é que ela fala para cumprir a regra: não levar para o lado pessoal.</p>
385	Professora	Eu acho que rivalidade, rivalidade entre time vai existir sempre.	A
386		Sempre existiu sempre vai existir, não é?! Isso é normal, entre	professora
387		futebol isso é normal , a questão é a rivalidade do torcedor , mas	retoma e
388		veja o argumento de andrea ai a gente precisa refletir sobre	reconstrói a
389		quando andrea diz assim, olha eu não faço parte de nenhuma	fala da
390		torcida organizada mas por exemplo eu tenho medo de vestir a	moderador
391		camisa do meu time , a camisa de uma torcida, mas ela tem medo	a para dar
392		de vestir a camisa do time quando ela sai às ruas, ela tem medo	mais
393		porque? Porque ela tem medo de ser agredida por torcedores de	suporte ao

394		outro time, né?! De outros times estimulados, incentivados, né?!	seu
395		Se sentem mais fortes quando são membros de torcida	argumento
396		organizada. São esses torcedores de torcida organizada, que	de que a
397		assustam, que amedrontam nas ruas os verdadeiros torcedores.	torcida
398		Isso ela tem medo de sair nas ruas, eu também tenho uma camisa	organizada
399		do nautico tá guardada lá na gaveta mofando há muito tempo, e	gera
400		não é porque o nautico não ganha nada a muito tempo não ((violência.
401		muitos dizem: também professora!!)) mas é porque realmente	
402		você tem medo de sair nas ruas, né?!	
403			
404			
405	José	Meu avô tem oitenta anos, ele dizia que quando ela ia pro bar	José
406		todo mundo ia misturado, com a camisa do sport, náutico, fica	acrescenta
407		ali todo mundo sentado, rindo brincando, era gol do santa cruz	um novo
408		ai meu avô comemorava, era gol do sport ai o amigo dele	exemplo
409		comemorava do lado, não tinha isso .. tinha rivalidade? Tinha,	para
410		mas não tinha isso de levou um gol, ai fica chingando o outro,	sustentar o
411		tah.. não sei que o que.. não tinha isso não, agora com a torcida	argumento
412		organizada	de que a
			torcida é
			violenta: o
			avô torcia
			de forma
			tranquila
			com os
			amigos,
			hoje não é
			mais assim,
			existe
			muita
			ofensa,
			chingament
			o, etc.
413	Professora	Eu acho que essa historia de violência nos estádios, ela, ela, essa	Traz o
414		história não ajuda a história das torcidas organizadas..	contexto
			histórico

			que serve como explicação para a origem da violência.
415	José	Quando surgiu, a inferno coral tem dezenove anos	
416	Professora	Dezenove já?!	
417	José	Dezenove anos ou é vinte nove	
418	Grupo de alunos	É vinte um, é vinte um.	
419 420 421 422	José	Eu to atrasado então, porque eu não.. há vinte anos atrás, há trinta anos atrás não tinha isso no estádio do santa cruz, essa briga todinha, aí surgiu a inferno coral , ai surgiu a porcalhada toda, aí pronto tá até hoje.	José completa a ideia trazida pela professora.
423 424	Professora	Mas elizama que é a favor das torcidas organizadas tem mais alguma coisa pra dizer?	A professora tenta trazer a oposição para o debate que até o momento não aparecia, até o momento o que estava sendo feito era uma exposição e reiteração de argumentos contra a

			torcida organizada.
425 426 427 428 429 430	José	O ponto positivo que a torcida organizada tem é que deixa o estádio bonito, né isso?! Deixa o estádio muito bonito, mas eu quero que vocês me deem outro ponto positivo pra eu acreditar que a torcida organizada deve estar ali no estádio. Me diga outro ponto positivo quem é a favor. Não tem não, não tem explicação não.	José se antecipa e responde a pergunta da professora, ele que até o momento é contra consegue pensar em um argumento a favor da torcida : Deixa o estádio mais bonito. Mas pra ele não é suficiente para fazer com que ele mude de ideia e pede aos colegas que são a favor outros argumentos .
431 432 433	Elizandra	Eu acho que o caso da torcida organizada, quem ta na torcida organizada é por que quer ((falando com José)) Eu acho que faz parte quem quer, vai pra jogo quem quer	Elizandra não responde

			<p>aos contra-argumentos apresentados, acrescenta apenas que faz parte da torcida quem quer. Mas essa fala não responde a pergunta. Pareceu-me que ela como torcedora, após tantas críticas à torcida organizada ela deixou de investir na participação do debate. Retornando apenas quando solicitada.</p>
433 434 435	Professora	A questão não é essa, a questão é o que que se faz ((incompreensível a professora e elizama falam na mesma hora))	A professora responde colocando que o

			discurso apresentad o por ela não é a questão do debate.
436 437 438 439 440 441 442	Rebecca	Porque digamos assim, quando marca, foi obrigado foi? Se vai ter briga é do povo que não tem organização porque dentro do estádio é totalmente diferente, fora tem outras coisas, que é mais briga de bairro, quando é briga de torcida é mais diferente, é mais briga de bairro tem dois unidos caxangá, tem assim, mas dentro do estádio é totalmente diferente, quem vai pra jogo sabe.	Rebecca permanece com o mesmo argumento inicial de que a violência acontece fora do estádio, e que essa é de bairros e não da torcida. Esse argumento que ela traz é baseado na própria experiência .
443 444 445 446 447 448	Professora	Pois é, mas aí eu me questiono e se fosse proibido essas torcidas organizadas? Que que ia ter? Não é proibir ir com a camisa do time pra o estádio não, não, acabar com as instituições com as torcidas organizadas, se acabasse e aí? Ia ter marcação de jovem com não sei o que?((falando de forma enfática))	A professora questiona a aluna que se não tivesse torcida organizada

			<p>não haveria atos de violência. A fala da professora se apresenta como um contra-argumento para a fala da aluna, me parece que neste momento a professora desafia o ponto de vista da aluna. Esse desafio é apenas uma reiteração do que já havia sido dito anteriormente, do argumento de que a torcida organizada gera violência</p>
449	Aluno não identificado	Acabar volta de novo.	

450	Professora	Acabar, fechar	
451 452 453	Elizandra	((todos falam juntos)) Não ia ter mais animação, se acabar não ia ter mais animação ((fala de maneira enfática com os ânimos exaltados))	Elizandra responde que não teria mais a animação que a torcida hoje promove. E fala de maneira enfática, já irritada.
454 455 456 457		((um grupo de alunos falam juntos, a professora com um posicionamento contra e alguns alunos falam juntos a favor.)) Moderadora interfere e pede pra que fale um de cada vez	Uma discussão na sala se instaura, fazendo-se necessário que a moderador a interfira para colocar ordem na sala.
458	Elizandra	Vai brigar do mesmo jeito	Elizandra justifica que as brigas continuarão
459 460 461 462 463	Professora	Sim e vai, mas eu creio que aí seria uma atitude mais individualizada, eu não teria mais o respaldo, o resguardo de ter uma sede, de ter uma torcida que eu tivesse me escondendo por trás daquilo ali, você tá entendendo? Eu acho que é a questão do incentivar a violência por instigar a violência, por dar força a	A professora aceita a justificativa, mas

464		esses vândalos que existem e sempre existiram e sempre vão	contra-
465		existir, pessoas com esse caráter sempre vão existir, mas vão ser	argumenta
466		enfraquecidos ao meu ver se forem proibidas as torcidas	com um
467			argumento
			já dado
			anteriorme
			nte de que
			em grupo
			as pessoas
			tem mais
			força do
			que
			sozinhos
			para
			praticar a
			violência.
468	José	((moderadora aponta pra ele permitindo que ele fale)) dentro do	José coloca
469		estádio existe briga de torcida, elas mesmos se brigam, não é?!	nova
470		Elas mesmo se brigam, outra coisa, não sei se vocês lembram	justificativa
471		mas no final do pernambucano foi proibido entrar torcida	para o
472		organizada no campo e foi ótimo, eu que sou torcedor, eu vou	ponto de
473		direto pra o estádio, apesar que meu time é ruim, eu vou direto,	vista inicial
474		vou vou vou, então final do pernambucano foi ótimo, não teve	dela que é
475		esse negócio de torcida organizada, a gente entrou no campo,	ser contra a
476		sem barulho, sem nada, saiu tranquilamente, eu não vi nenhum	torcida
477		barulho lá fora, porque não teve torcida organizada.	organizada.
478			A
			justificativa
			trazida por
			ele é a
			partir da
			própria
			experiência
			com a
			ausência da
			torcida no

			campo e a tranquilidade do jogo.
479 480 481 482 483 484 485 486 487 488 489 490 491 492 493 494 495 496	Professora	Outra pergunta que eu quero fazer pra quem é a favor da torcida, pra quem é a favor da torcida organizada. Se as torcidas organizadas fossem bem vistas pela sociedade em geral, quem é que correria ou subiria os vidros dos seus carros quando visse um grupo de torcedores vestidos com a camisa da jovem, vestidos com a camisa da fanático ou da inferno coral, quem subiria seus vidros se achasse seguro? E sobe os vidros né?! As pessoas param no sinal, as vezes até ultrapassam o sinal vermelho, porque? Quando veem um grupo grande de torcedores, porque? Porque torcida organizada virou sinônimo de: briga ((falando enfaticamente)) então as pessoas se assustam, a sociedade tá dizendo que não quer a torcida organizada, a própria sociedade com essas atitudes ela mostra isso, a gente não quer, a gente não confia, olha, vê que coisa, uma sociedade, subir seus vidros, ou correr, né?! As lojas, os comerciantes fecham as portas, é ou não é?! Os torcedores precisam ser escoltados pela polícia, pra que são escoltados? Pra que?	A professora faz uma pergunta com o intuito de convencer os alunos que concordam com a torcida organizada. A função da pergunta é retórica. Colocar novos argumentos. O que acontece é uma reafirmação do primeiro argumento.
497		Eu já vi isso aí já	
498	Rebecca	Pra não brigar com outra torcida;	A resposta de Rebecca reafirma a justificativa defendida até o

			momento, sobre a violência
499 500 501	Professora	Ai me diga: isso é interessante para o estado? Isso é interessante para o país ? são verdadeiras facções criminosas	As perguntas retóricas se repetem.
502 503 504 505 506 507 508 509 510 511 512 513 514 515	José	Professora, só falta alguém ver isso aí direitinho, acho que o grandão da fifa, o próprio presidente que vai entrar agora em 2014 né?! Que eu não vou votar não, mas vai entrar alguém, tem que tomar alguma atitude, eu acho que essa Dilma só só só, todo mundo só votou nela por causa de Lula , né?! Porque Lula, Ah os companheiros e todo mundo votou nela, mas eu não vejo ela fazendo nada, eu só vejo ela viajando, viajando e gastando dinheiro pra copa de 2014, gasta dinheiro, gasta dinheiro, gastou não sei quanto de dinheiro nessa história ai de arena pernambuco e se dá uma chavinha alaga tudo ((incompreensível)) Eu acho que no brasil falta alguém que dirija o brasil, né?! Eu só acho isso, coloque alguém pra dirigir o brasil direito.	José coloca um novo argumento que está fora do tema do debate. Ele fala sobre a política e sobre os dirigentes do futebol, fugindo do tema principal do debate.
516 517 518 519	Professora	Elizandra o que tu achas? O que tu pensas sobre o assunto aí, como é que tu defende a tua torcida organizada, aí, elizandra já ta mudando de ideia ó, nossos argumentos ó, já estão modificando elizandra	A professora solicita a fala de elizandra. Ela tem sido o alvo dos argumentos do debate por defender a torcida

			organizada. A partir do fala da professora, percebemo s que o objetivo da professora é fazer com que Elizamude de opinião.
520	Elizandra	Não, jamais. Não tem quem faça eu sair da minha torcida	Elizandra responde dizendo que não tem quem faça ela mudar de opinião sobre a torcida.
522	Professora	Não tem quem lhe faça sair? Porque?	A professora questiona porque ela não mudaria de ideia.
523	Elizandra	Porque eu gosto dela, eu amo ela, ela é minha razão	A resposta de Elizandra mostra o quanto o interesse para esse

			tema é pessoal
524	Professora	A torcida organizada é tua razão?	A professora questiona a resposta da aluna.
525	Elizandra	Meu clube é minha razão, minha torcida em segundo lugar	E ela reafirma a resposta.
526 527	Professora	Ah, já mudou, já mudou a opinião, já mudou porque no início ela tava defendendo a torcida dela	A professora pensa que elizandra mudou de ideia por colocar a torcida em segundo lugar. A professora busca a mudança de opinião de Elizandra.
528	Elizandra	Mas eu defendo mesmo assim, defendo mesmo assim	Elizandra responde que não mudou de ideia. Não existiu uma avaliação dos argumentos , ainda

			mais sendo o tema de caráter tão pessoal.
529 530	José	Tem que dizer basta a isso, tem que ter alguém pra dizer basta nisso	José coloca que a torcida tem que acabar, reafirmando o o ponto de vista inicial.
531	Elizandra	Mas querendo ou não sempre vai ter torcida	Elizandra contra-argumenta com José afirmando que a torcida sempre vai existir.
532	Raul	Eu voto em José pra presidente	O debate diminui e Raul coloca um tema que não está relacionada com o tema do debate.
533	José	Não, não vote não meu filho	José responde que não vote nele. Que está fora do

			tema do debate novamente.
534	Professora	Juliana quer falar aí	A moderador a já não participa do debate ativamente, e a professora assume esse papel e da a permissão para uma aluna se posicionar;
535 536 537	José	A torcida do Sport tocou fogo na torcida do ceará não, foi? Como é o nome da torcida organizada do ceará? Voamar? Ceamor?	José retoma um tema que já foi falado anteriormente
538 539	Elizandra e Roberta	Cearamor	
540		Torcida fraca	
541 542 543	José	Volto pra situação, se fosse com a do corinthians ali, a torcida do sport tinha queimado? Alí, aquele ônibus ali? Tinha queimado o ônibus?	Retoma a questão mas a pergunta não levanta o debate, coloca posicionam

			entos já levantados.
544 545	Roberta	Claro que não tinha, até porque eles só queimaram o ônibus porque? porque a cearamor é aliada da fanautico	Roberta responde da forma que José esperava.
546	José	Independente disso.	
547 548	Roberta	Gaviões não é aliada, se fosse um ônibus da gaviões ali eles não iam botar fogo, eles não tem briga com os gaviões	Roberta explica como acontece a dinamica das torcidas organizadas.
549	Professora	Vejam só, vejam só	
550 551	Rebecca	Aconteceu que a jovem queimou o ônibus não da outra torcida, há muito tempo a torcida jovem do cearamor	Rebecca explica o que Roberta já havia colocado.
552 553 554 555 556 557	Professora	Vê só, ai eu chamo atenção, né?! Olha o jeito que roberta usou pra justificar o ato da torcida aí, ela disse: Ah porque torcida tal não é aliada da nossa . Isso é termo, isso é termo de facção ((falando enfaticamente)) Né?! Ou seja, eu vou lutar contra você que não é meu aliado, que é isso? Pra mim aliado é termo de gerra. É verdadeira guerra	A professora retoma colocando uma nova justificativa relacionada com a fala da aluna, de que seriam facções criminosas.

			Essa justificativa está no mesmo domínio das anteriores de que as torcidas organizadas são violentas.
558 559 560	José	É porque é assim a torcida de são paulo é aliada com a torcida do sport , a mancha verde parece que é com o santa cruz, não é isso?	José explica o que Roberta e Rebecca já haviam comentado;
561 562 563 564	Professora	A torcida organizada é pra que? É pra torcer pelo time, ficou de lado o sentimento real que é torcer pelo time, já ficou de lado há muito tempo, não é mais torcedor não, agora é vandalizado	A professora reafirma o falado anteriormente que a torcida gera violência.
565 566	José	Eu acho que bonito é, agora a pessoa ir pra o estádio e voltar de cueca é demais, né?	José muda seu argumento considerando o que já havia sido falado por elizandra, sobre a

			<p>beleza da torcida, mas permanece no seu ponto de vista. Neste momento percebemos que poderia ter acontecido um avaliação dos argumentos apresentados.</p>
567 568	Rebecca	<p>Todo mundo viu um teste que foi proibida a torcida organizada, e aí? A violência diminuiu ou aumentou?</p>	<p>Rebecca faz uma pergunta com um caráter retórico, com o intuito de usá-la como argumento.</p>
569	José	<p>Diminuiu muito</p>	<p>José e a professora respondem que diminuiu a violência. Interessant</p>

			e perceber que os dois são contra a torcida e os únicos que respondem a pergunta.
570	Professora	Diminuiu e muito	
571	Rebecca	E ainda criticaram	
572 573 574	Moderadora	Elizandra e Roberta, se por exemplo a torcida de vocês, se a fanautico estivesse um batendo no outro, um desse o tiro pro céu, o que vocês iriam fazer?	A moderadora, também faz uso da pergunta para convencer., mas a pergunta não é elaborada de forma correta, a atingir o objetivo proposto.
575	Roberta	Oi? Correr..	
576 577	Moderadora	Imagina se a fanautico e a jovem tivessem brigando, vocês ficariam no meio da briga?	Ela refaz a pergunta.
578	Roberta	Lógico.	Roberta afirma que sim, que ficaria no meio da briga.

579	Moderadora	Se tivesse arma no meio? Se tivesse arma no meio???	A moderador a quer levar até ultima consequência.
580 581	Elizandra	A gente não tá no meio, a gente só gosta por causa da ((incompreensível))	
582	Moderadora	Não, mas se tivesse todo mundo..	
583 584		Eles são bandido arruma uma camisa do time e vai brigar no meio	O tema volta novamente de que no meio da torcida existem bandidos.
585 586 587	José	Tem muitas pessoas que... eu acho que as nossas amigas não são assim ((apontando pra elizandra e roberta)) não são exatamente bandidas	José sai em defesa das colegas falando que elas não são bandidas. Ele faz essa referência por elas terem falado anteriormente que ficariam no meio da torcida, ainda que

			estivessem brigando.
588 589 590	Elizandra e Roberta	((falando uma com a outra em tom irônico)) Exatamente.. exatamente... ((fazendo referência a serem exatamente bandidas))	O tom de ironia acontece..
591 592 593	José	Eu acho que elas não tem, né? Elas estão influenciadas por alguém pra tá lá dentro, vocês tem um amigo, uma amiga que foram	José procura justificativa para entender porque as amigas estão envolvidas com a torcida organizada.
594 595 596 597 598 599 600	Professora	Elas estão...((muito barulho na sala. Todos falam ao mesmo tempo.)) Mas veja, há um confronto com a torcida rival vocês vão caminhando no meio da torcida, eles vão deixar vocês de lado ou vão começar a agredir vocês também? Você tá no meio daquele grupo, então minha filha se está no meio da torcida organizada aguarde as consequências e que são péssimas	Ocorre que já não ocorre um debate, já que não existem mais pontos a serem discutidos, o que acontece é uma apresentação das ideias com uma organização

			argumentativa a fim de convencer duas alunas que se posicionaram serem a favor e participarem do debate. A questão do debate fica de lado.
601	José	Roberta é forte	
602 603 604 605	Aluno não identificado	A torcida não vai acabar mesmo, pra que tá falando isso. Não vai acabar pra que discutir?((falando com uma colega)) Professora, pra que ta discutindo? Não vai acabar mesmo..	Na fala desse aluno podemos perceber que já não faz mais sentido debater o tema.
606	Roberta	((todos falam juntos)) uma bala de borracha	
607 608 609 610 611 612	José	Tá num estádio, levando pedrada, bala de borracha de policial porque eles atiram neles e as vezes passa e pega num torcedor isso tem que acabar logo, tem que vir um homem pra governar o Brasil, um homem de palavra pra acabar com isso aí ou se não uma mulher também mas que tenha palavra, uma vereadora	A partir de agora como anteriormente são feitos apenas comentários sobre o tema.
613 614		((todos falam juntos e a moderadora caminha dentro do círculo))	

615	Elizandra	Gangue da ilha	
616		É muito pequenininha	
617 618	Elizandra	Gangue da Ilha... ((com bastante ênfase)) Tu ta vivendo é em que ano hein?	
619	Aluno não identificado	Oxente, a fanautico é pequena	
620	Elizandra	Minha gangue da ilha?	
621	Moderadora	O debate está encerrado	Moderador a encerra o debate, que aparentemente já havia sido encerrado espontaneamente pela falta de argumentos e contra-argumentos .
622	Roberta	Porque? Tão cedo	
623	Aluno não identificado	É melhor juntar todas as três torcidas ai fica	
624	Professora	Obrigada, vamos colocar as nossas bancas no lugar?	

APÊNDICE B- Protocolo 4 – 3º Modelo de Debate Tradicional

Convenções de transcrição:

“xxxxx”	Citações de fontes
((xxxx))	Comentários descritivos da aula
[xxxxxx]	Hipótese do compreendido
[incompreensível]	Incompreensível
...	Prolongações nas sílabas
[Sobreposição da fala

Descrição da aula:

A aula inicia às 9:30 da manhã, a professora pede para que eles façam um círculo com as cadeiras e logo em seguida a professora escreve o tema do debate no quadro branco que é: Até que ponto a internet e os jogos digitais influenciam o comportamento das crianças e dos adolescentes. Logo em seguida a moderadora posiciona-se em um ponto do círculo em que todos possam vê-la, próximo a professora.

Transcrição:

01	Professora	Pronto Juli, to aqui, to aqui pertinho de Juli, bora.	Nos primeiros momentos a professora organiza o cenário discursivo. A professora, pede silêncio dos alunos para que a moderadora possa começar o debate (L01-12)
02 03	Aluno não identificado	Ei professora, eu vou falar hoje não porque eu não to bom não.	

04	Professora	Eu to vendo que você não tá bom depois de ter deixado esses	
05		sacos tudo jogado na sala você realmente não deve estar muito	
06		bom hoje não.	
07	Aluno não identificado	Não fui eu não.	
08		((a turma conversa bastante))	
09	Professora	Ju, tá aqui tá! ((Ju será a moderadora, mostrando o título do	
10		debate em um quadro branco)) Vamos começar.	
11	Moderadora	Gente, silêncio! Geenteee	
12	Professora	Boraaa.. Shiiilll ((pedindo silêncio))	
13	Moderadora	Olha, meu nome é Juliana e o debate de hoje vai ser sobre até	A moderadora
14		que ponto a internet e os jogos digitais influenciam o	se apresenta,
15		comportamento das crianças e dos adolescentes. As regras do	como
16		debate são: Não pode celular, não pode interromper o outro	orientado no
17		quando o outro estiver falando, e também..	livro didático,
18			fala o tema e
			as regras logo
			no início do
			debate. As
			regras
			contemplam
			regras que
			regem a
			organização
			comportament
			al do debate;
19	Professora	Cada um tem um tempo, né?	A professora
			interfere
			assumindo o
			papel de
			moderadora
			(L19, 21)
20	Moderadora	É, começando agora: Neymar ((ele não fala nada))	
21	Professora	Quem gostaria de iniciar? Dar a sua opinião? Bora José?	A professora
			coloca aquele
			momento

			como dar a opinião sobre o tema. E indica um aluno que tem ampla participação na sala.
22 23 24 25 26 27 28	José	Professora, eu acho que não tem influência não, porque eu jogo, eu jogo no caso, os jogos mais violentos do mundo, que é GTA desde pequenininho que eu fico no jogo e nunca tive comportamento agressivo não. Acho que cada caso é um caso, né? Acho que cada pessoa é uma pessoa né? Cada um pensa de uma forma, mas eu acho que não.	José da um ponto de vista e uma justificativa espontaneamente. PV- não tem influencia J- eu jogo jogos violentos e não me tornei violento. Antecipa uma resposta a um possível contra-argumento : Cada pessoa é um caso.
29	Professora	Rayane	A professora continua na função da moderadora e indica o próximo a falar.
30 31	Rayane	Eu concordo com o que José falou porque atualmente já fez pesquisas que os jogos só afetam as crianças e os adolescentes	A aluna expressa um

32 33 34		quando eles já tem uma vida conturbada, ou dentro de casa ou normalmente fora, ai os jogos influenciam dessa forma né? Nem sempre...	ponto de vista e uma justificativa de forma espontânea. PV- depende do caso J- Pesquisas comprovam que só influencia se a criança ou o adolescente tiver uma vida conturbada.
35 36	Andrea	Como é que você concorda com isso se você acabou de dizer que...	Andrea questiona o ponto de vista de Rayane, para ela a justificativa não sustenta o ponto de vista. Andrea fez uma avaliação da premissa em relação ao ponto de vista explicitado.
37 38	Rayane	Andrea, eu concordo com o que José falou, acabei de dizer que eu concordo com o que José falou..	Rayane disse que concordava com o que José havia falado.

39	Andrea	Ele disse que discorda..	Andrea insiste, afirmando que ele discorda da influencia.
40 41	Rayane	Ele disse que não concorda, que acha que não é certo que os jogos influenciassem, de certa forma ele tá certo, não influenciam a todos, só alguns e acabei de dizer quando tem uma vida conturbada dentro de casa ou fora	Rayane responde sendo mais explícita, ela concorda com o argumento que José antecipa frente a um possível contra-argumento. De que vai depender de cada caso.
42 43	Andrea	Então você tá querendo dizer que não pode tanto os jogos, serem influenciados ou não. Não tá ambíguo?	Andrea insiste no não entendimento.
44 45	Rayane	Eu concordo com o que José falou na questão de cada criança	Andrea é mais explícita com qual ponto de vista ela concorda.
46 47 48 49 50 51 52 53 54	Professora	Andrea? Não? Quem mais quer expressar opinião? Vai Larisinha, que é que tu acha Larissa? Influencia? Os jogos? Não só os jogos, a pergunta é até que ponto a internet e os jogos digitais influenciam o comportamento das crianças e adolescentes. Então aí entra também as questões das redes sociais, os contatos através das redes sociais, dos jogos digitais, sejam eles violentos ou não, enfim, que tipo de influência isso poderia gerar, né? Que a gente tem vários níveis de influência, né?! Tem aquelas que podem chegar	A professora continua no papel de moderadora e solicita mais opiniões dos alunos e sugere mais um aluno. A

55 56 57 58 59 60 61		<p>numa influência no comportamento pra ter uma consequência pior e é aquela consequência criminosa e têm pequenos outros tipos de influência que podem mexer também aí com o comportamento, com o psicológico principalmente da criança, né? Que tá em idade de formação dessa personalidade. Tu concorda com isso?</p>	<p>professora tenta ampliar a questão do debate, para conseguir abarcar mais questões e tornar-se mais polêmico, já que os dois primeiros posicionament os colocaram argumentos relativizados, de forma que impede uma formação de pontos de vistas divergentes. Necessários para que o debate aconteça.</p>
62 63 64 65	Larissa	<p>Eu acho que criança pode até, pode até ela vendo, ela jogando porque tem cada jogo é de um jeito, de um jeito diferente, cada um você, cria uma personalidade, cria você no jogo, ele vai criar ele no jogo e vai querer...</p>	<p>Ponto de vista: Influencia dependendo do jogo. J- jogos que permitem criar novas personalidade s podem influenciar.</p>

66	Professora	Os jogos permitem fazer essa criação	A professora comenta a afirmação da aluna, como que solicitando que ela explorasse mais o assunto.
67 68 69 70 71 72 73	Larissa	É, é, e ele vai querer matar todo mundo se for um jogo de matar, vai querer matar e quando ele crescer ele pode querer ser a pessoa que tá, que tá no jogo ele botou a personalidade dele, então pode, pode sim uma criança, uma criança que tá jogando, quando crescer, se não tiver mentalidade porque se tiver mentalidade eu acho que não.	Larissa explica como os jogos funcionam e se posiciona de forma relativizada como os dois posicionamentos acima apresentados: influencia quando a pessoa não tiver maturidade. Se não tiver maturidade influencia.
74 75 76 77 78 79 80	Professora	Eu acho que também vai muito da questão do acompanhamento, da orientação em casa dos pais, né? Do controle também, que tipo de jogo é este que está sendo visto, né?! Se tá adequado pra sua idade ou não e a orientação, pra que.. a criança talvez ainda não tenha essa noção da diferença entre o que é ficção e o que fala a realidade, né?! Diga Ytalo	A professora segue fazendo o mesmo tipo de resposta apresentada, de forma relativizada. Para ela os

			<p>pais tem que acompanhar os filhos. O debate como deve acontecer, em que posições divergentes sobre um determinado assunto de interesse coletivo não acontece.</p>
81 82 83 84 85 86 87	Ytalo	<p>É que, acho que os pai tem que por algum limite ao filho pra ele ver conteúdo na internet e até mesmo jogos, se os pais tão participando a família ta participando, procurar saber o que o filho tá fazendo, e assim sempre o, a criança e o adolescente estiver usando ele sempre tem que ter um conselho anteriormente de usar a internet, saber como funciona, tudo explicado</p>	<p>Ytalo segue o mesmo pensamento da professora apresentado anteriormente. Os pais tem que acompanhar, ter um controle sobre o que os filhos estão usando para que não haja influencia. Até o momento o exercício cognitivo é de buscar mais justificativas para uma</p>

			única posição: influencia a depender das condições da criança.
88	Andrea	((incompreensível))	
89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100 101 102 103 104 105 106 107 108 109 110 111 112 113 114 115 116 117	Professora	Hoje em dia eu acho que, eu acho que os pais hoje em dia estão cada vez mais jogando as suas responsabilidades enquanto pai, enquanto mãe, para o computador, para televisão, né?! Eu acho que o computador, hoje é que educa os filhos em casa, o pai e a mãe sai pra trabalhar e as vezes o filho fica ali horas na frente do computador e eles nem sabem o quê que eles estão vendo o que eles estão fazendo, todos aqueles outros que não é.. que não vem ao caso pra o debate da gente, mas todos aqueles, aquela gama de perigos que o menino tá, né? submetido a tudo aquilo quando ele passa essas horas na frente do computador. Na minha opinião eu acho que influencia sim o comportamento, a gente tem vários exemplos ai de de.. que acabam em tragédia, né? Em crimes não só no Brasil, como no mundo, lá no Estados Unidos a gente vê quantas notícias a gente fica ouvindo por ai de adolescentes que invadiram a escola, saíram matando os colegas, saíram matando professor e quando vai se ver essa criança, ela passava, esse adolescente ele passava horas, né?! Vivendo esse outro personagem, né?! Vivendo essa outra vida dos jogos digitais e aí já se questiona isso, né?! Então, o que que influenciou este jovem, ((incompreensível)) o que que se passava na cabeça desse adolescente pra ele entrar na escola atirando e fazendo tudo isso.. né? ai na maioria das vezes quando vai se estudar esses casos e que no histórico do adolescente tinha essas horas inteiras na frente do computador. Exemplos no Brasil, alguém lembra de exemplos no Brasil?	A professora acrescenta mais explicações sobre a ausência ou presença do pais e logo em seguida se posiciona de maneira contrária dos alunos. Pv: Influencia o comportamento o Justificativa: Já existem casos de jovens que viveram a realidade dos jogos e cometeram as violências do jogo. A professora, busca dos alunos casos que possam

			<p>apoiar a ideia que ela propõe. Solicita casos que fundamentem o ponto de vista proposto por ela. E o exercício de listar argumentos continua.</p>
118	Elizama	O menino Marcelo	Elizama lembra de um caso que aconteceu.
119	Professora	O menino de 13 anos.. né?!	
120 121 122 123 124	Elizama	Aram.. foi que matou os pais, que passou também no repórter que ele jogava muito GTA, não foi?! ((se certificando com a colega ao lado)) foi GTA eu acho que influenciou ele a fazer isso que eu acho que nenhuma pessoa normal ia fazer aquilo	<p>A fala da aluna segue a mesma linha de raciocínio da professora, de forma que o que ela fala dá mais sustentação ao argumento da professora.</p>
125 126	Professora	A falta do diálogo em casa também, né?! Dos pais pra conversarem com ele..	<p>Não só os jogos influenciaram como também a falta de diálogo.</p>

127 128	Elizama	Tem muitos pais a criança tá chorando ai bota a criança pra jogar vídeo game e deixa lá	O debate deixa de ser um debate para ser uma conversa de cunho argumentativo , já que até o momento a busca é por justificativas que sustentem um único argumento que todos concordam. (L123-139)
129	Professora	Eita é verdade..	
130 131	Elizama	Ai o menino começa a chorar ai o pai : vai te embora ((incompreensível))	
132	Professora	Não aguenta o choro do menino.. Eraldo quer falar?	
133	Eraldo	((incompreensível))	
134 135	Professora	Eraldo quer falar é? Você que opinar é? Eraldo não responde. Sim,continua ((falando com elizama))	
136 137	Elizama	Era isso que eu falei, que os pais deixam o menino só porque o menino tá chorando ai deixa o menino pra..	
138 139 140	Professora	Vocês passam horas na televisão? ((um grupo responde que não)) Neymar, é?! Neymar tu jogas? tu passas muitas horas na frente do computador?	A professora começa a questionar os alunos. As perguntas tem a finalidade de explorar a opinião dos alunos sobre o tema, e penso que para

			encontrar casos na própria sala que possam fundamentar a ideia de que pode influenciar. A moderadora até o momento não retornou para o seu papel, que continua sendo desempenhado pela professora. (L140-148)
141 142	Neymar	((move a cabeça em sentido negativo)) só que meu computador pegou virus, não sei porque	
143 144	Wesley	((todos riem)) Não sei porque? Aqueles sites tudinho pornô que tu fica vendo lá?!	
145	Professora	Sim, ai vc não joga, não costuma jogar.	
146	Neymar	Jogo não, jogo não, professora	
147	Professora	Wesley, tu passas horas na frente do computador..	Questiona novamente um aluno com o mesmo objetivo de encontrar algum caso que possa fundamentar a sua ideia.

148	Wesley	Passo..	O aluno responde que passa muito tempo em frente ao computador.
149	Professora	E aí?	
150 151 152 153 154 155	Wesley	porque se eu não passar o dia na frente do computador não tem como eu fazer quase nada no computador, no jogo que eu jogo. Porque você vai ter que matar um monte de monstro lá pra ganhar moedas e fazer as armaduras, se não passar muitas horas na frente do computador você nunca vai conseguir pegar aquele item.	O aluno explica porque passa muito tempo jogando. O jogo demanda essa atitude dele.(L153-160)
156	Professora	Quer dizer, o jogo ele já é programado pra isso, não é?!	
157	Wesley	É	
158 159 160 161	Professora	..Que você de fato precise passar uma quantidade de horas grande na frente do computador. E tu achas que isso influenciou alguma coisa na tua vida? Influencia teu comportamento de alguma maneira?	A professora questiona sobre a influência ou não do jogo. E o aluno responde que não.
162	Wesley	Não. No meu comportamento não.	
163 164 165 166	Professora	Quando eu passo assim, quando eu saio da minha rotina e começo a criar essa nova rotina ah de tal hora a tal hora eu vou ficar na frente do computador isso já não é uma mudança de comportamento, não?	A professora faz uma pergunta retórica, que tem como objetivo de convencer o aluno do ponto de vista dela.

167	Wesley	Não que eu ache	O aluno se posiciona de forma contrária ao esperado por ela, para ele não há influência.
168	Professora	Não muda não?	
169	Wesley	Não	
170	Professora	Você deixaria de	
171 172 173 174	Wesley	Porque eu não deixo de sair pra tá na frente do computador, não deixo de como muitas pessoas deixam, de tá se alimentando pra tá na frente do computador, já eu não deixo de fazer isso.	Fundamenta o ponto de vista com uma experiência pessoal. J- a rotina dele não foi modificada por cauda do jogo.
175	Professora	Mas tu tens amigos que fazem isso	A professora continua buscando casos que fundamentem seu ponto de vista de que há uma influência.
176	Wesley	Tenho ((eles e alguns colegas da turma sorriem)) muitos	O aluno concorda que tem que amigos que mudam a rotina. Mas

			não explora o assunto.
177	Professora	Alguém aqui? José José	A professora continua sua busca e solicita novamente de José.
178 179 180 181 182	José	Eu tenho um amigo que não vai no banheiro, ele não come, ele fica, ai o jogo tá precisando de armadilha, de dinheiro pra comprar não sei o que, não vou sair daqui não, só falta meia hora pra acabar ((fala com o tom de quem está concentrado no jogo)).	José fala a conhecer casos em que a vida da pessoa é modificada pelos jogos. Com a sua fala ele colabora com a professora.
183	Professora	E não é só o jogo, né? As redes sociais..	A professora acrescenta agora outro aspecto, a internet.
184	José	A internet também	Eles conversam sobre o tema (L187-97)
185	Professora	Facebook virou a febre né?	
186	José	È o facebook é	
187 188	Aluno não identificado	Não é febre mais não agora é.. ((incompreensível o nome de uma nova rede social))	
189	Professora	Como é, pera aí, deixa eu me atualizar, como é?	
190 191	Aluno não identificado	Né facebook mais não é ((incompreensível repete o nome da rede social))	
192	José	[gengivegalopan]	
193	Professora	É o que? É uma rede de relacionamento?	

194	Aluno não identificado	Oxe e então.	
195 196 197 198 199 200 201 202 203 204	Professora	E assim, vocês já perceberam que, eu por exemplo, eu conheço pessoas assim que já se isolam do mundo, né? Mantém esse relacionamento, essa interação só via internet, né?! Se isola do mundo, não quer mais conversar, chega as pessoas não são mais interessantes, né?! O olho a olho pra conversar e agora o negócio é só via internet, faz amizade via internet, namora via internet, tem gente que até sexo faz via internet ((alunos questionam rapidamente)) éé éé.. sexo virtual e jogos também induzem a isso.	A professora coloca uma nova justificativa: Impede o relacionamento pessoal em um mundo real. Os alunos continuam dando exemplos que fundamentam ainda mais a ideia da professora. Apenas se dirigem a ela, não debatem entre si. (L198-215)
205 206 207 208 209 210 211 212	Wesley	Tem um jogo chamado cidade baixa e você cria seu personagem e pra você fazer sexo com outro personagem você precisa pagar pra comprar vip e fazer sexo com esse outro personagem. Ou você pode criar seu boneco da forma do seu corpo você pode colocar seu cabelo, sua estrutura física, tudo e é como se fosse uma vida igual mesmo, você ir pra o shopping, você pode sair pra jantar pra fazer o que for naquele jogo	
213	Professora	Tu achas elizandra?	Solicita a opinião de uma aluna.
214 215	Elizandra	Eu acho, que meu pai manda eu sair do computador pra eu viver, “menina, sai do computador e vai viver!” Eu fico o	Elizandra da seu

216 217 218 219 220 221 222		tempo todinho na internet, o tempo todinho, tempo todinho, antes de ter computador eu só vivia na rua o tempo todinho na rua com os meninos, depois que eu ganhei eu fico só em casa agora, internet, internet. Ai ele menina sai de casa, vai viver parece que vegeta, vive dentro de casa , só fico no computador, mas jogar eu não jogo muito não. Gosto não.	argumento: PV- influencia J- Ela passa pela experiência de ficar muito tempo na internet de forma que o pai precisa ordenar que ela saia.
223	Professora	Mas tu fica em que? Redes Sociais.	A professora tenta explorar o argumento da aluna, para ver se abarca os dois espaços propostos pela pergunta
224 225 226 227	Elizandra	É, fico em [incompreensível] o tempo todinho, se eu sair dá um tique tique no meu dedo ((meche os dedos como se estivesse digitando algo)) ai eu fico agoniada já.	A aluna explicita que por não ficar no computador seu comportamento é alterado.
228 229 230	Professora	Olha que interessante, ta vendo? Essa é uma mudança comportamental já. Ela sente necessidade de estar na frente do computador.	A professora utiliza a fala da aluna como justificativa para fundamentar ainda mais seu

			ponto de vista, de que influencia na mudança do comportamento.
231 232 233 234	Elizandra	Eu fico assim o tempo todinho, ((e pega o celular pra mexer e mostrar como fica)) Eu fico sentindo alguma coisa, meu pai ia me levar pra o médico que eu fico agoniada pra ficar na internet	A aluna reforça a explicação do estado físico que ela fica se estiver sem usar o computador.
235 236 237 238 239 240 241 242	Professora	Meu deus é dependência já, é uma relação de dependência já de internet, ee.. mas assim, vocês acham que, por exemplo, a criança que fica muito na frente do computador passa essas horas todas na frente do computador, nas redes sociais, ela apresenta na escola, na relação com a família, ela já apresenta algumas mudanças de comportamento? A criança? A criança sete, seis anos..	A professora nomeia a necessidade de dependência. Digo nomeia porque ela já havia feito referencia a atitude de ser dependente sem dar o nome de dependência.
243 244	Elizandra	Eu acho porque minha prima, ela tem sete anos ela sabe jogar mais GTA do que eu, fica lá matando o povo	A aluna dá mais justificativas para a professora de que influencia. J- caso 1, a prima de sete

			anos é viciada no jogo,
245	Professora	GTA é esse jogo que vocês falaram que é muito violento	A conversa sobre o tema continua. Até o momento tem sido um diálogo entre os alunos e a professora sobre o tema. (L247-261)
246 247 248	Elizandra	É é..ela não sabe nem.. quando eu to brincando com ela, ela vem me enforçar, do nada assim, ai eu dou uma tabocada nela	
249	Professora	Até a forma da brincadeira ta vendo, mudou	
250 251 252 253	Elizandra	É mudou, antes ela brincava de boneca, hoje em dia ela quer me enforçar, dá em mim ai eu pego dou uma tabocada nela e ela vai pra o outro lado ((os colegas sorriem)) é é, ela tem sete ou é oito, sei lá.	
254	Professora	Nas escolas né? As crianças já...	
255 256 257 258 259	Elizandra	Ela fala alto, não sei o que ((falando em tom mais alto tentando imitar a prima)) e fazendo assim ((levanta os braços como se estivesse se expressando também por meio de gestos)) eu digo.. menina..	
260 261 262 263 264 265 266 267 268 269	Professora	Tá vendo? E isso pode ir gerando complicações né? E ela chegar aí numa formação de um adolescente mais rebelde, mais agressivo. As crianças hoje em dia, se você comparar com são as brincadeiras das crianças de hoje em relação com as crianças de quinze, vinte anos atrás tem muita diferença, né? As crianças de hoje na escola não querem mais brincar de brincadeira simples não, elas querem brincar de luta né? Meu menino ontem mesmo antes de dormir eu disse: vou contar sua historinha, toda noite eu conto a historinha pra ele dormir, ai ontem ele disse assim: mainha vamos brincar de	A professora conta um caso particular do filho. Até o momento não aparece, nem é estimulado nenhum contra-argumento.

270		boxe? Vamos brincar de boxe e tal e pegou o lençol e enrolou	Apenas um
271		na mão ((faz como se tivesse enrolando o lençol na mão))	único
272		vamos lutar, vamos não sei o que, eu disse: você viu isso onde	argumento que
273		meu filho? Né? Porque os meninos da escola tavam fazendo	é cada vez
274		isso mainha, eles tavam brincando de boxe, de luta. O negócio	mais
275		é lutar. Tudo isso influenciado por esses jogos, né?	fundamentado
276			com casos de
277			pessoas que
			aparentemente
			foram
			influenciados
			pelos jogos e
			pela internet.
			Essa atitude
			segue até a
			linha 327
278	Elizandra	Teve um dia interessante que minha prima só brincava de	
279		boneca, normal assim ((com uma mão em frente a outra, como	
280		se fosse uma boneca brincando com a outra)) ai ela começou	
281		a entrar na internet ai lá no facebook aparece uns negócios de	
282		sexo assim subindo, tipo vírus, sabe? Aí ela tava no meu face	
283		e apareceu	
284	Professora	Quantos anos? Quantos anos?	
285	Elizandra	Ela tem sete ou oito anos, por ai. Ai ela começou a mexer aí	
286		do nada eu vi ela brincando com a boneca assim ((e esfrega	
287		uma mão na outra, todos riem)) ai eu olhei assim, eu acho que	
288		tava imaginando coisa não sei,	
289	Professora	Não tava não viu?	
290			
291	Elizandra	Ai depois que eu olhei: menina!!! ((fala em tom alto e forte	
292		chamando a menina)) bati o negócio assim ((e faz como se	
293		estivesse batendo em algo)) onde foi que tu visse isso?	
294		Quando subiu o negócio assim no teu computador, ai eu : é o	
295		que? Não fala isso nem pra vovó, visse? Ela ficou lá	
296		esfregando ((e reproduz o mesmo gesto)) ai eu menina!!! Sabe	
297		o que é isso? Ai ela: sei não mas to fazendo. Eu fiquei passada.	

298		Eu esperando que ela fosse falar pra mãe dela, já assim né?	
299		Porque se ela fosse falar eu tinha que inventar alguma coisa.	
300		Ela aprendeu isso onde? Sei não foi por ai pela rua que ela	
301		aprendeu ((hipotetizando o que falaria se a mãe da menina	
302		perguntasse algo, e todos sorriem))	
303			
304	Professora	É.. Acho que Elizandra foi , não foi Elizandra? uma coisa boa,	
305		lembrou do caso recente no Brasil.	
306	Elizandra	Marcelo	
307	Professora	Marcelo o nome?	
308		É, Marcelo [noval]	
309	Professora	E vocês acham que essa criança ela tenha sido de fato	A professora
310		influenciada por esses jogos?	quer se
			certificar se
			todos
			concordam
			com a ideia de
			que os jogos
			influenciam e
			nesse caso
			específico
			mais ainda.
311	Larissa	Com certeza	
312	Professora	Quando cometeu esse crime? Quer dizer, a polícia diz que foi	
313		ele, né? Os indícios têm encaminhado pra mostrar que foi ele.	
314		E aí vocês acham que foi isso? Que motivou o menino? José	
315			
316	Larissa	Ele já tinha, como é.. ele já tinha, deu no repórter que ele já	
317		tinha dito que queria matar os pais dele	
318	Vitória	Já tem influência também da família	
319	Larissa	Ée..	
320	Vitória	A família ensinou a dirigir, ensinou a atirar, ensinou isso,	
321		então já foi uma parte	
322	Larissa	Ée. A família já foi o jogo, praticamente ((e faz sinal de aspas	
323		com a mão esquerda)) A família já foi o jogo que ensinou a	
324		dirigir a pegar numa arma, então acho que foi.	

325	Professora	Ensinou as regras do jogo. José	
326 327 328 329 330 331 332 333 334 335	José	As meninas já falaram tudo aí, eu acho que não foram os jogos foi a própria família dele, feito a senhora citou no debate passado que eles pegaram a fotografia e analisaram a fotografia, não foi? Eles criaram riso falso, criaram não sei o que, não sei o que lá, então eu acho que não foi o jogo não, eu acho que a própria influência da família que fez ele fazer aquilo, né?! Eu acho que um jogo pode até levar uma pessoa a fazer aquilo, mas se tiver uma família muito desestruturada, uma família que não acompanhe eu acho que não.	José coloca um contra-argumento para a justificativa que está sendo apresentada até o momento, de que o jogo só vai influenciar se a família for desestruturada. Esse argumento ele já havia colocado. Apenas retomou.
336		Como a família dele..	
337 338 339 340 341	José	Porque a mãe era PM da polícia lá de São Paulo, o pai era capitão, se eu não me engano, então o menino via arma direto dentro de casa, via isso, via aquilo, aprendeu a dirigir, pra que um menino de dez anos, onze anos, doze anos.	José procura na história de vida do menino evidências, justificativas que deem suporte ao seu ponto de vista. (L3339-348)
342	Professora	Treze né?	
343 344 345	José	Treze anos, pra que ele aprender a dirigir? Pra que vai aprender a pegar numa arma? Não é necessário não. ((alguns alunos falam ao mesmo tempo, concordando com José))	

346			
347 348 349	Professora	Além, além, não é legal nem é legalizado né? Não é lícito né? Uma criança de treze anos.. fala ((aponta pra o aluno que quer falar))	A professora aparentemente concorda com José.
350 351 352	Wesley	Essa criança influenciada, pode ter sido influenciada, pelos jogos em que sentido? A maioria dos jogos que ele jogava era de assassinato	Wesley traz um contra argumento para José, enquanto que José quer tirar a influencia do jogo, wesley aponta que ele jogava e isso deve ter influenciado, principalment e pelo tipo de jogo.Principal mente por não haver restrição de idade para esses jogos. Ter a facilidade de encontrá-los na internet e baixa-los para o computador. (L352-374)
353	Professora	E esse menino jogava?	
354 355 356 357	Wesley	Jogava, e se ele foi e matou, no caso, tivesse matado a mãe e o pai a influência que os jogos deram a ele foi como esconder bem o crime, não que influenciou a matar mas sim a esconder bem os crimes, assassin's creed e o hitman que eles mais	

358		jogavam que segundo as pesquisas que fizeram são os dois	
359		jogos que eles mais jogavam, esses dois jogos tem o objetivo	
360		de assassinar aquela pessoa pra dizer que foi um acidente.	
361			
362	Professora	Esses jogos tem limites de faixa etária, assim?	
363	Wesley	Tem, na capa vem	
364	Professora	Mas vocês conseguem baixar ele livremente, assim?	
365	Wesley	Livremente, você pode baixar a hora que for, qualquer idade	
366		você pode chegar lá acha o link do download ai começa lá a	
367		baixar	
368	José	E é livremente, e para aquele jogo do GTA o objetivo dele é a	
369		pessoa ser ali o grande traficante do jogo, mandar em tudo,	
370		então o boneco vai matar o traficante pra ocupar aquela área	
371		ali, pra ser respeitado, isso ele vai pra fora do país também,	
372		volta	
373	Wesley	Tem uma parte que se jogar ai vai pra fora do país e..	
374	Professora	José, Só um minuto ((falando com Wesley, pra que ele espere	A professora
375		e ela volta pra José)), eu volto a te perguntar: sabendo de tudo	questiona se
376		isso você ainda acredita que esses jogos não influenciam o	José ainda
377		comportamento?	continua não
			acreditando na
			influencia
			depois de
			tantos casos
			apresentados.
			O objetivo da
			professora é
			convencer
			José de que
			existe
			influencia e
			foi
			construindo
			toda a sua
			argumentação
			em com esse

			objetivo. Até o momento a moderadora não assumiu novamente o seu papel.
378 379 380 381 382	José	Eu acredito que não ((fala de maneira pausada)) eu to dizendo ao meu ver, eu to dizendo pra mim, eu to dizendo pra mim, pra mim não, na minha mente não, eu joga agora e depois quando eu saio eu esqueço até o que foi que eu joguei, não fico com aquilo na mente não.	José permanece na mesma opinião inicial. Para ele não tem influencia e ele se baseia na experiência dele com os jogos.
383	Professora	Meu deus... ((fala baixo e de forma incrédula))	A professora não consegue acreditar que depois de tantos casos apresentados José ainda permaneça na mesma opinião.
384 385 386 387 388 389	Larissa	É porque tu não é tipo, viciado no jogo, porque uma pessoa viciada, você sair de casa, você tava jogando ai você para de jogar, ai você: vou comer, você já pensa no jogo, eita! tenho que fazer isso. volta! Você não é viciado, joga por jogar mesmo, ele não, jogava por necessidade, o vício, uma coisa dele.	Larisa, tenta explicar para José que o caso dele é diferente dos outros casos. Como uma forma de tentar

			convencê-lo de que em outros casos existe sim a influencia.
390 391 392 393 394		((para o debate um instante porque o vigia chega na porta para dar um recado, pede para que um aluno entregue as chaves para ele porque a irmã dele está pedindo, os colegas brincam com isso, como se estivessem interessado na irmã dele.))	
395 396	Professora	Eu não sei se o interesse é em sair da sala ou na irmã de Lucas	
397		Na irmã dele..	
398 399		((quando Lucas volta e não gosta do comentário, passa apontando para o colega como se estivesse ameaçando.))	
400	Professora	Que é isso? Olha a influência dos jogos? ((Falando alto))	
401	Aluno não identificado	Isso é GTA	
402	Professora	Não é?! GTA! Vamos lá?! Miguel falou, desculpa	
403	Aluno não identificado	Foi Larissa,	
404	Professora	Foi Larissa..	
405 406 407 408 409 410 411 412 413 414	Larissa	Eu tinha terminado já. Eu disse que José não fica pensando nisso porque ele joga por outra coisa, ele joga e pronto, outra pessoa não, outra pessoa não, outra pessoa joga vai fazer um lanche, “se sair da frente do computador” ((faz as mãos em sinal de aspas)) e fala : poxa eu esqueci de fazer essa missão, ai fica encasquetando assim, não sei, ah vou voltar pra lá, ele já não ((se referindo ao colega José)) ele joga e vai comer, outra pessoa não, come assim oh ((e faz um gesto de quem está concentrado na frente do computador))	Larissa retoma depois que foi interrompida, mas reafirma o que já havia dito., sobre a situação de José.
415 416 417	Professora	[E sinceramente] não é todos os dias, não é um hábito ainda, né?! ((falando com José)) Carla queria falar, depois José de novo.	

418	Carla	Eu tenho um playstation 3 em casa e eu zerei o GTA 4 e a	Carla apresenta um novo caso que apresenta o seu caso com os jogos de forma que fundamenta o que a professora vem defendendo (L512-556)
419		missão dele era de matar os russos e dominar uma área lá e	
420		nesse jogo você rouba carro, mata, pega prostituta, namora	
421		com muitas mulheres, namora com uma advogada porque se	
422		você for preso pra ela poder te soltar	
423	Professora	É a vida criminal completa	
424	Carla	É a vida criminal completa e em setembro vai lançar GTA 5	
425			
426	Professora	Já estás pensando nisso	
427	Carla	Já.. mas em nenhum momento eu cheguei pra	
428		[incompreensível] mas eu estou super ansiosa por GTA 5,	
429		porque vai ser o jogo do ano.	
430	Professora	E tas dizendo que já jogaste, já zeraste e tal, tu achas que isso	
431		mudou alguma coisa na tua vida?	
432	Carla	Mudou professora	
433		((a aluna responde, mas é incompreensível porque todos falam	
434		ao mesmo tempo))	
435	Professora	O que vocês acham? Carla ficou mais agressiva?	
436		((alguns colegas dizem que mudou))	
437	Carla	[Uma mensagem que passou no mundo] de não me meter com	
438		isso, acho que mudou um pouco em mim.	
439	Larissa	A mulher de GTA tem um cabelo assim também, como ela tá.	
440		((Carla faz sinal de negação com o dedo)) tem sim, tem uma	
441		mulher sim. ((a turma confirma que sim e Carla continua	
442		negando))	
443	Professora	Isto que você falou que mudou que? que você sentiu que	
444		mudou em você?	

445	Carla	Assim, a minha vista pelo mundo, porque pelo tráfico essas	
446		coisas, não me envolver, isso tal e tal. Mudou um pouco, fez	
447		eu pensar sobre drogas e também, eu acho que	
448	Professora	Então foi uma mudança positiva na sua vida	
449	Carla	Foi, mas eu acho que depende da educação do pai e da mãe	
450		[
451	Professora	Seu pai e sua mãe deixa você ficar jogando horas?	
452			
453	Carla	Deixa, mas se um pai, uma mãe tem um filho, sete, cinco anos	
454		deixa esse filho fazer isso, com certeza eu acho que ele pode	
455		mudar alguma coisa, porque minha prima, minha sobrinha,	
456		tem sete anos de idade e se eu chamo “porra” ela repete, se eu	
457		falo palavrão ela vai e repete, eu acho que o pai e a mãe super	
458		tem que estar em cima sobre isso. Sobre o que ela faz, sobre o	
459		que ela joga, sobre o que ela fala, porque se eu tô em casa com	
460		uma turma de crianças de cinco anos, eu falo “porra”	
461		“caralho” começo a dançar, eles vão repetir	
462			
463	Professora	José quer falar ainda?	
464	José	Bom, é depois de todo mundo ter falado, né?! Agora eu to	José
465		[demonstra
466		meio em dúvida na minha opinião sobre o jogo né? ((fala sorrindo))	uma dúvida sobre o seu ponto de vista diante dos tantos casos apresentados
467	Professora	Olha aí.. ((e sorri)	A professora por fim se contenta com essa mudança.
468	José	È, mas eu acho que algumas pessoas sim, algumas não. Ta	José não retira
469		entendendo? Eu concordo com ela ((aponta pra Carla)) Eu não	completament
470		deixaria meu filho de cinco, seis anos de idade que ela fique	e seu ponto de
471		jogando GTA, ai já é, aí já é um [incompreensível] diferente,	vista, mas
472		né?! Ai você pergunta: José e porque tu jogava GTA? Porque	começa a

473		eu ia sair com meus primos, ia pra uma lan house não sabia	pensar sobre
474		que eu tava jogando GTA e eu ia dizer que tava jogando GTA?	ele, diante dos
475		Mainha eu to jogando um jogo de matar, vê? Não ia dizer pra	casos
476		ela não né? Mas ao meu ponto de vista eu não deixaria meu	apresentados.
477		filho ficar jogando GTA, agora o menino dezesseis anos,	Nesse caso a
478		dezessete anos já sabe, né? O que é bom e o que é ruim	avaliação de
479			José não passa
480			pela qualidade
			dos
			argumentos
			apresentados,
			mas pela
			quantidade de
			casos
			apresentados,
			de forma que
			para ele se
			torna difícil
			negar a
			influência.
481	Professora	É de menor ainda.	
482	José	O que é bom o que é ruim, eu acho que já pode ta jogando	Ele ainda não
483		porque já ta com a cabeça formada, então eu acho que isso não	está
484		influencia nada não. Mas um menino de treze anos também,	completament
485		eu acho que, posso até ser do jogo, ainda não ta comprovado	e convencido
486		que foi ele que matou	que no caso do
			menino que
			matou os pais
			foi uma
			completa
			influencia dos
			jogos.
487	Neymar	Mas foi.	Neymar
			defende que
			sim

488	José	Mas não ta comprovado ainda, o laudo ainda não saiu, né? pode ter outras coisas que a gente não sabe. Minha opinião ta dividida algumas pessoas podem	José responde que ainda não está comprovado e diante disso ele ainda tem dúvidas.
489			
490			
491	Professora	((interrompe e pergunta se uma menina quer falar e ela diz que não))	
492			
493	Wesley	Professora, Larissa disse que aquelas pessoas que ficam, que comem na frente do computador tem uma tendência maior a fazer isso, eu por exemplo quando estou jogando eu não consigo sair de frente do PC e só sossego quando conseguir zerar aquele jogo, meu comportamento de tá batendo em alguém assim, esse negócio por conta do jogo não mudou, o jogo me influenciou em nada em querer fazer aquilo e eu vivo 24 horas em um Playstation que todo jogo que eu começo eu tenho que terminar e quando eu entro nessa, largo daqui,	A partir da fala de wesley, segue-se uma sequencia de apresentação de novos casos de comportament os que foram alterados por conta dos envolvimento com os jogos. Todos as falas são direcionadas para a professora, e todos concordam com ela e trazem casos que fundamente, sem colocar a prova os argumentos
494			
495			
496			
497			
498			
499			
500			
501			
502			

			apresentados. (L586-623)
503	Professora	Você sente necessidade? De manter?	
504	Wesley	É sinto necessidade de ta lá até o jogo terminar. E não sinto	
505		influenciado de fazer aquilo que o jogo é obrigado a você	
506		terminar aquele jogo.	
507	Larissa	Professora, eu fui pra o jogo do náutico ai eu tava vendo um	
508		menino muito alterado, né? Ai eu fui perguntar o que estava	
509		acontecendo : Olha, o que está acontecendo contigo? Tas	
510		muito alterado, ta batendo em todo mundo. Ele: ah porque eu	
511		tava jogando um jogo ai, que eu não sei falar o nome desses	
512		jogos, eu matei não sei quem, não sei quem, eu quero fazer	
513		aqui, o náutico perdeu não sei o que. Ai eu : ta bom, ai ele: eu	
514		também vi um vídeo no youtube de rolingans, roligans,	
515		hollidays, sei lá e matava todo mundo	
516			
517	Carla	É um grupo de gangue dos Estados Unidos.	
518	Larissa	Pronto, ai ele assistiu o vídeo: me inspirei, fica vendo o que	
519		eu vou fazer, ai eu ((cobre o rosto com as mãos))	
520	Professora	Misericórdia. Ai tu ficaste lá pra ver o que ele ia fazer?	
521	Larissa	Não, eu vi ele brigando com algum povo assim ((faz	
522		movimentos circulares com as mãos)) ai depois eu fui pra	
523		casa.	
524	Professora	Provocando, ele ficou provocando né?	
525	Larissa	Um pouco, brigou mesmo, oh, presta atenção, depois te	
526		mando o vídeo, quero não quero não, mas eu acho que	
527		influencia sim, pra ele falar disso.	
528	Professora	É as redes sociais gente? Vocês acham que vocês são uma	A professora
529		outra pessoa quando estão no bate papo, no facebook, vocês	retoma uma
530		tem “coragem” ((faz o sinal de aspas com as mãos)) de fazer	questão já
531		aquilo que no olho a olho no cara a cara vocês não fariam?	colocada que é
532			as redes
			sociais. E o
			argumento
			continua
			sendo o

			mesmo, dificulta o envolvimento interpessoal de forma real, ficando apenas no virtual. O movimento continua sendo de busca por fundamentos a fim de convencer o interlocutor. (L624-663)
533 534	Elizandra	Facebook é outra vida. ((alguns afirmam que sim todos juntos.))	
535 536	Professora	Vocês criam essa personalidade ((todos falam juntos)) , Shii, colega falando, vamos ouvir a opinião.	
537 538 539 540	Andrea	Se expressa melhor do que na frente da pessoa, quando você ta de cara a cara com a pessoa, você fica assim meio mais ou menos quando você [incompreensível] você bota tudo que tem na cabeça;	
541 542 543	Neymar	Ytalo, Ytalo ((e começa a sorrir)) Ytalo chamou uma menina pra casa dele e perguntou se a menina era mulher, no facebook.	
544	Ytalo	Tu é gay ?	
545 546	Professora	Pessoalmente, talvez, ele não tivesse coragem de fazer isso.	
547	Ytalo	Vou lhe queimar viu?!	
548	Neymar	Foi não?!	
549	Professora	Eita!!! ((falando alto)) Bora ouvir, colega ali, Andréa.	
550	Andrea	[incompreensível] ((todos falam juntos))	
551 552	Carla	Tem um menino aqui da escola que ele gosta de mim, toda vez ele solta o verbo	

553	Professora	Quando chega aqui ele ..		
554	Carla	Quando chega aqui ele fica muito calado ((abre os braços como se tivesse sobrado)) eu acho que o face ajuda demais. Facebook ajuda demais		
555				
556				
557				
558	Professora	Você também precisa ajudá-lo		
559	Carla	Eu até puxo assunto pessoalmente, mas pelo face ele que puxa comigo. Ele é totalmente diferente, no facebook e pessoalmente.		
560				
561				
562	Professora	Ele muda o comportamento dele no facebook. Sim, diga, quem ia falar? Elizandra		
563				
564	Elizandra	Não, eu ia falar que ela pessoalmente ((referindo-se a Carla)) É mais assim ((faz um gesto de ser uma pessoa pra frente)) com atitude feminina, mas pela internet é diferente, é outro mundo que ela vive lá.		
565				
566				
567				
568	Professora	Mas vocês acham que depois que vocês começarem a participar mais das redes sociais, vocês tiveram mais assim, perdeu mais a timidez? Mudou alguma coisa no comportamento de vocês na interação com o outro?	A professora continua sua busca por fundamentos com os alunos e alguns correspondem de forma positiva, contando exemplos da vida pessoal ou de colegas. (L664-672)	
569				
570				
571				
572	Wesley	Sim..		
573	Professora	Mudou o que?		
574	Wesley	Mudou de algumas pessoas tem, não consegue se expressar olho no olho, mas virtualmente ela consegue se expressar com mais facilidade, isso é fato		
575				
576				
577	Professora	E depois de se expressar com mais facilidade? Virtualmente, você acha que isso nela também já vai ajudando	A professora, que até o	
578				

579			momento só tinha colocado aspectos negativos, reconhece que pode haver aspectos positivos com o uso da redes sociais. Esse movimento é importante porque levou a uma reflexão sobre as bases do seu ponto de vista.
580 581	Wesley	É já vai ajudando a se comunicar melhor com outras pessoas de outro grupo que não se conheciam antes.	
582 583 584	Professora	Mas será que ajuda mais ou atrapalha mais? Prejudica mais o comportamento da pessoa essa relação fria de internet.	A professora questiona polarizado, seria mais positivo ou negativo. Eles concordam no momento que influencia, e a questão se torna como influencia. Os alunos respondem que pode existir das duas formas e

			justificam por meio de casos tanto para um lado como para o outro. (L681-694)
585 586 587 588 589 590 591 592 593 594 595 596 597 598 599 600 601	José	Depende professora, eu acho que ajuda né? Mas voltando aquela [tinha] tem muita gente aqui que fala comigo no facebook, tem menina aqui que já falaram muita coisa pra mim no facebook, mas quando passa por mim é ((faz um gesto de baixar a cabeça)) eu fico olhando assim e digo, oxe, no facebook ela ((faz gesto novamente de baixar a cabeça)) passa de cabeça baixa não dá nem um bom dia, oxe, porque no facebook é: José, não sei o que não sei o que ((imitando a voz feminina)) e aqui na escola é ((novamente faz gesto de baixar a cabeça)) não dá nem um bom dia, quando olha assim ((e faz um gesto de um olhar de lado)) e ainda tira o olhar, não entendo, aí tenso né?! Tem liberdade de expressão no facebook, a pessoa acha que pode achar qualquer coisa lá e mandar, pessoalmente. Eu mesmo eu já escrevi, professora, muitas coisas, né? Que eu não tinha coragem de falar pessoalmente.	
602	Professora	Ai você conseguiu	
603 604	José	Ai eu consegui através do facebook né? expressar, dizer o que eu tava sentindo naquele momento.	
605 606 607 608 609 610 611 612 613 614	Wesley	E professora, eu acharia que internet poderia ser mais seguro porque existe vídeos no youtube que influenciam o jovem a fazer o que não deve e alguns vídeos são censurados é, aparece lá pra você se inscrever com sua conta do Google e aquela conta vai dizer se você é maior ou menor de dezoito anos, mas tem como falsificar a sua idade, tem. Não é muito seguro, você chega lá tem que é maior de dezoito anos e cadastra-se e quando na verdade é pra ser mais seguro e censurar mesmo aqueles vídeos, tipo, não ta lá aqueles vídeos, tirar vídeos do youtube, alguns anúncios que incentivam as pessoas a fazer o	

615		que não devem. Era pra bloquearem, pra tirar os vídeos que	
616		postam na internet e rapidamente, esses famosos mesmo,	
617		quando postam coisas na internet os repórteres, os paparazzis	
618		colocam as coisas deles na internet eles vão rapidamente	
619		querer tirar, aí logo tiram, sobre aqueles famosos num instante	
620		tiram, agora quando é pra influenciar crianças e jovens a fazer	
621		o que não devem, eles não conseguem tirar, eles não, eles	
622		inventam uma desculpa que não conseguiu tirar, mas na	
623		verdade é muito fácil de tirar pra eles, tem muita facilidade	
624		pra tirar aquilo e acho que também, se a internet ajudasse,	
625		fosse mais segura, não existiriam os casos como existem hoje	
626		no país todo pra.. de assassinato, esses negócios que são	
627		influenciados por jogos e pela internet	
628			
629			
630	Professora	Você acredita nessa influência, José nem tanto. Rayane	A professora, reconhece que existem pontos de vistas diferentes, mas não os explora de modo que os mesmos dialogem, todo o debate foi buscando mais fundamentos para o que ela acreditava. A professora solicita de uma aluna que já se

			posicionou seu ponto de vista sobre o tema.
631	Rayane	Eu já falei professora,	A resposta dela é que ela já se posicionou.
632 633 634	Professora	Mas em relação a internet, não só aos jogos digitais, mas a internet, tu achas que.. tinha acesso a isso, participa dessas atividades?	A professora insiste e diz que quer saber a opinião dela em relação ao tema da internet. Questiona se ela tem acesso e participa.
635 636 637	Rayane	Muito pouco, hoje, muito pouco, antigamente eu era muito viciada, eu ficava no computador horas, não saía, não ia ao banheiro	A aluna responde que muito pouco e fala da influência que a internet tinha na vida dela, (L700-709)
638	Professora	Alterou seu comportamento, até seus hábitos	
639 640 641 642 643 644	Rayane	Agora eu não fico mais não porque eu tava influenciada por aqueles jogos eu parei de ir pra escola, parei de tirar notas altas, minha mãe automaticamente cortou aquilo. Acho que só influencia dependendo de cada pessoa. Eu ainda acredito que só influencia quem quer, a mim mesmo não influencia não.	
645 646	Professora	Juliana que é a mediadora, tava aqui perguntando, eu posso falar? Eu posso falar?	A mediadora, pergunta a professora se

			pode falar no debate. No decorrer do debate a professora ocupou o papel que era da moderadora. E a professora coloca para os alunos a pergunta de Juliana.
647 648 649 650	Juliana	Meu pai tirou a internet de casa porque eu e meu irmão tava muito viciado, aí meu pai pegou e cortou a internet, porque a gente ficava direto e só ia colocar de volta quando a gente parasse de ficar [incompreensível]	Novos casos são apresentados, de como os pais regulam a atividade dos filhos na internet ou de como o uso dos jogos e da internet modificaram o comportament o deles. (L712-729)
651 652 653 654 655 656 657	José	Minha mãe, a gente não passa de meia noite na internet não, que que ela fez pra não deixar, porque eu ficava no computador a noite todinha e ia pra escola no outro dia de manhã. Ela pegou o wifi, botou no quarto dela, né?! Quando ela vai dormir, justamente, ela desliga o wifi. ((e faz um gesto de puxar a tomada)) fico sem o wifi, ta entendendo? Ai corta a internet, aí como que a pessoa, eu fico tão arretado	

658		professora, a gente tá no facebook conversando ai ela puxa a	
659		internet ai eu vou lá no quarto dela, mainha liga o wifi	
660		rapidinho, aí ela: to dormindo já posso ligar não. Dá uma	
661		raiva. ((todos sorriem)) dá uma raiva tão grande, então isso aí	
662		tem que ser controlado, se os pais controlarem isso eu acho	
663		que ele pode fazer, jogar normal, depende do controle	
664			
665	Professora	É mas veja, influencia e modifica os seus hábitos de vida, né?	A professora
666		Muda seu horário de dormir, as vezes você nem dorme, né?	utiliza esses
667		Faz você se tornar mais sedentário de ficar só sentado na	casos a seu
668		frente do computador, em vez de ta saindo, ta caminhando, ta	favor, ao
669		indo a um parque uma praia, você ta sentado ali, vivendo	utilizar o “mas
670		aquele mundo que eu acho que a maioria de vocês citou aqui	veja,
671		que é um mundo, esse mundo virtual que parece que te dá mais	influencia” ela
672		poder, se sente mais forte quando está ali dentro, você tem	quer mostrar
673		coragem de dizer coisas, de fazer coisas que na realidade não	para os alunos
674		é, né? E ai tem gente que gosta tanto de ta vivendo esse	que existe uma
675		personagem que acaba de fato se excluindo da convivência	influência.
676		com o outro, né?! desse mundo real, isso é perigoso. Quem	Novos casos
677		aqui que tinha pedido pra falar? Roberta? ((alguém diz que ela	aparecem (
678		dormiu))	L730-786)
679			
680			
681	Roberta	Eu não to dormindo não.	
682	Professora	Foi internet até altas horas ontem? ((alguns colegas dizem que	
683		sim)) Que que tu acha Roberta? Tu acha que isso influencia?	
684		Os jogos? A internet?	
685	Roberta	((mexe a cabeça dizendo que não))	
686	Professora	Nada, nada?	
687	Roberta	((não fala e continua dizendo que não, Larissa olha e não gosta	
688		do comportamento de Roberta que está bem desinteressado. E	
689		faz, Oxeeee,))	
690	Professora	Depois da gente vê todos esses exemplos que vocês trouxeram	
691			
692	Elizandra	Eu ainda	
693		[incompreensível] fica o tempo todo lá, como o meu quarto é	

694		o último da casa aí fica tudo escuro aí só fica a luz do	
695		computador na minha cara, né? Ai quando eu saio chega dá	
696		uma dor na visão, o olho chega fica assim ((e mostra como é	
697		quando a pessoa sai do escuro e vai pra luz)) parece um	
698		morcego que só vive no escuro	
699	José	Depois de duas horas que tem que descansar meia hora, são	
700		duas horas de computador ai descansa, se não a vista fica	
701		doendo	
702	Elizandra	Chega dá uma dor.	
703		Tem um jogo no celular que a pessoa ensina a fumar maconha	
704		ai a pessoa fica fazendo	
705	Professora	Um jogo que ensina a fumar?	
706	Larissa	Ai pega bota assim o negócio ((e coloca as mãos na frente da	
707		boca como se estivesse segurando algo))	
708	Elizandra	É bem direitinho, bem certinho mesmo, a pessoa machuca	
709		assim ((e mostra como se estivesse machucando algo	
710		pequeno)) aí vira, aí bota a boca ((e coloca o celular na boca,	
711		mostrando como se faz.)) Ai a fumaça sai, como se estivesse	
712		fumando. Acho que isso lhe influencia muita coisa. Ensina a	
713		pessoa a fazer. E tem pó também, ensina a pessoa a cheirar pó.	
714		((e coloca o celular no nariz.))	
715			
716	Carla	Eu tenho um jogo em casa, no computador que é o the sims,	
717		quando eu entro nele eu não saio, só quando mainha manda,	
718		alguém manda. Porque esse jogo ele você pode construir sua	
719		família, com seu nome, o nome que você quiser, constrói sua	
720		família e você dá comida a ela, bota pra trabalhar, você morre,	
721		você pode ter filhos, pode fazer sexo, tudo que você quiser.	
722		Você bota seu nome. ((por um instante todos comentam juntos	
723		do jogo))	
724			
725	Larissa	Ah, é ótimo!	
726	Professora	Juliana ta encerrando o debate agradecendo ai a participação	A professora
727		de todo mundo, hoje eu dividi o papel de mediadora e ao	encerra o
728		mesmo tempo de debatedora com Juliana, a gente meio que	debate falando
729		quebrou hoje as regras do gênero aí, mas foi interessante, né?	por Juliana,

730 731 732		Repensem, né?! Pegar o conselho do pai de Elizandra e dizer: vá viver, né?! Vá viver realmente	ela reconhece que as regras foram quebradas, mas que a atividade foi interessante, de forma que quebrar as regras não impediu que atividade não ocorresse.
733 734	Elizandra	Mas eu comecei logo a sorrir quando ele fala que o mundo não gira em torno da internet	

APÊNDICE C - Protocolo 5 - 2º Debate Crítico

Convenções de transcrição:

“xxxxx”	Citações de fontes
((xxxx))	Comentários descritivos da aula
[xxxxxx]	Hipótese do compreendido
[incompreensível]	Incompreensível
...	Prolongações nas sílabas
[Sobreposição da fala

Descrição da aula:

Antes de iniciar a aula a turma se organizou em três círculos pequenos que são os respectivos de cada grupo. Quando aula iniciou trinta minutos foram separados para que os grupos relembassem o que haviam estudado, e compartilhassem com os colegas do mesmo grupo as informações que foram trazidas de casa e assim preparassem os argumentos que seriam utilizados no debate. A professora titular da disciplina passou em cada grupo para ver se existia alguma dúvida com relação ao conteúdo. Após isso, eles escolheram três representantes de cada grupo para debater. Foi escolhido na turma um aluno para cronometrar o tempo. A pesquisadora colocou no quadro as fases e as regras do debate e coordenou o debate. O tema escolhido para o debate foi: o aborto tendo como pergunta: o aborto deve ser legalizado? Na aula anterior ao debate, a pesquisadora apresentou o conceito de tipos de informação presente em um argumento e a importância desse tema na hora de construir um argumento, no início da aula. Logo depois a professora introduziu o tema e dividiu a turma nos três grupos para que o preparo para o debate tivesse início.

Transcrição e Análise:

01	Pesquisadora	Vamos lá?! Vamos começar?	
02	Pedro (B.I.)	Bem, bom dia, nós somos a bancada afirmativa, ops,	Bancada com a função de contextualizar o tema e de avaliar o debate. Na contextualização eles trazem a
03		investigativa e nós vamos avaliar o debate sobre o aborto.	
04		Aborto deriva da palavra latina [incompreensível] que	
05		significa interromper, é o ato de interromper uma gravidez	
06		expelir um feto e a esse feto nós damos o nome de aborto,	
07		ele que é o aborto em si. No Brasil, o aborto só é legal nos	
08		casos de estupros e no caso de bebês anencéfalos que	
09		podem, que tem um tempo de vida bem curtinho, nasce sem	
10		cérebro. Aborto, ele pode ser espontâneo ou induzido. No	

11		caso do aborto induzido no Brasil dá pena, dá cadeia porque	definição da
12		a gente não tem o direito de tirar uma vida, a gravidez ela	palavra aborto
13		não pode ser interrompida por meios ilegais e o aborto por	e como o
14		meio legal e o aborto espontâneo, quando perde o bebê por	mesmo é
15		causas naturais ou quando é tirado por um meio de decisão	tratado no
16		judicial. A gente vai avaliar o debate nos seguintes pontos	Brasil.
17		quem argumentou melhor, quem melhor respondeu a crítica	Apresentam
18		do outro e quem concluiu melhor	também as
19			regras do
20			debate. As
			regras não
			foram
			apresentadas
			de forma
			completa mas,
			ainda assim,
			foram
			contemplado
			aspectos
			críticos (L19) e
			dialógicos.
			(L19-20)
21	Pesquisadora	Nesse momento a bancada afirmativa terá até dois minutos	
22		pra colocar seus argumentos a favor do tema.	
23	Willian	De acordo com o filósofo [incompreensível] o aborto	O ponto de
24	(B.A.)	autônomo da mulher deve ser respeitado porque se ela	vista já fora
25		engravidou e não quer ter o bebê, por exemplo se ela foi	definido
26		num hospital e não pode abortar ai ela pode chegar em casa	anteriormente,
27		e tentar tirar o bebê, isso pode dar risco de vida pra ela, ela	porque a
28		pode morrer de acordo com o que ela tentou fazer, tomando	posição de
29		remédio, usando drogas, fazendo algo pior	cada bancada,
30		[incompreensível]	a favor ou em
			contra o tema
			já havia sido
			definida. A
			bancada

			afirmativa defendia que o aborto deveria ser legalizado e procurou fundamentos para sustentar esse ponto de vista. Justificativa: pode evitar mortes das mães que abortam de forma ilegal (L26-30)
31	Pesquisadora	Ok?	
32	Willian (B.A)	Ok	
33 34	Pesquisadora	A bancada negativa agora tem dois minutos pra falar seus argumentos.	
35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46	Rahyssa (B.N)	(os membros da bancada conversam entre si antes de começarem a falar.) Bom, é, você falou que se ela teve um filho, se ela engravidou e não quis ter esse filho então ela pode abortar. Porque que ela pode abortar? Se ela quis engravidar, então ela poderia muito bem se preservar e não ter esse filho, então foi do gosto dela engravidar passar os nove meses com o bebê na barriga [incompreensível] e mesmo assim ela não tem esse direito de tirar uma vida porque do mesmo jeito que ela pode tirar a vida dela antes ela ta tirando a vida do filho dela e ela também poderá morrer.	A bancada possui o ponto de vista já pré-definido: o aborto não deve ser legalizado. Contra-argumenta recuperando o que a outra bancada colocou: (L36-38) e justifica 1 (L43-46) ela

			não tem o direito de tirar a vida do bebê. Ela pode morrer também.
47 48 49 50 51 52 53 54	Hadassa (B.N)	E mesmo que seja só [incompreensível] da barriga dela, ela tem que ter consciência ele pode ser pequeno, ele pode ser retirado, mas ele é também um ser humano, ele tem direitos igual a mim [incompreensível] ele tem os mesmos direitos de uma pessoa como nós. Não só somos nós que somos grandes que temos direitos não, ele também tem o direito dele [incompreensível]	Justificativa 2: (L49-50) ele é um ser humano e justificativa 3 (L51-54): tem o mesmo direito que nós
55 56	Ana Lúcia (B.N)	Se ela não quis ter esse filho porque não usou preservativo, usar camisinha [incompreensível]	Contra-argumento: usar camisinha previne a gravidez.
57 58 59 60 61 62 63 64	Hadassa (B.N.)	E mesmo que ela não quizesse ter esse filho, ela poderia muito bem esperar porque quando o bebê nasce existem lugares que pode deixar. Quantas pessoas estão na fila esperando, quanta gente quer ter e não pode ter e fica na fila esperando pra ter um enquanto tem muita gente por ai se matando, ou fica dando bebês pela rua esperando que ele morra porque não pode cuidar. [incompreensível]	Justificativa 4: Ela pode doar o bebê (L58-67)
65 66 67	Rahyssa (B.N)	[incompreensível] cuidando de crianças [incompreensível] que querem adotar, põe em uma instituição, poxa, deixa lá ai vem uma família e cuida	
68 69 70 71 72 73	Pesquisadora	Então agora a bancada, alias, as duas bancadas tem um minuto pra se organizar pra próxima fase e ai o colega se quiser pode vir aqui ajudar ta? ((depois de um minuto)) Pronto? Vamos retomar? A bancada positiva tem até dois minutos pra colocar novos argumentos.	

74	William (B.A)	Bom, você falou que se ela não quizesse ter o bebê ela	Bancada
75		poderia não ter engravidado e ter usado a camisinha, certo,	afirmativa
76		mas tem muitos casos ocorridos pela gravidez indesejada,	responde aos
77		no caso, a camisinha pode ter estourado e ela não percebeu,	contra-
78		pronto, ai ela não quer ter esse bebê, muitas vezes a mulher	argumentos
79		morre por causa do aborto [incompreensível] no caso tem o	apresentados
80		risco de vida, se por exemplo, a gravidez indesejada, ela não	pela bancada
81		queria ter esse bebê, ok ela tentou alguma coisa pra matar o	afirmativa:
82		bebê, pronto, ela pode estar correndo risco de vida, isso no	Resp. 1 –
83		caso se não for legalizado o aborto dela, ela pode procurar	Camisinha
84		uma casa que aborta clandestinamente e ela pode ta	pode
85		correndo risco de vida tentando tirar o bebê, e não	estourar.(L77-
86		cumprindo com a lei, certo, ela não está cumprindo com a	78)
87	lei, mas ela não quer ter esse bebê, vai que ele tem um	Reafirma o	
88	problema desde pequeno. Eu tenho uma pergunta pra fazer,	ponto de vista	
89	já pode ser cientificamente comprovado que o bebê já tem	acrescentando	
90	vida após apenas alguns dias do que aconteceu?	uma nova	
91		justificativa	
92		Resp. 2 – A	
		mãe corre risco	
		de vida ao	
		tentar tirar o	
		bebê em	
		clínicas	
		clandestinas	
		(85-87)	
		Antecipa	
		contra-	
		argumento e	
		responde: Ela	
		não cumpre o	
		que a lei diz.	
		(L88)	
		Resposta: Mas	
		ela não quer ter	
		o bebê.(L89)	

			Acrescenta uma nova justificativa: O bebê pode ter problemas. (L89-90)
93	Pesquisadora	Terminou? 30 segundos;	
94 95 96 97 98	William (B.A.)	Na verdade, no caso do estupro, ela engravidou de um estuprador, ok. Ai no caso ela não pode abortar mas se ela, como é? ((falando com o colega ao lado)) se ela não abortar o feto vai nascer sem pai, [como vai ser a vida desse menino?]	Apresenta uma nova justificativa: Em casos de estupros o bebê nasce sem o pai (L97-98)
99 100	Pesquisadora	Ok? Então a bancada negativa tem dois minutos pra colocar os argumentos.	
101 102 103 104 105 106 107 108 109 110 111 112 113 114 115 116 117 118 119	Rahyssa (B.N)	Eh, em caso de estupro no Brasil é legalizado o aborto ou.. é, em caso de estupro, é tipo, a mulher foi estuprada ela não vai querer, ela não vai querer um filho que.. não dá gosto pra ele o filho, então ela pode sim abortar os filhos que no caso de estupro, e você falou no caso da camisinha estourar, mas existem várias pílulas para as mulheres tomarem, o homem podeee.. e que não vai fazer diferença porque a mulher não vai engravidar, existe pílula e existem injeções que evitam isso, não que permitam o aborto mas que evitem a gravidez. E você disse que se ela não quiser esse filho ela pode ter o aborto de fundo de quintal, mas antes dela fazer isso tirar a vida dela e a do bebê existem [médicos concentrados] que fazem isso e ela deveria procurar porque, tudo bem, ela não quer mais o bebê, mas eu acho que tirar a vida dela e tirar a vida do bebê já é inconseqüente demais, ela poderia muito bem procurar um médico e [incompreensível] porque tirar a sua vida e ainda por cima a da criança você disse que por volta de poucas semanas o médico pode, gente ele ta alí, ele ta vivo ele pode não pode	Bancada negativa responde: Resp. 1 – No Brasil o aborto já é permitido em casos de estupro. (L101-105) Resp. 2 : retoma a justificativa para responder (L106) existem outros métodos como a pílula que só depende da mulher (L107-111)

120		sentir, mas ele cresce, se desenvolve, se ele não fosse uma	Resp 3:
121		coisa viva ele não precisa se desenvolver ali dentro,tanto	Retoma (L111)
122		que a gente passa nove meses esperando pra que ele nasça.	Sobre o aborto
123		E [incompreensível] disso que ele tem duas semanas ele	fundo de
124		não está no momento pronto, [incompreensível] pode não tá	quintal, e
125		vivo e daí, ele vai crescer, não vai? Pode passar nove meses	responde
126		mas ele vai tá ali, ele vai crescer.	(L120) Ela
127			deveria
128			procurar um
			médico e não
			colocar em
			vida a sua vida
			e a vida do
			bebê.
			Resp. 4: O
			bebê já está
			vivo nas
			primeiras
			semanas (122)
			e fundamenta
			(L123-124) ele
			cresce, se
			desenvolve e
			isso não
			aconteceria se
			não tivesse
			vida.
129	Pesquisadora	Então agora novamente as bancadas tem um minuto pra se	
130		organizar e se alguém quiser ajudar, pode. ((após um	
131		minuto)) Gente terminaram? Agora é o último momento da	
132		bancada afirmativa e ai dois minutos pra falar e depois dois	
133		minutos a bancada negativa continua.	
134			
135	William	Tem uma lei que proíbe o aborto, mas no [incompreensível]	A bancada
136	(B.A.)	ela pode transgredir essa lei, no caso vão ser prejuízos	reafirma a
137		nefastos a vida dela, a saúde dela, se o bebê estiver	justificativa

138 139 140		prejudicando a vida da mãe e de repente se ele nascer e a mãe morrer ele ia morrer junto né? É melhor perder uma vida do que duas.	inicial do prejuízo a vida da mulher e da criança e não responde aos contra-argumentos apresentados.
141 142	Hadassa (B.N.)	Mas se ela quer tanto saber.. ((uma participante da bancada sinaliza que ainda não é o momento de falar))	Um participante da bancada fala no momento em que não é sua hora, mas é chamada atenção por uma colega da bancada. A colega chama atenção para as regras de que deve-se respeitar o tempo.
143 144 145	Pesquisadora	Terminou? ((referindo-se a bancada afirmativa)) então a bancada tem dois minutos pra falar ((referindo-se a bancada afirmativa))	
146 147 148 149 150 151 152 153 154	Hadassa (B.N.)	Mas se ela quer.. Patricio falou que esse bebê pode prejudicar ela, mas ela tem que ir no médico, ela tem que se cuidar, tem que saber quantas semanas, nas primeiras semanas se o bebê vai crescer, se tem alguma doença, se [incompreensível] porque se ele tiver ela vai descobrir logo porque depois é como você falou vai perder duas vidas. Existem médico, medico é pra isso, o médico não passa seis anos na faculdade estudando pra chegar la num consultório sentar na frente de uma televisão e não fazer nada, ele é	A bancada reafirma sua posição inicial de que a mulher deve procurar um médico e evitar danos a sua saúde e a saúde

155 156 157 158		<p>pago pra isso, pra falar , pra examinar você, pra dizer se pode, se não pode, se o bebê vai lhe prejudicar. ((um participante da bancada cochicha com a outra por alguns instantes))</p>	<p>do bebê. E acrescenta: o médico passou muito tempo estudando e tem condições de dizer se o bebê está bem ou não de saúde. (L155-161)</p>
159 160 161	Pesquisadora	<p>Ok? Então agora cada bancada tem direito a perguntar uma pra outra lembrando que a pergunta é se você não entendeu algum argumento.</p>	<p>A pesquisadora relembra qual é o objetivo da pergunta, e cognitivamente eles são forçados a fazer uma síntese.</p>
162 163 164 165 166 167	William (B.A.)	<p>Se o bebezinho não é um ser humano e se descobrir que ele tem algum problema no sexto mês e vai prejudicar a vida da mãe é melhor tirar do que perder a vida dos dois. E no seu caso se você tivesse engravidado indesejadamente, você abortaria? Ou teria o filho?</p>	<p>Nesse momento a bancada reafirma a justificativa e a pergunta é feita para o lado pessoal e não a um argumento que tenha sido mobilizado anteriormente. (L169-170)</p>
168 169 170	Hadassa (B.N)	<p>[incompreensível] a culpa não foi minha, a culpa não é dele, a culpa não é dele, ela tinha que saber mais, eu tinha que aprender que é responsabilidade minha, se ele tá ali é pra eu</p>	<p>A bancada por sua vez, não responde a</p>

171		cuidar não é pra eu fazer como uma mulher que teve um	pergunta, mas
172		filho colocou a criança numa sacola plástica e jogou o	utiliza esse
173		menino fora, uma pessoa achou e ta cuidando dele, tem um	momento para
174		monte de gente querendo adotar. E nós mulheres que	reforçar e
175		engravidamos [incompreensível] na minha opinião	desenvolver o
176		[incompreensível] existem muitas mulheres por ai que	argumento de
177		esperam nove meses tem aquele filho e dão pra os orfanatos	que é melhor
178		pra esperar outra família vir cuidar, ela não quis cuidar, mas	ter e dar do que
179		tem uma mulher que quer cuidar, vai ter condições de	abortar o
180		cuidar, ela pode pensar assim eu vou ver meu filho não vai	bebê.(L198)
181		ter um futuro, mas eu sei que tem uma família que pode dar	
182		um futuro pra ele. Então vou esperar pelos nove meses, vou	
183		agüentar a dor do parto mas vou ver que no futuro ele vai	
184		ser alguém na vida e vai ter algum futuro, não comigo, mas	
185		vai ter um futuro com outra família, mesmo eu não	
186		querendo. [incompreensível]	
187			
188			
189	Pesquisadora	Vocês agora podem perguntar pra eles. Se não tiver não tem	
190		problema. Não tem pergunta? Então ta. Então agora vocês	
191		tem dois minutos pra organizar a conclusão ta? ((passado os	
192		dois minutos.)) pronto? A bancada afirmativa agora vai	
193		enunciar sua conclusão, ta?	
194			
195	William	Vê só, no Brasil os abortos clandestinos eles ocorrem de	A bancada
196	(B.A.)	dois a três milhões de aborto por ano. Se o aborto fosse	neste momento
197		legalizado isso não teria acontecido tanto que em 1978 a	coloca novas
198		OMS, organização mundial da saúde declarou que no Brasil	justificativas e
199		foi em primeiro lugar, foi campeão de aborto clandestino se	responde a
200		o aborto fosse legalizado, no caso, isso não teria acontecido,	justificativas
201		foram mais abortos clandestinos do que nascimentos. No	colocadas pela
202		caso nasceram 2,77 de crianças num ano e o dobro disso só	bancada
203		foi de aborto clandestino. Se o aborto fosse legalizado no	opositora. Just.
204		caso, como ela falou a mulher não teria[incompreensível].	1: (198-204) O
205		E adoção não é uma boa escolha, porque na maioria das	número de
206			aborto

207 208		vezes a criança pode ser maltratada ou se não, nem pode ser adotada	clandestino no Brasil é maior que o número de nascimentos. Resp. 1 : (L209-211) A criança pode não ser adotada e pode ser maltratada.
209 210	Pesquisadora	Então agora a bancada negativa pode fazer sua conclusão.	
211 212 213 214 215 216 217 218 219 220 221 222 223	Rahyssa (B.N)	[Como eles falaram o aborto pode ser considerado uma prática desumana, que o aborto é melhor do que ter, que o aborto é uma escolha,]Bom, nós somos contra o aborto porque não adianta, nem um ser humano tem o direito de tirar a vida de nenhum ser humano se ta ali é porque quer então assim, segue sua vida, tenha o seu filho e espera até os nove meses e ele vai se gerar e mesmo e mesmo você não cuidando, dá pra alguém, até um familiar seu mesmo irá cuidar e mesmo ele não querendo, se outro familiar seu viu que você não teve condições de cuidar, ele vai querer dar o melhor, vai querer ser como uma mãe, como uma família pra ele, vai querer ser um incentivo.	A bancada neste momento retoma as justificativas que eles colocaram ao longo do debate. Just. 1 : (L217-219) ninguém tem o direito de tirar a vida de ninguém. Just. 2: (L222) Pode dar a criança para alguém. Diante de tudo, reafirmam seu ponto de vista de ser contra o aborto (L217).
224 225	Pesquisadora	Os juízes vão se juntar com o grupo pra avaliar e daqui a pouquinho trazer a conclusão.	

226	Pedro (Juízes)	Bem, primeiramente eu queria parabenizar os dois grupos.	Os juízes
227		As duas bancadas na parte de argumentação foram bem,	conseguem
228		usaram argumentos que eram fundamentados responderam	identificar
229		aos argumentos da bancada oposta, então ficou bem	aspectos
230		acirrado a disputa por meio dos argumentos. Nas perguntas	importantes
231		os dois grupos colocaram novos argumentos, nós não	como a
232		podíamos [incompreensível.] já na conclusão o que pesou	diferença entre
233		foi que o grupo da bancada afirmativa colocou um novo	um ponto de
234		argumento e não deu uma solução para o problema, eu não	vista e um
235		vi explicitamente uma solução para o tema aborto, já o	ponto de vista
236		grupo [incompreensível] deu uma solução plausível,	fundamentado
237		aceitável e conseguiu ponderar os argumentos, então hoje	e o diálogo
238		com o tema aborto a bancada negativa ganhou.	entre os
239			argumentos. O
240			que fez com
			que os juízes
			decidissem
			pela vitória da
			bancada
			negativa foi a
			conclusão que
			conseguiu dar
			uma solução
			para o tema
			diante dos
			argumentos
			levantados.

APENDICE D - Protocolo 6 - 3º Debate Crítico

Convenções de transcrição:

“xxxxx”	Citações de fontes
((xxxx))	Comentários descritivos da aula
[xxxxxx]	Hipótese do compreendido
[incompreensível]	Incompreensível
...	Prolongações nas sílabas
[Sobreposição da fala

Descrição da aula:

Na aula anterior a esse debate, a pesquisadora, lembrou aos alunos os conteúdos de argumentação, como o que é um argumento, os tipos de informação e falou uma das formas de avaliar a qualidade dos argumentos, baseado na escala de avaliação de Govier. A professora trabalhou o tema do debate que foi sobre as cotas raciais. Para isso ela utilizou textos pesquisados da internet, texto do livro didático e arquivos pessoais. Na aula seguinte, nos primeiros trinta minutos da aula, os alunos se dividiram em seus respectivos grupos para iniciar o preparo para o debate, preparo este que consistia em selecionar os argumentos, os contra-argumentos e possíveis respostas, que poderiam surgir no momento do debate. Logo em seguida, o debate aconteceu como estava previsto. A pergunta do debate foi? As cotas raciais devem ser instituídas nas universidades federais brasileiras?

Transcrição e Análise:

01	Pesquisadora	Vamos lá?! Pode começar.	
02	Hadassa(BI)	((estão em pé em frente ao quadro e falam para todos)) O	A bancada investigativa tem a função de contextualizar e apresentar alguns argumentos e apresentar o impasse. A única função cumprida é a contextualizaçã
03		tema de hoje é as cotas raciais. As cotas raciais são números	
04		de vagas que são reservadas para um número específico de	
05		alunos. As cotas raciais surgiram na década de 1960 e elas	
06		são classificadas pelo conselho regional como uma forma	
07		de acabar com o preconceito contra as pessoas e incluir ai	
08		[incompreensível]	

			o. (L03-08) o aluno por meio desse momento tem a possibilidade exercitar a pesquisa e a busca por informações de qualidade para o debate.
09 10 11 12	Rahyssa (BI)	Hoje a gente vai estar procurando a equipe que tem melhores argumentos, respondendo as perguntas de acordo com o tema e uma conclusão ponderada ((voltam para os seus respectivos lugares))	Essa bancada também tem a função de juiz, as regras do debate são apresentadas, são elas: apresentar melhores argumentos, responder as perguntas de forma correta e fazer uma conclusão ponderada. As regras apresentadas não estão completas, a fala de Rahyssa mostra o grau de apropriação das regras pela

			<p>bancada, aspectos como o cumprimento do tempo e o diálogo entre as bancadas é deixado de lado. Mas ainda assim, aspectos que são cognitivos são apresentados, como fundamentar o ponto de vista da melhor forma, e ter em consideração o que o outro fala para fazer a conclusão, avaliar a qualidade dos argumentos.</p>
13 14	Pesquisadora	Agora a bancada afirmativa tem até dois minutos para colocar os argumentos.	
15 16 17 18 19 20 21 22 23	Pedro (BA)	Bem, é inegável que a educação pública no Brasil ainda é inferior a educação privada. Desde as primeiras séries até a conclusão do ensino médio nós temos [incompreensível] em relação à privada. Na verdade [incompreensível] o Enem ou vestibular para entrar sabemos que avalia toda a educação, desde quando a pessoa começou a estudar e sem o ensino melhor que só é aberto a um grupo menor, na faculdade é um grupo maior mais abrangente ao grupo da escola pública não vai ter como [incompreensível] então,	O ponto de vista que deveria ser defendido pela bancada afirmativa é que as cotas raciais devem ser instituídas.

24		uma das melhores coisas foi a cota. A cota racial é uma	A bancada a
25		forma de também pedir desculpa às raças minoritárias no	princípio
26		Brasil e as cotas, sim são certas e as cotas sim diminuem e	apresenta uma
27		muito a desigualdade nesse país.	justificativa
28			que serviria
			para qualquer
			tipo de cota,
			sem ser
			específico para
			as cotas
			raciais, e por
			último
			acrescenta uma
			justificativa
			que está
			conectado com
			o tema, que é:
			J- Uma forma
			de redimir o
			passado do
			Brasil com as
			raças
			minoritárias e
			as cotas
			diminuem as
			desigualdades
			do país. A
			princípio ouve
			uma confusão
			de temas, já
			que a pergunta
			restringia a
			cotas raciais, e
			existem outros
			tipos de cotas.

29	Pesquisadora	Pronto? Então agora vocês tem até dois minutos para	
30		colocar os argumentos.	
31	Willian (BN)	Bom, embora as cotas raciais [que foi um meio de	A bancada
32		privilegiar] de reservar 30% das vagas das universidades	negativa não
33		ainda assim existe uma ideia de que o negro não tem	recupera a fala
34		capacidade suficiente de entrar no vestibular, na	da bancada
35		universidade por conta própria, ainda que tente o máximo	anterior, coloca
36		possível ajudar a eles, no seu futuro, eles não vão sentir o	seu argumento.
37		gosto de sentir assim de criar seu próprio futuro e cada um	Não deve ser
38		tem o direito de criar seu próprio futuro, no caso eu posso	instituída e a
39		escolher quem eu vou ser amanhã. No caso assim, as cotas	justificativa: o
40		raciais elas ajudam o negro, no caso, a ir avançando nas	negro não vai
41		universidades, mas o negro precisa assim, estar junto com	sentir o prazer
42		qualquer um independente de raça, como no artigo número	de superar as
43		cinco que diz que todos tem direitos iguais perante a lei,	dificuldades e
44		então as cotas raciais ela quebra essa lei.	todos são
45			iguais perante
46			a lei, as cotas
			seria uma
			forma de
			privilegio. A
			bancada
			começa
			antecipando
			um contra-
			argumento e
			respondendo-o
			.
47	Pesquisadora	Agora vocês tem um minuto para se organizar para a	.
48		próxima rodada ta?! ((alunos das bancadas conversam entre	
49		si por um minuto.)) Vamos lá? A equipe um ((fazendo	
50		referência a bancada afirmativa)) tem até dois minutos para	
51		contra-argumentar e a depois a equipe dois tem até dois	
52		minutos para argumentar ((fazendo referência a bancada	
53		negativa)	

54	Pedro (BA)	É certo que as cotas, que o negro tem o direito de fazer seu futuro, mas não é certo que a sociedade e o governo que não se meche pra fazer quase nada tire esse direito do negro. Se o negro vai entrar em uma competição com um branco de escola particular ele vai perder. Sempre vai ser assim, outra forma de desigualdade do nosso país. Se é para acabar a desigualdade é muito melhor do que fazer uma estátua em homenagem aos negros, pedir desculpa em público, muito melhor fazer as cotas. Não vai dar todas as vagas para quem veio de escola pública, mas vai dar uma boa parte, universidades públicas que foram feitos para pessoas que vinheram de escolas públicas, as pessoas de escolas particulares querem ganhar as vagas das escolas públicas e vão ganhar. A cota é um meio de acabar com isso, no século 21 a gente não pode ter mais desigualdades desse tipo, temo que tentar colocar na gente esse espírito de dizer, não , você pode, ninguém tá tentando colocar o negro pra baixo colocando cota, mas dar um futuro melhor pra ele. E o futuro melhor, pros seus filhos, para os seus descendentes. Temos assim, a cota é sim uma coisa boa, é certa e é a melhor forma de acabar com a desigualdade racial desse país.	A bancada negativa recupera a fala da bancada afirmativa para responder- Se o negro compete com o branco ele perde, (L59-61), reafirma que as cotas diminui a desigualdade. E novamente retoma o aspecto da diferença entre a educação básica privada e pública do país que não é o foco do debate.
78	Pesquisadora	Pronto? A bancada negativa tem até dois minutos para colocar os argumentos.	
80	William (BN)	Bom, as políticas de cotas mostram que incluir os negros por meio das cotas gera conflitos raciais nas universidades, um exemplo, essas cotas [incompreensível] causam uma inferiorização do [incompreensível] assim sendo [incompreensível] incapazes de obter sucesso por si próprio e por tais medidas , são consideradas inconstitucionais e representariam uma discriminação as avessas.	A bancada negativa novamente não retoma os argumento colocados pela bancada anterior, e coloca novos argumentos:

			não deve ser instituído por gerar conflitos nas universidades, gerar inferiorização, são inconstitucionais e seria uma forma de discriminação. O movimento cognitivo tem sido de fundamentar cada vez mais o seu próprio ponto de vista.
88 89 90 91	Pesquisadora	Pronto? Então agora vocês tem mais um minuto pra se organizar, ta? ((alunos conversam entre si)) Vamos lá? Mais dois minutos pra cada. Dois minutos para cada bancada.	
92 93 94 95 96 97 98 99 100 101 102 103 104	Pedro (BA)	Bem, você disse que na faculdade a cota gera preconceito racial. Todos nós sabemos que na faculdade estudam pessoas adultas capazes de saber o que é certo e o que é errado. E se continua com preconceito por causa das cotas, temos que criar medidas para tentar reprimir esse preconceito, esse tipo de preconceito por causa das cotas. Porque a cota, ela não é um meio criado pra pessoas inferiores, é simplesmente o governo dando uma ajuda a quem ele próprio não deu direito de entrar na faculdade por meios convencionais. Tem que fazer a cota por culpa dele próprio que não deu uma educação de qualidade que não se compara a educação privada do nosso país. Ele dá uma educação menor e tenta contribuir, tenta, tenta, tenta mudar	A bancada afirmativa retoma os argumentos apresentados pela bancada anterior para responder (L94-95) o primeiro contra-argumento apresentado é:

105		o país, essa situação com as cotas e as cotas sim, ajudam	na faculdade
106		minha gente, ajudam muito, muitas pessoas que vão entrar	existem
107		pelos cotas, vão ter um emprego melhor, um salário bem	pessoas adultas
108		melhor , vão sair bem melhor do que pessoas que não	que devem ser
109		entraram pelas cotas. Que são mais capazes de fazer, só que	capazes de
110		simplesmente uma prova que vai avaliar toda a situação	entender o
111		escolar daquela pessoa, ela não vai sair melhor que uma	mecanismo das
112		pessoa que vem de uma escola particular, que tem um poder	cotas. O
113		aquisitivo que tem o poder de pagar um ensino pré-	segundo é : se
114		vestibular, tendo o poder de estudar bem mais para aquela	existe
115		prova, nos trabalhos, a gente tem que analisar toda a	preconceito
116		situação pra podermos afirmar se as cotas são boas ou são	pelos cotas
117		ruins e até agora tudo levaria que as cotas são uma coisa	deve-se ser
118		boa. É uma coisa que vai ajudar muito as pessoas do nosso	punido o autor
119		país.	do preconceito.
120			Terceiro: a
121			cota é uma
			forma do
			governo ajudar
			a quem ele não
			oferece
			educação de
			qualidade. É
			interessante
			perceber na
			fala de Pedro
			que existe um
			movimento de
			avaliação das
			justificativas
			apresentadas a
			luz do contra-
			argumento. E
			parece-me que
			ele faz essa
			avaliação da

			qualidade por afirmar que “temos que avaliar para saber se é bom ou ruim” (L120-122)
122 123 124 125 126 127 128	William (BN)	Bom, diante das desigualdades raciais e das pressões do movimento negro, para a mudança desse quadro afirmou-se que tal sistema causa polêmica principalmente pelo fato de que estudantes que obtiveram melhor resultado nas universidades, na pontuação do vestibular também tem suas vagas retiradas por estudantes negros com pontuação inferior	Novamente a bancada negativa não responde aos contra-argumentos apresentados, colocando apenas novos argumentos, como o fato de que bons estudantes, independente de raça ou histórico escolar, perdem suas vagas para alunos cotistas que muitas vezes tem uma pontuação inferior.
129 130 131 132 133	Pesquisadora	Terminou? Nesse momento agora, se tiver alguma pergunta, se não ficou claro algum argumento, ai vocês tem a possibilidade de perguntar, ou alguém da platéia pode perguntar. Tem alguma pergunta? Só se não ficou claro	

134		algum argumento. Não? Então vocês tem agora até dois minutos pra preparar a conclusão.	
135 136 137 138 139 140 141 142 143 144 145 146 147 148 149 150 151 152 153 154 155 156 157 158 159 160 161 162 163	Pedro (BA)	Sabemos que a cota, não diminui totalmente a desigualdade, ela pode gerar um pouco mais de desigualdade e mais conflito entre as raças, mas sabemos também que sem as cotas esses conflitos vão ser muito maiores, vamos tirar o direito de alguns entrar na faculdade com as cotas, nós vamos dar o direito de quase todos entrarem na faculdade, e as cotas? Então o que é que nós podemos fazer pra melhorar isso? O número, a porcentagem de vagas para as cotas que o governo disponibiliza nas faculdades é um número um pouco elevado né? É o que nós podemos fazer pra tirar, diminuir ou até deixar esse número em um valor irrisório, aumentar o governo fazer aumentar o nível da educação das escolas públicas brasileiras enquanto não fizer isso, enquanto não começar ali, dentro da escola, no primeiro ano da escola da criança isso não vai acabar, enquanto isso não mudar as cotas vão continuar sendo o melhor método, então enquanto o governo não levantar a escola pública para o patamar das escolas particulares, nós não vamos poder diminuir e muito menos excluir as cotas, elas hoje, parando pra refletir são as melhores coisas que foram criadas para diminuir a desigualdade que existe nas escolas e nas [incompreensível] então assim, as cotas são boas até o ponto em que o governo levantar a escola pública, até igualar o nível da escola pública, quando o governo fizer isso, ai sim a gente pode tentar baixar as cotas, enquanto não a cota é sim o melhor meio.	Na conclusão da bancada afirmativa, eles retomam argumentos e apresentam uma ideia mais expandida, pois incorporam a fala da bancada negativa no seu discurso. Como gera desigualdade e conflitos (L141). E apresenta uma solução que tem em conta os dois lados da questão e os argumentos que foram apresentados. (L150-167). O ponto de vista não foi retirado, mas foi avaliado e incorporado a ele aspecto que parecem fortes

			da fala do oponente.
164 165	Pesquisadora	Agora a equipe dois tem até três minutos pra falar sua conclusão. Não, Não, dois minutos.	
166 167 168 169 170 171 172 173	William (B.N)	Como já falei aqui, todos somos iguais perante a lei [sem distinção de natureza] a solução encontrada para acabar com isso, e a entrada na universidade pública, analisando-se o poder aquisitivo do aluno e se ele estudou em escola pública durante o ensino médio e fundamental. Sendo assim, tanto as pessoas brancas, quanto negras teriam a maior possibilidade de acesso ao ensino superior público.	A bancada negativa retoma um argumento falado por ele de que todos são iguais perante a lei. A solução dada não tem demonstra ter sido feita após uma reflexão sobre os argumentos apresentados pela bancada negativa. A solução dada reafirma o ponto de vista inicial, e coloca uma nova possibilidade, a de se avaliar não por cotas,mas por poder aquisitivo.
174 175	Pesquisadora	Agora nesse momento, os juízes tem cinco minutos pra fazer sua avaliação e ai dar o resultado final. ((após cinco	

176		minutos as juízas voltam para frente do quadro pra dar o	
177		resultado.))	
178	Rahyssa	As equipes levantaram opinião fundamentada, mas na hora	Na avaliação
179		do diálogo uma das equipes deixou a desejar.	dos juízes a
			bancada
			afirmativa
			ganhou o
			debate por
			cumprir
			melhor as
			regras
			estabelecidas..
180	Ana Lúcia	E na hora da conclusão teve uma equipe que tentou, que	reconheceu
181		propôs uma solução para o problema e voltou os	que ouve falha
182		argumentos que ele tinha dado no início do debate e a	no aspecto do
183		equipe que venceu o debate, hoje, foi a afirmativa.	diálogo entre
			os argumentos,
			essa avaliação,
			demonstra que
			a avaliação é
			feita em cima
			da qualidade
			do raciocínio e
			não pelo
			aspecto
			persuasivo